

**FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
DIRETORIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E INOVAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

THIAGO COSTA MARTINS DA SILVA

**A MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO EM UMA DISCIPLINA ELETIVA DE
SOCIOLOGIA NUMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO MÉDIO EM CAMARAGIBE -
PERNAMBUCO: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

RECIFE

2023

THIAGO COSTA MARTINS DA SILVA

**A MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO EM UMA DISCIPLINA ELETIVA DE
SOCIOLOGIA NUMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO MÉDIO EM CAMARAGIBE -
PERNAMBUCO: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Fundação Joaquim Nabuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Prática de Ensino e Conteúdos Curriculares.

Orientador: Prof. M.e Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo.

RECIFE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Fundação Joaquim Nabuco - Biblioteca)

S586m Silva, Thiago Costa Martins da

A música como recurso pedagógico em uma disciplina eletiva de sociologia numa escola pública do ensino médio em Camaragibe – Pernambuco: uma intervenção pedagógica / Thiago Costa Martins da Silva. - Recife: O Autor, 2023.

122 p.: il.

Orientador: M.e Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo
Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – ProfSocio, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2023
Inclui bibliografia

1. Sociologia, Ensino Médio. 2. Música, Ensino. I. Araújo, Túlio Augusto Velho Barreto de, orient. II. Título

CDU: 316:78(813.4)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Thiago Costa Martins Da Silva

A MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO EM UMA DISCIPLINA ELETIVA DE SOCIOLOGIA NUMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO MÉDIO EM CAMARAGIBE - PERNAMBUCO: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Trabalho aprovado em 20 de Setembro de 2023 em banca online.

BANCA EXAMINADORA COM PARTICIPAÇÃO A DISTÂNCIA

Prof. M.e Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo.

Orientador (a)/Examinador Interno – ProfSocio/Fundaj

Prof. Dr. Allan Rodrigo Arantes Monteiro

Examinador Interno – ProfSocio/Fundaj

Prof. Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares

Examinador Externo – PPGS-UFPE

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida e por ter me proporcionado a oportunidade de construção e participação deste trabalho.

Aos meus pais, Maria de Lourdes Costa Martins da Silva e José Martins da Silva (In memoriam) pela educação dada desde criança a qual me levou aos caminhos das Ciências Humanas, especialmente das Ciências Sociais.

Aos meus familiares de forma geral, por todo apoio e incentivo ofertado durante todo o percurso do curso de Mestrado.

Aos colegas da turma que se tornaram grandes amigos e parceiros nas horas em que mais precisei.

À minha companheira Daniela Pimentel Amorim Rabello, parceira de lutas do dia-a-dia e do Mestrado, por feliz coincidência.

As minhas filhas, Maria Heloísa Leão da Silva e Maria Helena Leão da Silva, donde muitas vezes, direta ou indiretamente, contribuíram para a escrita desta Dissertação, sobretudo quando faziam silêncio (quando pedido por mim) ou quando me perguntavam – “falta muito papai?”. Um incentivo mais que necessário!

E, aos companheiros/as colegas, amigos/as de trabalho, toda Equipe Gestora e Corpo Docente da EREM Carlos Frederico do Rêgo Maciel, cuja mesma me apoiou e me ajudou em todo o processo de pesquisa e escrita desta linda caminhada.

Minha imensa gratidão a todas e todos!

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

(Paulo Freire)

RESUMO

O presente trabalho está para uma proposta de intervenção pedagógica, cuja mesma tem como objetivo verificar a presença e a influência da música na construção da formação de estudantes do Ensino Médio, na disciplina de Sociologia da Escola de Referência em Ensino Médio Professor Carlos Frederico do Rego Maciel, da Rede Pública Estadual de Ensino, situada no Município de Camaragibe, Região Metropolitana do Recife (Pernambuco). Para tanto, a intervenção se deu em aulas da disciplina Eletiva – O Ensino de Sociologia através da Música, por mim oferecida. O planejamento e o desenvolvimento desta intervenção pedagógica ocorreram em três etapas: a primeira construiu-se a partir da formação de uma turma com 26 estudantes dos primeiros anos do Ensino Médio, de forma optativa, donde a inscrição em eletiva (disciplina originada da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, Lei 13.415/17) fora ofertada na referida unidade de ensino a partir do primeiro semestre do ano de 2022, sendo as análises aqui trabalhadas no recorte do segundo semestre do ano em questão. No segundo momento, tivemos a parte didático-pedagógica que consistiu das aulas ministradas durante um semestre. As aulas ministradas contribuíram para a construção do currículo da disciplina eletiva com participação efetiva dos estudantes no intuito de relatarem e avaliarem o processo de aprendizagem quanto à relação música – Ensino de Sociologia, momento esse que descrevo no percurso deste trabalho. O método utilizado foi o qualitativo, segundo preconizado por Flick (2013), quando defende o seu uso por ser o mais adequado para a investigação sobre a opinião, costumes ou características de um determinado grupo de pessoas. Nosso propósito se ancora no trabalho de alguns estilos e gêneros musicais que fazem parte do cotidiano dos estudantes ao mesmo tempo em que se observa o processo de suas escolhas, o que os motivavam a “gostar”, se interessar por esses estilos e gêneros musicais. Para tanto, foram feitas consultas e observações em sala de aula, utilizando-se, inclusive, alguns instrumentos formais. De antemão, selecionamos alguns conceitos sociológicos para trabalhar os gêneros e as músicas por eles e elas apontados, tais como: identidades, cultura, desigualdades sociais, incluindo as questões étnico-raciais, de gênero e de classe. A partir destas etapas e aplicações se deu o processo de construção do texto procurando relatar as experiências vividas no percurso da disciplina eletiva, com base no referencial bibliográfico ao tema. A forma de análise realizada foi de uma intervenção pedagógica, visando compreender o significado da origem de estilos e gêneros musicais para os adolescentes e sua influência em suas vidas antes e depois do projeto tendo como plano de fundo os conceitos sociológicos trazidos para a sala de aula durante a eletiva. Após análises das entrevistas, das discussões e reflexões foi possível verificar de que maneira essas músicas influenciam esses estudantes na construção de suas identidades, na medida em que estes passam assim a desenvolver uma consciência crítica do seu papel de cidadão cultural no mundo.

PALAVRAS - CHAVE: Ensino de Sociologia. Música. Juventudes. Identidades. Desigualdades Sociais.

ABSTRACT

The present work is for a proposal of pedagogical intervention, whose objective is to verify the presence and influence of music in the construction of the formation of high school students, in the discipline of Sociology of the School of Reference in High School Professor Carlos Frederico do Rego Maciel, from the State Public Network, located in the Municipality of Camaragibe, Metropolitan Region of Recife (Pernambuco). Therefore, the intervention took place in classes of the elective discipline - The Teaching of Sociology through Music, offered by me. The planning and development of this pedagogical intervention took place, therefore, in three stages: the first was constructed from the formation of a class with 26 students from the first years of High School, in an optional way, from which the enrollment in an elective (subject originated of the National Common Curricular Base - BNCC, Law 13.415/17) had been offered in the said teaching unit from the first half of 2022, with the analyzes being worked on here in the second half of the year in question. In a second moment, we had the didactic-pedagogical part that consisted of classes given during a semester. Thus, it was during the classes that the elective discipline curriculum was built with the effective participation of the students in order to report and evaluate the learning process regarding the relationship between music and Sociology teaching, a moment that I describe in the course of this work. The method used was qualitative, as recommended by Flick (2013), when he defends its use as being the most appropriate for investigating the opinion, customs or characteristics of a particular group of people. Our purpose is anchored in the work of some musical styles and genres that are part of the students' daily life, while observing the process of their choices, what motivated them to “like”, to be interested in these musical styles and genres. For that, consultations and observations were made in the classroom, using even some formal instruments. Beforehand, we selected some sociological concepts to work with the genres and songs they pointed out, such as: identities, culture, social inequalities, including ethnic-racial, gender and class issues. From these stages and applications, the process of construction of the text took place, seeking to report the experiences lived during the elective course, based on the bibliographic reference to the theme. The form of analysis carried out was a pedagogical intervention, aiming to understand the meaning of the origin of musical styles and genres for adolescents and their influence on their lives before and after the project, having as a background the sociological concepts brought to the classroom during the elective. After analyzing the interviews, discussions and reflections, it was possible to verify how these songs influence these students in the construction of their identities, as these begin to develop a critical awareness of their role as cultural citizens in the world.

KEYWORDS: Teaching of Sociology. Music. Youths. Identities. Social differences.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2015/08/27	44
Figura 02 – Aula de instrumentos de Percussão.....	53
Figura 03 – Aula de instrumentos de Cordas.....	54
Figura 04 – Aula de Instrumentos de Sopro e Vocal.....	54
Figura 05 – Aula de Instrumentos de Teclas.....	55
Figura 06 – Aula de Teoria Musical.....	56
Figura 07 – Culminância da eletiva – narrando a Música.....	84
Figura 08 – Desenvoltura da apresentação teatral.....	84
Figura 09 – Discentes da unidade escolar assistindo a culminância da Eletiva.....	84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Escolha da eletiva.....	64
Gráfico 02 - Gêneros e Estilos musicais.....	65
Gráfico 03 - Gêneros e Estilos musicais que costumam ouvir no dia-a-dia.....	66
Gráfico 04 - Por quê?.....	67
Gráfico 05 - Como ouve música.....	68
Gráfico 06 - Onde ouve música.....	69
Gráfico 07 - Temas das músicas.....	70
Gráfico 08 - Interpretação da letra das músicas.....	70
Gráfico 09 - O que falam as letras das músicas?.....	71
Gráfico 10 - Gêneros e Estilos musicais para serem trabalhados na eletiva.....	72
Gráfico 11 - Conhecimento da sociologia.....	73
Gráfico 12 - Objetos de Estudo da Sociologia.....	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Distribuição de verba do ProEMI de acordo com o número de estudantes por unidade escolar.....	48/49
Tabela 02 – Horário das aulas da eletiva de teoria musical.....	51
Tabela 03 – Aulas de prática musical.....	52

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1 A JUVENTUDE E A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA ELETIVA	22
2.2 O NOVO ENSINO MÉDIO – BNCC LEI 13.415/2017 E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A ORIGEM DA ELETIVA: O ENSINO DE SOCIOLOGIA ATRAVÉS DA MÚSICA.	30
2.3 A ATUAÇÃO DA ELETIVA	37
3. O ENSINO DE SOCIOLOGIA ATRAVÉS DA MÚSICA	45
3.1 A ORIGEM DA DISCIPLINA ELETIVA DE MÚSICA.....	45
3.2 A ORIGEM DA ELETIVA: O ENSINO DE SOCIOLOGIA ATRAVÉS DA MÚSICA....	58
3.3 O PASSO A PASSO DA ELETIVA: DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS FORMATIVOS	74
4. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
6. APÊNDICE:	93
6.1 CRONOGRAMA DA DISCIPLINA ELETIVA – O ENSINO DE SOCIOLOGIA ATRAVÉS DA MÚSICA, APRESENTADO A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO.....	93
6.2 QUESTIONÁRIO SOBRE A ELETIVA (GOOGLE FORMS) - O ENSINO DE SOCIOLOGIA ATRAVÉS DA MÚSICA.....	101
7. ANEXO: DOCUMENTOS OFICIAIS	105
7.1 LETRAS DAS MÚSICAS TRABALHADAS EM SALA DE AULA.....	105
7.2 DOCUMENTOS QUE COMPROVAM A AQUISIÇÃO DO MATERIAL PARA A ELETIVA DE MÚSICA EM 2012 NA UNIDADE ESCOLAR EREM CARLOS FREDERICO DO RÊGO MACIEL.....	119

1. APRESENTAÇÃO

O “berço pedagógico” sempre foi um imperativo em meu seio familiar, tendo, pois, referências ímpares como minha mãe, socióloga aposentada, mulher de lutas e de muitas experiências, cuja mesma trabalhava na FEBEM, antiga FUNASE, e meu pai, sindicalista “raiz”. Isso significa que o universo da leitura, do imaginário social, das lutas sociais, de classe, etc. sempre foram “combustíveis” para uma reflexão sobre nosso papel no mundo tão quanto nossa missão enquanto sujeitos, seres humanos pertencentes a uma multiplicidade de diálogos os quais exigem de nós posicionamentos firmes e assertivos sobre certos fenômenos sociais.

Minhas experiências e referências não poderiam ser melhores já que meu pai, docente e militante sindical, sempre foi um espelho de coragem, luta e determinação. Dono de uma história pulsante, muito aguerrida, destaca-se entre familiares e amigos quando ao sair da cidade de Gravatá/PE ainda adolescente, na década de 1960, veio cursar Licenciatura em História na Universidade Católica (ocasião em que conheceu minha mãe). Logo após sua graduação, se tornou professor efetivo da Rede Pública de Ensino do Estado de Pernambuco. Vi meu pai várias vezes sair de Camaragibe, Região Metropolitana, com destino a Cruz de Rebouças, bairro de Igarapu, para dar aulas numa viagem de ida e vinda cotidianamente; o desejo de reencontrá-lo para partilhar afetos e um pouco de saber é indescritível.

Ao alvorecer do dia seguinte, me contava de seus alunos/as, dos trabalhos que os discentes faziam, enfim... Mais tarde, quando meu genitor passou a participar de encontros políticos os quais resultariam na formação do Sindicato dos Professores do Estado (SINTEPE), entre o final da década de 1980 e início de 1990, tive a experiência, mesmo que muito imaturo, de participar das primeiras lutas, manifestações de educadores e demais profissionais da educação em busca de melhores condições, de ter direitos mínimos assegurados, profissional e pedagógico.

Durante o Ensino Médio também recebi influências de dois professores das disciplinas de História e Geografia, os quais me levaram a optar pela Graduação em Licenciatura em Geografia no vestibular de 1998, na Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Mata Norte, Nazaré da Mata. Em 1999 já atuava como estagiário na Rede Pública do Estado de Pernambuco e, em 2008, devido à procura por estabilidade financeira, vim a ser aprovado em Concurso Público da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco para a disciplina de Geografia. Neste período, comecei a acompanhar o Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco (SINTEPE) com meu pai e a me envolver cada vez mais com a luta da Educação

a qual faço parte até os dias atuais. Em 2009 tive a oportunidade de lecionar Sociologia para o Ensino Médio e o encantamento foi imediato, ao mesmo tempo também desafiador.

Vejo hoje a docência em Sociologia como um meio pelo qual posso contribuir para a formação de cidadãos e cidadãs críticos e construtores de uma sociedade mais justa e menos desigual. Procuo aguçar essa criticidade, essa desnaturalização do que se apresenta como acontecimentos naturais em nossa sociedade, levando o discente a descobrir através das várias provocações das Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia e Ciência Política), com destaque para a Sociologia, o seu lugar enquanto indivíduo e ser social.

Em fevereiro de 2012, após seleção interna da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, para o programa de Escolas de Referência do Ensino Médio, fui lotado na EREM Professor Carlos Frederico do Rego Maciel, no Município de Camaragibe, onde a partir daí precisei desenvolver um projeto para lecionar uma disciplina eletiva. Isso ocorreu devido à grade curricular que já se adaptava ao modelo que, posteriormente, já seria exigido pela BNCC (lei 13.415/17) a partir de 2018. Através de incentivos da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEDUC) investimos em projetos extracurriculares nas escolas; pensei na referida proposta de intervenção utilizando a música em função da minha formação, também como Músico e por entender que a arte musical possui um elevado cunho cultural, popular e é de grande interação na vida cotidiana dos estudantes.

Entendo que a educação Musical é de grande valia para o processo de Ensino-Aprendizagem tendo em vista um melhor aproveitamento cognitivo, isto é, a Música amplia olhares e horizontes os quais permitem uma melhor reflexão, apreensão de saberes e diálogos. Assim, a formação, do ponto de vista da integralidade, compreendendo a interdisciplinaridade como um pressuposto importante no processo de aquisição de linguagem e de valores tendo a música como “fio condutor”, se amplia em vários contextos.

Uma concepção de Educação Musical, por exemplo, no contexto escolar com a qual também concordo é a de Carlos Kater (2012):

Uma Educação Musical consciente de suas condições de tempo e espaço; contemporânea e apta a conjugar as características do passado e do presente, bem como acolhedora e respeitosa tanto das expectativas quanto das particularidades culturais dos envolvidos. [...] a música em seu fazer humanamente integrador e transformador, o que significa desenvolverem seus potenciais, conhecerem-se melhor e qualificarem sua existência no mundo (KATER, 2012, p.42-43).

A Música realmente transforma, encanta e propicia reinvenções, cujo imaginário social se modifica na medida em que a humanização acontece, isto é, os sujeitos, no nosso

caso os/as alunos/as, se vêem acolhidos/as, representados/as para além da motivação em participar de demandas as quais falam de suas experiências, vivências e afetos. Dessa forma, bem no início do projeto cheguei a participar da montagem de uma banda musical na EREM Professor Carlos Frederico do Rego Maciel, com os estudantes no intuito de promover na unidade escolar eventos em que eles/as pudessem desenvolver na prática os conhecimentos adquiridos durante a disciplina. Durante o percurso, o grupo musical chegou a ser convidado para se apresentar em eventos da Secretaria de Educação (SEDUC) devido ao engajamento desses estudantes. Naquela ocasião originou-se a Disciplina Eletiva de Música na unidade escolar referida devido minha formação Técnica em Música pelo Conservatório de Música de Olinda (CEMO), entre os anos de 1993 e 1997, e em curso universitário pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), entre 1998 e 2000, cujo mesmo não cheguei a concluir. Mas, profissionalmente, continuei a vivenciar arte de ser músico e isso ampliou meus olhares e experiências, cuja finalidade é a troca de saberes e partilhas pedagógicas.

No âmbito da disciplina, no primeiro momento, trabalhamos com aulas práticas e teóricas. Ministrava aulas teóricas (uma aula com duração de 50 minutos) e alguns alunos/as que já tinham uma experiência maior com instrumentos musicais e canto fazia monitoria de prática de instrumentos musicais em horários que não comprometiam o curso da grade curricular do Ensino Médio.

Ao acreditar em uma educação musical comprometida com os sujeitos envolvidos e com o contexto sociocultural onde ela ocorre, busquei conhecer os/as alunos/as, a turma em si, suas experiências, vivências, habilidades, perspectivas, desejos, sonhos... Desde o primeiro contato com os mesmos foi possível perceber a relação entre a música e o cotidiano juvenil, uma ressonância a qual já pulsava antes mesmo da disciplina ser colocada em prática como proposta pedagógica. Observei, ainda, que muitos já tocavam instrumentos, cantavam e participavam de eventos relacionados à música dentro e/ou fora da escola. Eles/as demonstravam que a música era algo muito significativo em suas vidas, inclusive dentro da escola como um espaço de identificação e reconhecimento social. As músicas apreciadas pelos estudantes eram dos mais variados tipos, estilos, ritmos e gêneros musicais. Segundo Arroyo (2013), uma das principais características dessas músicas curtidas, apreciadas por esses jovens é que normalmente elas “[...] são consumidas e produzidas por jovens urbanos que vivem nas grandes cidades ocidentais e/ou fortemente influenciadas pela cultura norte-americana e européia” (p.23).

Em 2012 assumi a disciplina de Sociologia na unidade escolar. Quando da abordagem de assuntos como cultura, ideologias e desigualdades sociais busquei envolver a análise de gêneros e estilos musicais que pudessem ser interpretados e analisados, principalmente suas letras, canções e estilos, com o intuito de provocar a discussão destes temas na proposta curricular das Ciências Sociais, com destaque para a Sociologia. Trazer músicas do convívio dos alunos/as para essas análises em sala de aula tinha como um dos objetivos provocar-lhes o senso crítico e indagador sobre a construção, composição, arranjo, ritmo das músicas com relação ao meio social em que estão inseridos, para além da percepção no que tange o ambiente escolar como um espaço de reivindicação, de atuação coletiva, como os movimentos sociais, de identificação e mesmo construção de suas identidades.

Em 2020, durante a pandemia da Covid-19, fiz a seleção para o Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) e apresentei uma proposta de projeto de intervenção pedagógica a respeito da influência das mídias sociais sobre a formação do olhar sociológico dos/das estudantes de Sociologia. Mas foi durante o curso que percebi que podia unir a eletiva de Música e a disciplina de Sociologia em um projeto de intervenção que pudesse criar um meio didático pedagógico para a ministração das aulas de Sociologia.

A partir de 2021, quando comecei a produzir material para o Mestrado Profissional em Sociologia (ProfSocio), surgiu a ideia de unir os estudos das Ciências Sociais com a formação dos gêneros e estilos musicais enfatizados pela vivência das culturas locais e de massa da comunidade escolar. A disciplina procurou trazer o estudo das origens e análises da formação de gêneros musicais que fazem parte do cotidiano dos estudantes da unidade escolar com as orientações didático-pedagógicas da disciplina de Sociologia. Porém, ainda em meio à pandemia provocada pela Covid-19, o desenvolvimento desta disciplina eletiva esbarrou num processo de aulas híbridas que trouxeram como consequência uma baixíssima adesão dos estudantes ao projeto em questão.

A partir das experiências vividas neste percurso e com a volta do ensino 100% presencial na Rede de Ensino das Escolas Estaduais em 2022, elaborei uma proposta de intervenção pedagógica com alunos/as da Escola de Referência em Ensino Médio Professor Carlos Frederico do Rego Maciel, a qual se localiza na cidade de Camaragibe, na Região Metropolitana do Recife (RMR), em Pernambuco. Este trabalho vem sendo realizado através da disciplina eletiva há um pouco mais de um ano. A disciplina eletiva dispõe de aproximadamente 45 vagas para os alunos/as do 1º Ano do Ensino Médio, porém, a

participação dos mesmos, numericamente, chega a 30 alunos/as. Isso significa que mais de 80% das vagas ofertadas são devidamente ocupadas por estudantes que visam avultar seus conhecimentos musicais sobre a visão sociológica no ambiente escolar, o espaço aonde vivem, suas identidades e outras categorias abrangentes. A forma de seleção é bem natural ao passo em que quem procura cursar a eletiva normalmente já tem uma convivência com o ramo da Música e participam de eventos e projetos sociais na escola e na comunidade local. Neste trabalho, a turma analisada é narrada como experiência e intervenção pedagógica, diz respeito a 26 estudantes que optaram em cursar a disciplina no segundo semestre do ano de 2022.

Esse novo olhar sociológico, tendo como base uma disciplina eletiva a qual fomenta a Música como um pressuposto de aprendizagem multidisciplinar já diz muito positivamente sobre os alicerces da nova BNCC, cujo novo currículo de Pernambuco já é realidade nas unidades de ensino do Estado. Logo, o que se diz, noutras palavras, é que os alunos/as têm a oportunidade de aproximarem-se da Sociologia não apenas como disciplina ou Ciência em si, mas como um meio de reconhecerem-se partícipes de toda proposta sociológica a qual dispõe suas estruturas, tendo em vista os conceitos, os arcabouços teóricos e outros.

Um detalhe importante para ressaltar é que a Sociologia, enquanto Ciência a qual faz parte da grade curricular passou a ser ofertada, apenas, no 2º Ano do Ensino Médio a partir de 2022, de acordo com a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo de Pernambuco. Contudo, alguns aspectos são importantes a destacar, primeiro: o Novo Ensino Médio reduz a carga horária de Sociologia de 120 horas para 80 horas, ou seja, essa diminuição, mais uma vez de acordo com a BNCC, nos coloca enquanto professores em um grande desafio. Isso quer dizer que a diminuição da carga horária também reflete na receptividade da Ciência durante o percurso de formação do aluno/a no Ensino Médio. Essa mudança não leva em consideração a criticidade, o olhar social mais atento sobre o cotidiano enquanto ferramenta dialógica entre estudantes, em suma, o ambiente, as relações sociais, etc.

Como professor da disciplina de Sociologia na referida unidade escolar e também docente da eletiva de Música desde a origem das eletivas no sistema de Ensino Integral da Rede de Educação Estadual, procurei neste momento uma integração interdisciplinar que possa trazer a abordagem das Ciências Sociais dentro da análise literária de letra das canções, melodia, rítmica e harmônica de gêneros e estilos musicais do cotidiano dos estudantes com intuito de provocar neles os aspectos de estranhamento, desnaturalização e identidade, como proposto pelos conteúdos de Sociologia e preconizados pela legislação e também presentes, por exemplo, no Livro Didático Sociologia do Desenvolvimento, da Editora Moderna,

adotado na EREM no triênio 2018 – 2021, além da coleção adotada pelo Novo Ensino Médio para estudantes do 1º Ano, a partir do ano de 2022.

À vista disso, esta intervenção pedagógica teve como proposta fazer um levantamento bibliográfico sobre o uso da Música como instrumento de ensino de Sociologia, além do mais analisar este material em suas propostas didático-pedagógicas e, a partir de então, construir um programa de aulas com a participação efetiva dos estudantes, que aborde a temática durante o ano de 2022, cujas ações culminem em respostas para alguns itens abaixo descritos, considerando o tipo de gênero (feminino/masculino), a faixa etária, o poder de consumo (classe social), a influência no processo de construção literária (letra), rítmica e harmônica das obras musicais. Assim sendo:

- Há referência de “gosto” musical paterna e materna acerca de determinados tipos de músicas?
- Como se dão as influências da mídia e indústria cultural na formação do “gosto”, produção e apreciação musical desses jovens estudantes?
- Como os/as estudantes percebem a temática e conceitos das Ciências Sociais dentro da origem de gêneros e estilos musicais?
- Os problemas de desigualdades e estratificações sociais têm influência na formação dos gêneros, estilos e letras musicais?
- A Música representa um dos meios com o qual os indivíduos constroem suas identidades na sociedade em que vivem e podem servir também como meio de reivindicação e luta por aceitação de seus projetos de vida na sociedade em que estão inseridos?

Após o levantamento dessas informações e dados e de trabalhá-los qualitativamente, tracei um perfil dos/das estudantes a fim de contribuir para demarcar um referencial teórico que sirva de instrumento para o trabalho da disciplina de Sociologia a partir do uso da Música e formação de gêneros e estilos musicais como instrumento didático-pedagógico. Além dos recursos já citados, também utilizei na disciplina eletiva alguns instrumentos musicais, material bibliográfico da área de Ensino da Música, no caso, livros paradidáticos, dissertações de mestrados as quais escreveram suas obras a partir de suas vivências acadêmicas e sociais, vídeos e documentários encontrados em plataformas de mídia como a Netflix e You Tube. A proposta também buscou como culminâncias ao final de cada semestre trabalhado em 2022, a exposição por parte dos alunos/as das experiências vivenciadas durante o percurso da

disciplina eletiva, uma apresentação teatral a partir de música escolhida por eles/as que retratem sua formação e que fomente as questões de estilos e gêneros musicais, peça teatral essa que abarque o envolvimento entre música e convívio social e debates entre alunos/as e docentes da unidade escolar sobre as influências da Música no âmbito da disciplina das Ciências Sociais.

Vale salientar que o intuito desta intervenção pedagógica não é de fazer um estudo comparativo ou algum julgamento entre as músicas em diversas épocas com as músicas atuais, pois entendo que as músicas refletem a sociedade de sua época e com isso as formas de aprendizagens sofrem alterações, sobretudo, em relação à produção musical e sua formação social. Com o tempo, até a formação do/da jovem e sua percepção perante a sociedade mudam. Então, se faz importante compreender essas modificações. De acordo com Michael Bozon (2000), “as práticas musicais” estão diretamente relacionadas ao social e “[...] constitui [em] um dos domínios onde as diferenças sociais ordenam-se da maneira mais clássica e marcante” (BOZON, 2000, p.147). O que isso quer dizer? As diversas formas artísticas as quais sinalizam a Música como uma experiência múltipla, plural e identitária reforçam o caráter pedagógico da mesma bem quanto sua importância diante de uma sociedade em constante transformação, ou seja, uma sociedade não estática, mas “metamórfica” socialmente.

É pertinente a análise da velha máxima entre a teoria e a prática. Não foi na universidade que aprendi a lidar com o aluno/a, com os problemas cotidianos de domínio de sala, do que se acostumou dizer hoje, do “chão da escola”. Isso se estende não só na questão pedagógica, do conteúdo, mas também do lidar com os problemas sociais, psicológicos, físicos que o estudante traz para a escola, para sala de aula.

A reciclagem, a formação continuada do profissional em Educação, levanta questões de um debate muito profundo que encontramos na Rede de Ensino Fundamental e Médio do governo do Estado de Pernambuco. Na realidade, vivemos uma “formação” do Técnico em Educação, daquele que desempenha bem seu papel burocrático, que apresenta números satisfatórios, que sabe manusear as ferramentas tecnológicas da atualidade. A formação do cidadão na sua plenitude crítica, intelectual passa a não ser tão importante para o mercado de trabalho competitivo e empreendedor o qual precisa de indivíduos que (apenas) saibam lidar com as ferramentas apresentadas pelo sistema produtor de capital.

Aprendi e aprendo muito mais como profissional da Educação no fazer do dia a dia do que na formação universitária. As experiências vividas no cotidiano da sala me trouxeram

mais formação acadêmica do que os anos de universidade e é através dessas experiências, do trabalho com os estudantes, da vivência e das formações a partir dos conceitos e teorias das Ciências Sociais que nasceu esta disciplina eletiva do Ensino de Sociologia através da Música.

Esta pesquisa procurou realizar uma intervenção pedagógica a partir da oferta da disciplina eletiva, Ensino de Sociologia através da Música, ofertada a estudantes do Ensino Médio da EREM Professor Carlos Frederico do Rego Maciel, no Município de Camaragibe/PE, cujos objetivos foram:

- Levantar dados bibliográficos acerca de outras experiências de Ensino de Sociologia através da análise de gêneros e estilos musicais;
- Identificar as preferências musicais dos/das estudantes da disciplina eletiva ofertada;
- Analisar os gêneros e estilos musicais que influenciam a construção das identidades daqueles/as estudantes;
- Avaliar o uso da música no processo de Ensino-Aprendizagem dos/das estudantes durante e ao final da disciplina eletiva ofertada;
- Elaborar um roteiro que permita a replicação na EREM Carlos Frederico do Rego Maciel e na Rede Pública Estadual por outros/as docentes.

A metodologia seguiu como referencial teórico a obra de Uwe Flick (2013), *Introdução à Metodologia de Pesquisa*. A obra serviu de base para elaborar os seguintes passos:

- Revisão da literatura: consistiu na leitura e busca de material bibliográfico que tem conteúdo teórico e conceitual a fim de dar embasamento à intervenção e à utilização dos conceitos utilizados;
- Planejamento da intervenção pedagógica: consistiu na montagem do plano de aulas da disciplina junto à EREM Carlos Frederico do Rego Maciel;
- Uso do método qualitativo: opção por ser o mais adequado para a investigação sobre a opinião, costumes ou características de um determinado grupo de pessoas.

- Coleta e análise dos dados empíricos e teóricos, inclusive do material bibliográfico levantado;
- Após este período foi feita a avaliação da intervenção a partir da organização do material relativo à sua produção e do conhecimento gerado que possa ser utilizado em outras experiências similares;
- Por fim a produção da escrita do Trabalho de Conclusão de Curso e, conseqüentemente, suas considerações finais.

A intervenção pedagógica se deu em ambiente escolar onde ministrei a referida disciplina eletiva. Nesse contexto, obtive informações e dados a partir de observações de trabalhos didático-pedagógicos em sala de aula com os/as estudantes sob minha orientação, como professor. O trabalho se deu a partir da formação de uma turma com estudantes do Ensino Médio do Primeiro Ano, os quais foram admitidos na disciplina de forma optativa a partir do interesse e vivência com o seu conteúdo. Para tanto, observei os critérios previstos na resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), bem como os aspectos apontados pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) e a Comissão Nacional de Ética e Pesquisa (CONEP), os quais balizaram todo o processo ético do trabalho aqui realizado. Assim, foi desnecessário submeter ao Comitê de Ética já que toda a atividade ocorreu segundo a dinâmica já estabelecida e cumprida para o oferecimento de disciplinas eletivas na EREM Professor Carlos Frederico do Rego Maciel, segundo o que estabelece a Secretaria Estadual de Educação e a legislação pertinente.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A JUVENTUDE E A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA ELETIVA

A desnaturalização e observação dos fenômenos sociais têm centralidade nas Ciências Sociais. Em meio a essa problemática, o trabalho aqui proposto também procura produzir respostas a seguinte questão: Quais são as influências e produções de cunho musical que incidem sobre a formação do senso crítico, da identidade e da cidadania do/da aluno/a de Sociologia no processo de Ensino-Aprendizagem?

Certos gêneros e estilos musicais da atualidade podem ser vistos como grandes agentes educacionais que influenciam a formação do senso crítico e de identidade social e cultural dos indivíduos e aí se inserem os/as alunos/as do Ensino Médio. A função da Sociologia como disciplina nessa fase do processo educacional dos estudantes permite condições de análise e indagações a respeito dos problemas causados pelas desigualdades sociais e suas estratificações, bem como a formação identitária através das várias culturas e os processos de relações políticas que influenciam esses fenômenos sociais. Sobre isso, destaca-se o seguinte dispositivo legal: Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB, 1996), cuja mesma já discorre sobre as expectativas do ensino de Sociologia:

[...] Outra questão importante sobre essa intermitência da Sociologia no currículo do ensino médio decorre de expectativas e avaliações que se fazem de seus conteúdos em relação à formação dos jovens. Muito se tem falado do poder de formação dessa disciplina, em especial na formação política, conforme consagra o dispositivo legal (LDB nº 9.394/96, Art. 36, § 1º, III) quando relaciona “conhecimentos de Sociologia” e “exercício da cidadania [...]” (OCNs, p. 104).

As mazelas sociais fazem parte do meio em que vários dos/das estudantes da escola em questão se encontram inseridos e tem nas expressões artísticas uma forma reivindicatória, na busca por reconhecimento de suas identidades e lugar no ambiente social do qual fazem parte, ou seja, a ideia de pertencimento. O estudo dos processos de formação de gêneros e estilos musicais e suas construções perpassam pela formação cidadã e se faz presente, cada dia mais, na formação intelectual e crítica de jovens e adultos que estão inseridos no contexto do currículo do Novo Ensino Médio. E, aqui, com ênfase, no Ensino de Sociologia. Como afirma o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997) em sua obra *Sobre a Televisão*:

[...] A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la. A sociologia, como todas

as ciências, tem por função desvelar coisas ocultas; ao fazê-lo, ela pode contribuir para minimizar a violência simbólica que se exerce nas relações sociais e, em particular, nas relações de comunicação pela mídia [...] (BOURDIEU, 1997 p. 22).

Sendo uma proposta de intervenção, ou seja, de propor a realização de uma disciplina eletiva no campo das Ciências Sociais/Sociologia, hoje não mais obrigatória no currículo, através do uso da música, procurei, igualmente, buscar informações, dados a partir de entrevistas com os/as estudantes do Ensino Médio da EREM Carlos Frederico do Rêgo Maciel, no Município de Camaragibe, ou seja, os quais optaram por cursar a eletiva. O Pretendido é que estes/as respondam aos questionamentos a respeito do acesso aos vários gêneros e estilos musicais presentes na escola em que estudam e no cotidiano de seus lares, e de que forma esses acessos influenciam suas atitudes sociais no espaço em que se insere bem quanto na construção de suas identidades.

Com isso, é possível observar quais produções de gêneros e estilos musicais têm influência direta e indireta na formação do senso crítico dos alunos bem como na observação e percepção do que se procura naturalizar enquanto meio de produção cultural e artística, desvendando, quiçá, algumas ideologias hegemônicas, e promovendo a observação e participação das produções musicais que buscam, por exemplo, protestar e reivindicar nossos espaços na sociedade capitalista, desigual e estratificada, da atualidade, a exemplo da produção do grupo de rap Racionais, o movimento Manguebeat, a influência do Reggae no Brasil nos movimentos sobre a questão do racismo, entre outros.

É importante considerar o que Bourdieu (1989) fala no sentido “das coisas simbólicas”, isto é, o simbólico como instrumento de dominação e vontade de uma determinada classe hegemônica sobre outra, donde se podem observar as relações de poder e subserviência a partir de uma estrutura a qual coloca os sujeitos e seus condicionantes sob a égide da dominação; um manda e o outro obedece. Essa premissa nos permite reiterar a ideia de que quando os alunos se percebem produtores de cultura, já imersos na própria identidade cultural da qual fazem parte estão, na verdade, comungando da possibilidade de ascensão em relação ao sistema de dominação tendo em vista que os sistemas simbólicos:

[...] cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a «domesticação dos dominados»>> (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Obviamente que se fala de forças e relações externas sociais as quais determinam a dinâmica entre o comandante e o comandado. Essa constatação nos condiciona a trocas simbólicas de poder, de modo que os dominados ao se reconhecerem dentro dessa estrutura passam também a reconhecerem outras formas de produção de poder tendo nessa perspectiva uma autonomia a qual determinante para a elaboração de papéis sociais importante, considerando a liberdade de produção de saber a partir de uma autonomia crítica e emancipatória, ou seja, rompendo com estruturas de poder, cujas mesmas sinalizam a capacidade de impor sua vontade sobre um determinado grupo social. Entende-se, portanto, que a luta de classes é por si só simbólica de modo que essa condicionante ajuda a revelar um mundo de conflitos e de interesses pautados na vontade do mais forte sobre os mais fracos, os subordinados impondo o que o autor chama de “definição de mundo”, ou seja, essa definição segue as regras de interesses privados, cujas tomadas de decisões ancoram-se em “[...] posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. (BOURDIEU, 1989, p. 11)

Sabendo dessas assertivas é de bom tom dizer que a proposta aqui tratada busca oportunizar, falando de outra forma, os saberes plurais dos alunos/as a partir da referida eletiva de modo que esses/as estejam e sejam condutores de um saber e significados já impressos em suas próprias produções artísticas.

Assim sendo, nesta seção, que, diferentemente do que planejava inicialmente, decidi desenvolver este projeto de eletiva na modalidade “intervenção pedagógica”, partindo do pressuposto da experiência enquanto professor da Rede Pública de Ensino, experiência com a Música tão quanto com a disciplina de Sociologia, cuja trajetória ampliada com a realização do ProfSocio. Além disso, entendo que, em se tratando de Mestrado Profissional, de fato, a intervenção pedagógica é a modalidade mais adequada para docentes com o meu perfil. Também conforme expresso no próprio Manual de Trabalho de Conclusão do ProfSocio, quando prevê que “[...] a. Sua produção se distinguirá do mestrado acadêmico. O ensino de sociologia será o foco central de seu trabalho” [...]. Para, em seguida, explicitar o que é a intervenção pedagógica:

Consiste na elaboração de um conjunto sequencial de atividades para aulas de sociologia ou de um conjunto de ações a serem realizadas no âmbito da escola e entorno, com vistas a aplicar uma perspectiva sociológica que promova a sensibilização de gestores, qualifique a prática docente e/ou aumente a inserção da escola na comunidade, a partir de temas e problemas diretamente vinculados ao contexto da sociologia como disciplina escolar. Será uma intervenção inédita elaborada pelo mestrando e deverá vir acompanhada de uma fundamentação consistente, de um passo a passo de sua elaboração e de uma análise sistemática de

seu desenvolvimento em sala de aula. Nessa modalidade também se inclui análises inéditas de experiências didáticas (cotidianas ou extraordinárias) realizadas pela/o docente e que resultam em fontes para refletir sobre o perfil e sociabilidade das/os estudantes e as condições, impasses e possibilidades da/o professora/r para o ensino da sociologia. (<https://profsocio.ufc.br/wp-content/uploads/2021/10/manual-tcc-profsocio.pdf>).

Buscando entender um pouco mais do público alvo que é o grande foco desta pesquisa, precisei analisar com mais ênfase teórica o que vem a ser o jovem na atualidade, desde uma proposta que apresente mais dados relativos à faixa etária e de forma legislativa até as questões dos estudos empíricos e sociais que procuram desvendar as práticas, vivências e costumes dos jovens nas relações de convivência comunitária e escolar. A proposta é através da possível delimitação desta fase, procurar desenvolver características que façam parte deste período que é a juventude. Assim, trago entre alguns autores, um artigo do Márcio Luiz Bernardim e da Mônica Ribeiro da Silva (2017) intitulado “Juventude(s) e Ensino Médio: da inclusão escolar excludente aos jovens considerados nem-nem” (Disponível em: www.univali.br/periodicos). Eles trazem neste artigo dados de ordem estatística e legislativa sobre a juventude os quais sinalizam o perfil do público em questão para que se possa aprimorar a formação didático-pedagógica das aulas a serem ministradas durante a eletiva.

Assim, através dos dados levantados no texto, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), os jovens são aqueles indivíduos que compreendem idades entre 15 e 24 anos, mas para a Constituição Federal Brasileira esta fase está compreendida entre 15 e 29 anos.

A discussão perpassa sobre a análise desta fase sobre duas perspectivas: a primeira é a caracterização através das alterações biológicas e a outra diz respeito às questões psicológicas. Esta forma encontra problemas em se definir devido à dificuldade em se delimitar a transição para a fase adulta por se tratar de um momento de muitas instabilidades e turbulência.

Duas correntes surgem nesse processo de delimitação da fase juvenil que são a geracional ou funcionalista e a classista ou marxista. A primeira delimita o período através de um recorte etário e homogêneo; já a outra busca fazer uma análise da classe social que esses jovens compartilham e das possibilidades históricas que compartilham. Ainda de acordo com o pensamento classista ou marxista, o tempo etário dos jovens tem relação direta com a expectativa de vida e as questões socioeconômicas que estão em seus cotidianos.

Procurando analisar e trazer dados que buscam distinguir a fase juvenil, o artigo apresenta um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2012) em que de acordo com esse há um aumento da independência financeira de jovens em relação aos pais,

porém nem sempre com a saída domiciliar. Com relação aos gêneros, as mulheres têm saído mais cedo de casa, observando assim que a “independência” financeira passa também a ser fator preponderante na delimitação da fase juvenil além de outras questões como a diferença etária de acordo com o sexo. Portanto, se torna interessante ao Estado que as políticas públicas devam promover aos jovens a oportunidade na esfera social de independência da família e do próprio Estado, respeitando os aspectos socioeconômicos entre os que são/estão menos favorecidos e os que têm mais oportunidades no âmbito financeiro.

Outros pontos abordados no texto e que procuram servir de dados para essa análise da faixa etária juvenil são: as nuances entre periferia e centro (oportunidades, natureza orgânica, condicionamentos socioculturais), aspectos ideológicos e culturais. Como citam os autores, “Boa parte dos jovens confrontam-se, portanto, com um passado de esperanças, um presente de grave vulnerabilidade material e de negação da subjetividade, e um futuro sem perspectivas de melhoria”.

Outros dados também incorporados ao texto e que valem de grande reflexão para a realidade juvenil, são os índices de violência nesta faixa etária onde 60% estão associadas a homicídios e a grande maioria é de negros. Isso se deve a falta de políticas públicas mais uma vez e também ao desrespeito de suas condições juvenis de linguagem e de valores próprios, condições de suas vivências em comunidade.

As pesquisas citadas neste artigo também trouxeram discussões com relação aos jovens no mercado de trabalho. Neste ponto, podemos elencar a questão da remuneração salarial, que entre os pais se torna mais importante do que a satisfação de seus filhos com a profissão “escolhida”. Ainda nessa perspectiva, se observa a escolha de empregos voltados mais para o setor mercantil e a desvalorização de outras áreas como docência e meio artístico. Entretanto, é possível destacar um aumento da quantidade de jovens matriculados na escola nas décadas de 1990 para o ano de 2015 tendo como grande missão a permanência destes nas escolas até, pelo menos, a conclusão do Ensino Médio. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP, 2016), grande parte desses jovens ainda está fora da escola. A falta de oferta cada vez maior do ensino noturno se torna um grande entrave para formação intelectual e profissional do jovem brasileiro.

A Música ainda é um dos grandes desafios docentes principalmente quando a colocamos em transversalidade com outras ciências, aqui no caso, a Sociologia, pois, faz parte de um processo da ludicidade, da vivência muitas vezes mais práticas do que teóricas dos indivíduos, tornando-a assim um grande desafio como disciplina pedagógica. Durante o percurso dessa intervenção pedagógica percebi que a Música enquanto gênero e estilo musical

descrevem as características e formação socioculturais e de identidades onde estão inseridos os discentes da comunidade escolar na qual leciono.

As obras de Bell Hooks (2013) são por si só transcendentais para esta pesquisa porque busca entre tantos valores, o de liberdade e não há como falar de liberdade sem rupturas, mudanças, quebra de paradigmas, preconceitos e todos os sufixos “ISMO” (sexismo, machismo, racismo, feminismo) aos quais esses jovens estão inseridos. Logo de início, em uma das suas grandes obras literárias – Ensinando a Transgredir, Hooks (2013) nos conta como transgredir. Talvez para nós, a palavra transgredir está mais familiar tanto quanto ir de encontro ao que nos foi posto, mas a autora narra como foi colocar esta transgressão em prática no período do apartheid, aonde a escola frequentada por ela era um lugar fundamentalmente político, de resistência na luta antirracista. E durante esta leitura, descrevi em meus pensamentos a trajetória de vários dos meus alunos e alunas que se deparam diariamente com a condição de marginalização devido à cor da pele ou ao fato de ser mulher. Essas “influências” negativas fazem parte da construção de identidade dos (as) jovens que dentro das escolas procuram encontrar suas identidades e é muitas vezes na música ou nos gêneros e estilos musicais que encontram formas de se pronunciar e de protestar.

Assim, Hooks (2013) conta que aprendeu muito cedo que a devoção ao estudo era um ato contra hegemônico para resistir às estratégias de colonização, o que a leva a falar em uma pedagogia anticolonial. A linguagem convidativa em forma também de denúncia é muito familiar porque é tudo muito atual aqui no Brasil, no nosso estado, nas nossas escolas. E por falar em Brasil, Hooks (2013) cita nosso Patrono da Educação - Paulo Freire em vários momentos de sua redação.

Assim, podem-se fazer várias intertextualidades a partir da obra de Hooks (2013) e/ou citar várias obras de Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, as quais abordam temáticas diversas também com ênfase na Educação e Mudança, na Ação. A “Pedagogia da Autonomia” (2011), por exemplo, tendo em vista a reflexão como experiência diante da diversidade cultural, o que também nos desafia a pensar sobre uma prática educativa que seja dinâmica, uma verdadeira “ação” de modo que a relação que se estabelece com o diferente em torno da busca pelo conhecimento se torne uma atividade, jamais uma situação de inerte. Isso significa que tanto Hooks (2013) quanto Paulo Freire (2011) convergem acerca da ideia conceitual sobre a dinâmica cultural e social.

A autora referencia o contexto escolar como lugar que tratam das questões de classe, questões estas “abafadas” do contexto de sala de aula. O que encontramos é a imposição de valores burgueses, das classes dominantes que na Sociologia chamamos de indústria cultural e

cultura de massa, donde observamos uma imposição de classe para estudantes, de mercado para futuros consumidores e/ou proletários a esse sistema.

Portanto, a obra de Hooks (2013) promove reflexões as quais repousam nas mudanças da educação que não dependem única e exclusivamente do sistema político educacional. Bell Hooks (2013) sinaliza que a sala de aula não deve ser lugar de tédio. O processo de aprender tem que ser prazeroso e desafiador. Por fim, ela endereça um capítulo sobre o erótico, no que ela considera como pedagogia engajada. Tal engajamento precisa sempre se manter como processo de Ensino-Aprendizagem, onde o desejo presente nas obras é a mudança como prática libertadora e para isso, é preciso estar atento para o real e o ideal que se encontram na pedagogia engajada, o multiculturalismo em sala de aula, a necessidade da teoria e o valor da prática, a experiência, a importância da língua (linguagem), a primordialidade de levarmos em consideração ao que Paulo Freire (2011) já defendia, ou seja, é preciso diminuir o distanciamento entre a teoria e a prática.

Outro grande autor que trago com grande teor de contribuição para a discussão neste trabalho é o Juarez Dayrell, cujos artigos intitulados como “O Rap e o Funk na Socialização da Juventude” e “A Escola “faz” as Juventudes? Reflexões em torno da Socialização Juvenil” têm conteúdos bastante relevantes sobre a formação de identidades juvenis no ambiente escolar no século XXI. A primeira obra me é mais relevante devido a ser um trabalho o qual foi realizado diretamente com a produção musical do Rap e do Funk por jovens da periferia de Belo Horizonte - MG - e que converge diretamente com o que procuro trazer na disciplina eletiva. Nesta análise, Dayrell (2002) procura descrever o processo de socialização destes jovens através da produção musical destes gêneros, como também a construção de suas identidades no contexto econômico, político e social dos quais estão inseridos.

Há uma dicotomia entre o mercado de trabalho (como fonte de renda e “independência familiar”) e o que se pode fazer com afinidade, que é a produção musical dentro do Rap e do Funk, estilos e gêneros musicais que são muitas vezes buscados por esses jovens devido a sua construção denunciadora das realidades de desigualdades sociais das periferias do Brasil, desigualdades estas não só com relação as questões de classes sociais, mas também vinculadas a questão do preconceito racial. O artigo de Dayrell (2007) sobre o convívio social dos jovens junto à instituição escolar levanta questionamentos os quais podemos retomar como já citado mais a cima. Quem são esses jovens no século XXI? Quais são seus meios de sociabilidade, de interação com a instituição escolar e com os amigos, os colegas, a família, os meios de comunicação digital, em massa? Para ele, a escola precisa mais de transformações

do que os estudantes que nela se encontram. Muitas vezes esta juventude não tem encontrado identidade com o ambiente no qual passam o maior tempo de sua formação juvenil. Como diz o próprio autor logo no início do texto:

“Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe” (DAYRELL, 2007 p. 1106).

E mais uma vez, a questão do mercado de trabalho para esses jovens se torna um entrave para com o meio educacional, já que vivenciamos uma realidade juvenil que perpassa pela obrigação de já, muito cedo, ter que estar empregado ou subempregado para poder ajudar com as contas ou até sobrevivência familiar. Segundo Dayrell (2007):

É necessário situar as mutações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho que, no Brasil, vem alterando as formas de inserção dos jovens no mercado, com uma expansão das taxas de desemprego aberto, com o desassalariamento e a geração de postos de trabalho precários, que atingem, principalmente, os jovens das Camadas populares, delimitando o universo de suas experiências e seu campo de possibilidades (DAYRELL, 2007 p. 1108).

Assim sendo, a Eletiva de ensino de Sociologia através da Música se propõe como opção para estes estudantes, entre outras, de aguçar a percepção, crítica e de desnaturalização dos processos mercadológicos aos quais estão inseridos, entendendo e formando suas identidades através da construção e interpretação de estilos e gêneros musicais. Observando nas canções um dos processos pelos quais também possa servir de reivindicação de melhores condições de vida, da luta por igualdades sociais como cidadãos, seja no mercado de trabalho, seja como negro, também como mulher ou qualquer identificação sexual.

Dessa forma os textos trazem palavras que nos remetem as ideias centrais como: criação, mudança, conhecimento, aceitação, sensibilidade, identidade, reformas, luta, etc. Todavia, cabe não somente falar em mudança. É preciso criar meios para que ela realmente aconteça. Mais uma vez parafraseando Bell Hooks (2013), é preciso transgredir para trilhar o caminho de uma prática de liberdade.

Por tanto, a intenção da intervenção pedagógica é utilizar a Música como recurso metodológico, como processo formador de desenvolvimento da identidade sociocultural do estudante. Por isso, a disciplina de Sociologia, chama a atenção para as concepções de educação escolar do documento e dos meios que este apresenta, mesmo para desenvolver as

competências formativas, quanto para fazer a transformação que se necessitam, na sociedade, em especial, na qual estes estudantes estão inseridos.

Dessa forma, acredito que esta eletiva tem proposta educativa para cidadania e se entrelaça nas bases da ciência social que busca a formação de cidadãos com senso crítico para perceber, desnaturalizar, intervir e transformar o ambiente em que vive e se socializarem, mas não para se desenvolverem como meros coadjuvantes das relações de mercado e sim para que possam tender a tratar os conhecimentos historicamente e socialmente acumulados como meios e não como fins em si mesmos.

2.2 O NOVO ENSINO MÉDIO – BNCC LEI 13.415/2017 E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A ORIGEM DA ELETIVA: O ENSINO DE SOCIOLOGIA ATRAVÉS DA MÚSICA.

Procurando fazer uma análise histórica dos processos de “contrarreformas” da educação brasileira, os autores do artigo “Resistir é preciso, fazer não é preciso”: As contrarreformas do Ensino Médio no Brasil, Marise Nogueira Ramos e Gaudêncio Frigotto (In. Cadernos de Pesquisa em Educação - PPGE/UFES. Vitória, ES. a. 14, v. 19, n. 46, p. 26-47, jul./dez. 2017), buscam uma análise das questões socioeconômicas do país, desde sua formação colonial, até as transformações mais diretas do meio educacional, no século XX e as duas primeiras décadas do século XXI que irão culminar com a lei 13.415/2017 da nova BNCC. E aqui é que se insere a importância do processo de formação de eletivas que busquem trazer uma maior carga horária para esses estudantes dentro das disciplinas que se tornaram itinerários formativos (não obrigatórias em todo o percurso do Ensino Médio e conseqüentemente com uma redução drástica de sua carga horária), aqui, em particular, a Sociologia.

O texto citado procura chamar a atenção e analisar alguns momentos históricos mais recentes que trouxeram grandes perdas para a classe trabalhadora brasileira e também para a formação educacional dos jovens brasileiros. Entre esses acontecimentos podem ser elencados o governo ilegítimo de Michel Temer (2016), o novo regime fiscal, as reformas trabalhistas, da previdência e a educacional.

Durante o processo de formação histórica e da democracia brasileira, tivemos governos liderados pelas classes dominantes com produção voltada para os centros hegemônicos e endividamento mediante empréstimos externos. Neste sentido o texto cita

alguns pesquisadores que procuraram em seus trabalhos propor resistência ao domínio capitalista europeu e norte americano através de suas obras literárias. Por exemplo: Florestan Fernandes (1973, 1974) com críticas ao modelo capitalista dependente e desigual que se instaura no Brasil; Francisco Oliveira (2003), que em uma de suas obras descreve a sociedade brasileira como “[...] uma sociedade que se configura num monstrengo social (Ornitorrinco) que tem na manutenção da miséria a condição de seus privilégios” e Luiz Fernando Veríssimo (2015) o qual afirma que “[...] está no DNA da classe dominante brasileira, que historicamente derruba pelas armas se for preciso, toda ameaça ao seu domínio seja qual for sua sigla”.

Historicamente, como já dito, ditaduras e golpes antidemocráticos buscaram salvaguardar o domínio do capital na economia e sociedade brasileira. A partir de então surgem às contrarreformas no plano econômico, político, educacional e cultural. É nesse sentido que se propõe a discussão das reformas e contrarreformas no Brasil, no Ensino Médio, na educação brasileira. A proposta trazida neste texto é de criar uma ação contra hegemônica à lei nº 13.415/2017 que causa uma educação submetida à lógica de mercado, que restringe o acesso da classe trabalhadora ao conhecimento sistematizado e limita a trajetória escolar fazendo com que os estudantes não prossigam nos estudos para o nível superior.

Ainda procurando traçar um perfil da educação brasileira, é possível fazer uma análise do investimento por parte do governo brasileiro na educação profissionalizante e tecnológica. Podemos citar a lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971, em plena ditadura militar, que buscou trazer o ensino profissionalizante em todo o 2º grau (antigo Ensino Médio).

Essa lei tinha como proposta naquele período, formar mão de obra qualificada para atender a forte expansão do parque industrial brasileiro, vinculada a entrada de multinacionais no país, a partir do endividamento da economia nacional através do financiamento econômico do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Nesse mesmo período, há uma rejeição por parte da Classe Média ao Ensino Técnico e o Ensino Profissionalizante obrigatório. O que significa dizer que tanto o ensino técnico quanto profissionalizante torna-se optativo a partir da Lei Nº 7.044 de 1982, havendo, pois, mudanças gradativas tanto na oferta quanto na estrutura pedagógica a qual fundamenta as modalidades de ensino.

Os anos das décadas de 1970 e 1980 são marcados por um período de resistência e lutas da classe trabalhadora as reformas que acontecem sobre a liderança dos representantes da “ditadura empresarial militar”. É nesse momento histórico que é criado o PT (Partido dos Trabalhadores) em 1981 e no mesmo ano a CUT (Central Única dos Trabalhadores), além da

criação da Associação Nacional de Educação (ANDE) em 1977, a criação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED) em 1978 e a criação da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) em 1985 através dos professores e pesquisadores Dermeval Saviani, Luiz Antônio Cunha e Gaudêncio Frigotto, aumentando a carga horária das disciplinas de formação geral.

Anos depois, já na década de 1990 voltamos a ter retrocessos nos governos de Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso, posteriormente. Neste período tivemos o decreto nº 2.208 que voltou a regulamentar a educação profissional nas escolas de Ensino Médio como obrigatória. E neste mesmo período surgem as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) com suas Habilidades e Competências que vão regular todo o Ensino Fundamental e Médio trazendo mais uma vez um modelo voltado para formação técnica e para o mercado de trabalho vinculado aos investimentos do mercado externo através de financiamentos de bancos como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Mais uma vez, com o intuito de se contrapor às reformas na educação promovidas pelo governo neoliberal e mercantilista de Fernando Henrique Cardoso entre os anos de 1995 e 2002 aproximadamente, trabalhadores em educação e pesquisadores nacionais e internacionais se reúnem nos congressos nacionais em educação (CONEDs) 1996 e 1997, ambos em Belo Horizonte/MG para traçarem estratégias que possam criar uma frente ampla e como contrarreforma as ações do Governo Federal à época.

Na década de 2000, com a eleição de Luís Inácio Lula da Silva (Lula) do Partido dos Trabalhadores (PT) em 2002, para a presidência da república as classes trabalhadoras viram-se representadas, sobretudo, a educação, cuja mesma consegue reagir e criar uma frente ampla, política, econômica e social que buscará o acesso e permanência dos jovens de todo Brasil no Ensino Médio com direcionamentos para a progressão destes no Ensino Superior. Entre tais mudanças estão à revogação do decreto nº 2.208/1997 em 2004, a lei nº 11.892/2008 - Ensino Médio Integrado, a ascensão e valorização da política de Projeto Político-Pedagógico nas escolas, dando autonomia às várias realidades educacionais nos municípios e estados brasileiros. Dentre outras conquistas apostaram na formação do Ser com conhecimento profissional e intelectual. Porém, já na década seguinte, este processo é mais uma vez interrompido pela nova BNCC, lei 13.415/2017.

Com o golpe político de 2016 e a ascensão de Michel Temer à presidência do País voltamos a conviver com novas reformas neoliberais tanto quanto com “traços” neofascistas, cujas mesmas culminam em ações diretivas como o congelamento de investimentos em áreas

sociais (Educação, por exemplo) a partir da Emenda Constitucional (EC) 94/2016. Também é possível destacar a reforma trabalhista em 2017 sob a ótica da lei nº 13.467/2017, o movimento Escola sem Partido e o Movimento Todos pela Educação. A proposta é que reconheçamos que a luta persiste e que precisamos continuar combatendo essas reformas provindas das classes dominantes. A disciplina eletiva abordada aqui como uma intervenção pedagógica funciona também como mecanismo de luta, resistência, isto é, uma forma de “rompermos” com as dificuldades impostas pelas leis vigentes, proporcionando aos estudantes um maior contato com as ciências humanas, em especial com a Sociologia. Ademais, o que se faz imperativo no momento, para além das contrarreformas foi a revogação da lei nº 13.415/2017 a qual tem procurado implantar o Novo Ensino Médio, em Rede Nacional.

Segundo a atual BNCC (Lei 13.415/2017), documento legal o qual é alvo de muitos artigos científicos e protestos por parte da categoria educacional no Brasil, assevera que estes educandos, ao final do Ensino Médio, sejam capazes de construir sua autonomia para o mercado de trabalho com formação ética, cidadã, sustentável, democrática, inclusiva, crítica e solidária. Mas, entre tantas críticas que este documento vem sofrendo, é possível destacar alguns pontos importantes a partir do artigo intitulado “A flexibilização do Ensino Médio no contexto do regime de acumulação flexível”, de Kuenzer (2017), cujo mesmo afirma que:

[...] A redução da formação comum a, no máximo 1800 horas, a hierarquização das disciplinas e a escolha precoce por uma área especializada de estudos em um período em que o jovem ainda está se preparando para fazer suas escolhas, para o que necessita ter o maior contato possível com as diferentes áreas [...] (KUENZER, 2017, p.336).

Isso se torna um percalço no seu processo de formação gradual do Ensino Médio, isto é, na formação continuada do estudante. E no caso da Sociologia temos a particularidade da introdução da disciplina num eixo chamado de Itinerário Formativo, o qual possibilita aos estudantes a opção de não cursar a disciplina durante todo o Ensino Médio. Esse contexto talvez favoreça a ampliação da interferência dos vários gêneros e estilos musicais disponibilizados pelas mídias sociais no cotidiano destes estudantes, em seus discursos políticos. Por exemplo, a indústria cultural termina por direcionar as “escolhas” desses jovens, pois parece haver mesmo uma influência mercadológica cada vez maior a qual interfere diretamente na formação de estudantes tecnicistas, empreendedores e deslocados da visão crítica do cotidiano de suas vidas, o que estaria de acordo com a lógica da própria Reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/2017). Assim, estamos participando da formação de uma sociedade

que tem dificuldade na prática do processo de estranhamento e desnaturalização do cotidiano que os cerca, ou seja, afastando-os dos princípios básicos que se esperam dos estudantes das Ciências Sociais. Como disse o filósofo francês Guy Debord (1997), citado por Kuenze (2017), em seu livro *A sociedade do espetáculo*:

O que a mídia reproduz é a verdade; os ídolos midiáticos definem formas de linguagem, posturas e padrões de consumo; a ética é substituída pela estética e o que atrai e motiva é a conjugação de movimentos, cores, formas de sons, integrados pelas mídias de forma cada vez mais espetacular. A estetização da violência e a banalização das injustiças fazem parte da sociedade do espetáculo (DEBORD apud KUENZE, 2017, p. 347-348).

O que o autor sugere é que somos tomados por uma particularidade do mercado e nessa particularidade está impresso o “DNA” da norma e do padrão a ser seguido. Diz, pois, sobre a busca constante da utopia normativa ao mesmo tempo em que nos convida a pensar sobre nós mesmos enquanto produtos desse mesmo mercado o qual visa o consumo como experiência espetacular. Somos a cobaia do mercado ao mesmo tempo em que a experiência da utopia!

Mais a frente é interessante pensar sobre uma questão, ou seja, além das dificuldades no que diz respeito às influências até aqui citadas na vida dos jovens estudantes do Ensino Médio, é também o espaço onde se dá o processo de formação social dos/as estudantes das redes públicas de ensino os/as quais vivem numa realidade de desigualdades sociais cruciais para a formação e acesso científico dos/as mesmos/as. Ainda em relação a atual BNCC, citada acima, é possível perceber em sua construção que existe a falta de um olhar mais humano e social para com problemas que faz parte do cotidiano desses/as jovens, os quais elevam suas dificuldades de acesso e formação cidadã e profissional quando comparados, por exemplo, aos/as estudantes que são originários de famílias com melhor poder aquisitivo.

O que se observa é que a BNCC deveria contribuir para corrigir problemas antigos das Redes Estaduais de Ensino Médio, tais como falta de professores para várias disciplinas, precariedade das condições de materiais das escolas, precariedade do acesso a laboratórios de informática, quadras poliesportivas para prática de jogos e atividades culturais bem como o aumento da dificuldade do acesso dos jovens que trabalham devido à carga horária aumentada para sete horas. Do ponto de vista mercadológico tem-se o inverso, ou seja, o mercado “diz” muito sobre o modelo de ensino nas escolas públicas tão quanto sugere outro perfil para o aluno do Ensino Médio; dizer que ele/a, o aluno/a dessa modalidade, torna-se mais consumista a partir dessas práticas controladoras não é demasiadamente uma insanidade.

Como trabalhar e investir na formação “cidadã” do/da estudante de Sociologia, esse/a já tão bombardeado pela indústria cultural e midiática atual, que passa a ter duas aulas semanais apenas no segundo ano do Ensino Médio, de acordo com o Currículo de Pernambuco (2021)? Como discutir a inserção da disciplina como parte do Itinerário Formativo sem a devida formação técnica dos professores em Formação Continuada para tal especificidade?

Como afirmam a maioria dos docentes e pesquisadores na área de educação em todo o Brasil é preciso criar mecanismos políticos e científicos para que essa lei 13.4015/2017 seja revogada ou no mínimo reestruturada no intuito de buscar correção de suas ações legislativas e executivas que comprometem a formação cidadã e científica dos estudantes do Ensino Médio na atualidade.

Em artigo publicado no último quadrimestre do ano de 2022 pela prof. Dr. Márcia Ângela Aguiar (atual presidente da FUNDAJ) na revista científica COLETIVA, observou-se que essa luta por revogação do Novo Ensino Médio (NEM) é contínua e se dá principalmente nas esferas acadêmicas e legislativa com o apoio dos movimentos estudantis e sindicais de todo o país. Nesse artigo intitulado de “Implementação da (contra) reforma de Ensino Médio em questão: a reação da comunidade acadêmica”, a princípio, a autora faz um resgate histórico e cita os processos no âmbito legislativo entre os anos de 2016 e 2017 que culminaram com a Reforma do Ensino Médio: a emenda constitucional 241, o projeto de lei 55/2016, a PEC 95 e a Medida Provisória 746/2016 que culminara em Fevereiro de 2017 com a lei 13.415/2017.

E sobre esse processo inicial de implementação da nova BNCC e transformações na estrutura curricular do Ensino Fundamental e Médio no Brasil, diz a professora Márcia Ângela Aguiar que:

A Lei 13.415/2017 altera, portanto, a estrutura do ensino médio então vigente, com conseqüências para a organização da educação básica; ainda amplia a carga horária mínima anual do ensino médio, progressivamente, para 1.400 horas; determina a obrigatoriedade do ensino de língua portuguesa e matemática nos três anos do curso; restringe a obrigatoriedade do ensino da arte e da educação física à educação infantil e ao ensino fundamental, tornando-as facultativas no ensino médio. Neste caso, faculta a oferta de outros idiomas, preferencialmente o espanhol (AGUIAR, 2022).

Entre os anos de 2017 e 2021 os Estados e Municípios da Federação brasileira passaram por um processo de adaptação e implementação da nova BNCC que culminou com o Novo Ensino Médio (NEM) como prática político pedagógica nas escolas públicas do país

em Fevereiro de 2021. Neste mesmo período também cresceram os movimentos de revogação da lei 13.415 nas várias esferas da sociedade civil dando origem ao movimento REVOGA JÁ o qual também proporcionou um evento proposto por várias entidades sindicais e do meio acadêmico que foi a CONAPE 2022, na cidade de Natal/RGN entre os dias 15, 16 e 17 de Julho de 2022.

A proposta deste encontro foi de construir um documento que buscasse nas esferas legislativas provocar o debate de revogação da nova BNCC. Desse encontro surgiu A CARTA ABERTA PELA REVOGAÇÃO DA REFORMA DO ENSINO MÉDIO (2022), documento composto com 10 razões para revogação do Novo Ensino Médio assinado por mais de 100 entidades sindicais e do meio acadêmico, entre elas a CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), a Campanha Nacional pelo Direito a Educação e a REPU (Rede Escola Pública e Universidade). Entre várias colocações propostas “afirma o documento que “a Lei 13.415/2017 demonstra compromisso umbilical com um projeto de educação avesso à democracia, à equidade e ao combate das desigualdades educacionais”, e elenca vários argumentos que reforçam esta posição” (Aguiar, 2022).

Como já citado, durante o percurso da nova BNCC, ocorrem vários movimentos que buscam revogar a aprovação e implementação desta lei. Pela comunidade estudantil este artigo cita a ocupação de escolas em todo o país como um grande movimento social e destaca a ocupação da Escola Barbosa Lima, localizada na cidade de Recife/PE em 2016. Um marco estadual na luta contra o Novo Ensino Médio (NEM).

É importante destacar no texto as perdas de grandes conquistas durante os governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003 a 2010) e Dilma Roussef (2011 a 2016) que foram o PROEMI (Programa Ensino Médio Inovador) e o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio além da ampliação no desenrolar da aprovação da lei 13.415/2017 da influência mercantilista propiciada pelo governo Michel Temer (2016) e também de grandes empresas que terão neste percurso um grande crescimento financeiro e de influência midiática sobre o processo educacional dos estudantes das escolas públicas e privadas do nosso país. Mais uma vez, parafraseando a professora Márcia Ângela Aguiar (atual presidente da FUNDAJ):

[...] a lei desregulamenta a profissão docente, tendo em vista a construção de itinerários formativos que objetivam a aquisição de competências instrumentais, desenraizando a formação da atuação profissional, como também pela oferta das disciplinas da educação profissional por não docentes, contratados precariamente para lidar com jovens em ambiente escolar; amplia e acentua o processo de desescolarização, terceirizando partes da formação escolar para agentes exógenos ao sistema de educação e às escolas (como empresas; institutos empresariais;

organizações sociais; associações e pessoas sem formação profissional para as atividades de ensino) (AGUIAR, 2022).

A fala da Professora Márcia Ângela Aguiar nos permite refletir sobre a precarização do ensino como proposta mercantilista tanto das mídias quanto das empresas as quais lucram com esse cenário desastroso, mais ainda pelo Estado uma vez que deveria fomentar políticas emancipatórias, tecendo o inverso como diálogo e usando da manutenção do discurso como didática de controle político. Por esse ponto de vista, é importante destacar a proposta aqui apresentada como parte de um processo de reinvenção, de luta, de reconstrução de ideias e de fomento a uma didática que não só eduque politicamente, para o mercado de trabalho, mas para a vida, para a formação cidadã e para o pensamento crítico, elemento fulcral o qual aposta na formação de um cidadão criativo, interativo e mais humano.

2.3 A ATUAÇÃO DA ELETIVA

O ofício do profissional de Sociologia é bem mais que meramente dar aula, mas também procurar fazer com que o/a estudante veja além daquilo que ele/a entende como verdade e “natural” às suas vidas, uma vez que é importante destacar a problemática da Sociologia, quer dizer, “É o problema que encontram os sociólogos: tornar extraordinário o ordinário; evocar o ordinário de maneira que as pessoas vejam a que ponto é extraordinário” (BOURDIEU, 1997, p. 27-28). No livro “Sobre a Televisão” Pierre Bourdieu (1997) a crítica pertinente está na chamada “lógica de mercado”, isto é, de que forma o mercado impôs ao sistema televisivo suas normas, quer dizer, até que ponto o domínio sobre temas voltados a política, economia e cultura consolidariam o entretenimento como extensão dos domínios públicos (?). Assim, tem-se uma pauta de interesse coletivo.

Propor um trabalho no campo das Ciências Sociais através da análise de gêneros e estilos musicais se justifica, mais uma vez ressaltando, devido à minha própria observação e vivência diária na escola a qual atuo, donde é possível visualizar alunos e alunas imersos numa fragilidade do ponto de vista do social e da dominação da lógica de mercado, ideologicamente falando. Segundo o filósofo Antônio Gramsci (1891-1937), citado em Silva e outros (2016), é preciso construir na sociedade um grupo de intelectuais que sejam das classes trabalhadoras, que se oponham ao processo de dominação das classes hegemônicas, processo que ele denominou de contra hegemonia.

Logo, o corpo discente envolvido com a disciplina eletiva em Sociologia dispõe de uma perspectiva de análise e olhar mais aprofundado sobre as influências que o campo

ideológico trazido através da arte musical exerce sobre a formação das identidades culturais e sociais aos quais estão inseridos. Mais uma vez, parafraseando o Patrono da Educação Brasileira, “[...] a ideologia dominante é inculcada na mente e na prática dos indivíduos por meio do processo educacional” (FREIRE apud SILVA e outros, 2016, p. 78). Ainda mais, segundo o pensador, “[...] o modelo de educação adotado em nossa sociedade produz exclusão, desigualdade e miséria, além de manter a submissão das classes populares a elites dominantes” (Ibidem).

É importante ressaltar que quando falamos em gêneros e estilos musicais na atualidade, precisamos entender que os aspectos desses estão cada vez mais próximos e com bem mais poder de influência sobre os indivíduos devido ao advento da internet e seus sites de entretenimento e relacionamento. Assim, o alcance é bem mais amplo e complexo. Buscar material dissertativo acerca de outras experiências similares sobre estes canais de acesso midiático e suas influências nos dias de hoje, e confrontá-los, também fazem parte do processo o qual foi desenvolvido neste trabalho.

Já que o alcance e influência desse meio de comunicação, que é a música através das redes sociais, mídias televisivas, aplicativos de celulares, entre outros, tem trazido à tona uma terminologia intitulada como “quarto poder”, fazendo alusão aos poderes de organização política constitucional (Poder Legislativo, Executivo e Judiciário), é possível perceber que se trata de um tema rico em informações e conteúdo, do qual se faz necessário um olhar crítico e analítico por parte dos que trabalham com a Sociologia por ter grande influência no processo educacional na atualidade.

Buscando externar algumas especificidades, do ponto de vista da ação e do processo de aprendizagem a partir do Ensino de Sociologia na escola a qual atuo, inquiremos, pois, destacar a construção de gêneros e estilos musicais que visam denunciar e analisar as desigualdades e problemas sociais no intuito de trazer a luz do conhecimento produzido uma razão, do ponto de vista da racionalidade, social e crítica, conquanto, através da arte musical. Dentre vários gêneros musicais pode-se citar o Rap. Nascido na periferia estadunidense viajou vários quilômetros e chegou ao Brasil influenciando as produções musicais das nossas áreas urbanas mais periféricas, mais marginalizadas ao mesmo tempo em que construiu um legado artístico o qual vem fazendo frente às produções midiáticas de mero consumo e procurando cantar e falar sobre a vida e os problemas nas favelas, nos guetos, nas comunidades.

Em uma das grandes obras e tomando como exemplo de produção deste gênero, os MC's Racionais construíram em 1997 um álbum intitulado “Sobrevivendo no Inferno”, o qual marcaria o cenário musical brasileiro e mudaria de forma acentuada as análises e visões sobre

a vida nas regiões mais pobres do nosso país. Este grupo, baseado na denúncia de três grandes massacres que ocorreram nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, na década de 1990 (Massacre do Carandiru, Chacina da Candelária e Chacina de Vigário Geral) produziram um álbum com 12 músicas, cujo mesmo procurou denunciar e evidenciar os problemas sociais enfrentados por essas comunidades nos grandes centros urbanos e periferias.

Como cita o Professor de Literatura Brasileira, da Universidade de Pernambuco (UPE), Acauam Silvério de Oliveira, na obra literária “Sobrevivendo no Inferno”:

A atuação do grupo foi decisiva para fazer do rap muito mais que uma simples representação da periferia. Sua radicalidade e seu senso de “missão” (afinal, “rap é compromisso”, já dizia Sabotage) ajudaram a desenvolver um espaço discursivo em que os cidadãos periféricos puderam se apropriar de sua própria imagem, construindo para si uma voz que, no limite, mudaria a forma de enxergar e vivenciar a pobreza no Brasil (OLIVEIRA, 2014, p. 23).

O cenário social, pois é trazido neste trabalho como proposta de intervenção pedagógica em relação aos estudos das origens de outros gêneros e estilos musicais como o Reggae, donde se busca fazer denúncia contra o preconceito racial. Destaca-se, também, o movimento intitulado Mangubeat, que procurou cantar os problemas sociais das periferias do Recife através do compositor e cantor Chico Science, e continua nos dias de hoje com a Nação Zumbi, entre outros, inclusive aqueles que possam ser apontados pelos/as próprios/as estudantes, fazem parte do referencial teórico e do material da intervenção pedagógica, que procurou, no contexto da arte musical, trazer o estudo dos problemas sociais e para a construção de identidades de jovens, que já são investigados e trabalhados pelas Ciências Sociais.

Trabalhos de dissertações que fazem a investigação no campo da educação, nas escolas de Ensino Médio do país e que pautam a intervenção da música como instrumento de apoio pedagógico ajudam no processo de compreensão do papel do ensino de Sociologia bem como reforça o arcabouço teórico para implementar ações afirmativas quanto a prática docente.

Entre esses trabalhos é interessante citar o de conclusão de curso de Mestrado de Música pela Universidade de Brasília, de Tânia Maria Silva Rêgo, intitulado “Jovens, interações e articulações com a aprendizagem musical no contexto do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão (Campus Monte Castelo)” (2013). A presente pesquisa propõe uma intervenção pedagógica com jovens estudantes de Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - Campus

Monte Castelo. O que chamou a atenção nesta obra é que a mesma se tratou de uma pesquisa com jovens do Ensino Médio e como a produção e contato com vários gêneros e estilos da música popular brasileira influenciaram o processo de formação social, cidadã destes/as estudantes os quais participaram desse trabalho. A metodologia adotada perpassa por uma análise da música como processo de construção do indivíduo na sociedade o qual está inserido. Entre as várias citações contidas no texto, podemos destacar a de Rego (2013) a partir do autor John Blacking (1973), quando ele traz que:

A música é uma síntese dos processos cognitivos que estão presentes na cultura e no corpo humano: as formas que assume, e os efeitos que têm sobre as pessoas, são gerados pelas experiências sociais de corpos humanos em diferentes ambientes culturais. Porque a música é som humanamente organizado, ela expressa aspectos da experiência dos indivíduos na sociedade. (BLACKING apud REGO, 2013, p. 25).

Aqui está uma síntese do imaginário social e musical, quer dizer, os modelos afetivos tecidos a partir do gênero musical em consonância com o processo de formação continuada do estudante do ensino público. No que fomenta a maturidade cognitiva é importante dizer tratar-se de um importante alicerce ao processo de aquisição de linguagens a partir das experiências as quais fomentem a criticidade como um importante pilar para a construção de saberes.

Outra obra a qual foi analisada e utilizada como referencial teórico é a Dissertação de Mestrado de Isabel Cristina Oliveira da Silva (2018) na área de Educação, na Universidade Federal de Sergipe. A pesquisadora realizou um trabalho numa unidade escolar localizada no alto sertão de Alagoas, na cidade de Delmiro Gouveia (Escola Estadual Luiz Augusto), intitulado “Juventude e Expressividades Musicais no Espaço Escolar do Alto Sertão de Alagoas”. Na pesquisa, Silva (2018), que é docente da escola, utiliza gêneros e estilos musicais para descrever e analisar a formação do espaço sócio geográfico dos/as estudantes em meio às questões de flagelo da seca, problemas econômicos e sociais voltados à distância dos grandes centros urbanos (Região Metropolitana e Capital).

Através de suas análises sobre as atuações e envolvimento desses jovens com a arte musical no ambiente escolar e em seus cotidianos na comunidade em que vive, a autora procurou desconstruir a ideia de que existe um atraso ou defasagem sociocultural dos mesmos devido às suas origens em relação ao local, ambiente em que vivem situação econômica, etc., por ocuparem uma classe social desprovida de acesso a bens materiais e de consumo. Este trabalho buscou desnaturalizar o pensamento ideológico de que o povo sertanejo da região nordestina não tem acesso ao capital cultural das grandes metrópoles urbanas e procurou traçar o perfil de jovens, que envolvidos por meio das mídias digitais, diminuem essas

distâncias e também proporcionam a estes o acesso aos processos de produção de suas próprias identidades sociais e culturais.

As relações de estudantes do Ensino Médio com o meio musical, cultural, midiático, pontuadas na pesquisa de Silva (2018), ultrapassam os muros da escola e é possível perceber e analisar que a construção identitária destes jovens não tem necessariamente dependência direta com o ambiente geográfico ou capital cultural e social ao qual estão inseridos.

De acordo com Silva (2018), o pesquisador Lucas Gibin Seren, citado por Silva (2018), Mestre e Doutor em Educação Escolar, considera que a educação escolar, juntamente com a família já não são as únicas fontes de influência na formação do “gosto” musical dos jovens. Para aquele autor (Seren apud Silva, 2018, p. 34), “[...] na atual conjuntura midiática, no império da cultura de massa, essas duas instituições arrefeceram sua responsabilidade no processo de formação do *ethos* musical’, dando abertura para as relações entre os amigos e espaços de interação, como as praças, ruas e redes virtuais de socialização” (SILVA, 2018, p. 34).

No mesmo trabalho, Silva (2018) cita outro pesquisador, Luiz Antonio Groppo, quando este afirma que:

Os sujeitos circulam por entre tribos, criando e recriando inúmeras identidades fluidas e contraditórias’. Na atual sociedade, as relações se tornam mais plurais e ativas, fornecendo aos jovens a possibilidade de interligar os costumes de sua classe a outros interesses culturais, construindo estilos próprios. Geralmente, os estilos ganham dimensões comerciais, induzindo jovens de distintas realidades à adoção dos mesmos (GROPPO Apud SILVA, 2018, p. 35).

O modelo de socialização, hoje muito mais midiático nos mostra o poder que o mercado exerce sobre os jovens tão quanto de suas realidades, isto é, os modelos de sociabilidade são mais controladores e excludentes ao mesmo tempo. Os jovens se tornam reféns de uma política de consumo, da apropriação do medo e do caos regulador tendo o mínimo como discurso e a sobrevivência como estilo de vida.

Avançando em mais uma Dissertação como referência, nos deparamos com Anderson Messias Roriso do Nascimento, cujo mesmo aborda de forma magistral o Hip-Hop praticado como street dance em duas escolas particulares da rede educacional de Brasília em Dissertação intitulada “O hip hop como experiência estética: apropriações e ressignificações por jovens do Ensino Médio privado”.

A Dissertação procurou observar a influência desse gênero musical sobre jovens os quais buscam através desse estilo ir além das características musicais, de estilo de vida; as

vestes, a linguagem criada, entre outras, que procuram ser mais que canções e fazem o papel de denunciara discriminação étnico-racial e de afirmação identitária dos mesmos, independentemente da classe social. A partir de Herschmann, citado por Nascimento (2011):

O estilo de vida e as práticas sociais dos grupos revelam um tipo de consumo e de produção que os desterritorializa e reterritorializa, A partir do funk e do hip-hop esses jovens elaboram valores, sentidos e identidades e afirmam localismo, ao mesmo tempo em que se integram em um mundo cada vez mais globalizado. Ao construir seu mundo através do improviso, da montagem de elementos provenientes também de uma cultura transnacionalizada, em cima daquilo que está em evidência naquele momento, esses jovens, se não ressitua sua comunidade, amigos e a si mesmo no mundo, pelo menos denunciam a condição de excluídos da estrutura social. As negociações e tensões, a afirmação de diferenças e as hibridações parecem vir garantindo visibilidade, vitalidade e algum poder de reivindicação a esses jovens (HERSCHMANN apud NASCIMENTO, 2011, p. 32).

A citação nos evidencia algo de muita importância, isto é, o Estilo como uma categoria de consumo e de representatividade social, e para além disso, cultural, política, de linguagem, etc. Isso quer dizer que as múltiplas faces do mercado podem ditar modelos de convivência baseados na relação dos sujeitos com o consumo ou o que utopicamente vislumbram como “necessários” a uma socialização ou necessidade de afirmação.

Em suma, apresentamos o livro – Uso de Canções no Ensino de Sociologia, de Cristiano Bodart (2021), o qual teve um papel metodológico importantíssimo tão quanto do ponto de vista didático-pedagógico na elaboração das aulas ministradas durante o curso da Eletiva intitulada “Ensino de Sociologia através da Música”, na EREM Carlos Frederico do Rêgo Maciel. Esta obra em particular, ganha destaque merecido para o capítulo 03 deste trabalho, cujo mesmo nos convida a uma discussão sobre a formação de gêneros e estilos musicais, suas gêneses, o cunho sociológico no que se diz respeito à abordagem de temas como identidade, desigualdades sociais, indústria cultural ou cultura de massa; também faz parte a formação das letras das canções, dos ideais colocados nesta proposta bibliográfica. Convidamos, pois, Bordart (2021) como um importante colaborador nesse diálogo, pois é trivial em afirmar que “[...] a canção deve ser analisada como um instrumento de construção ou manutenção de ideologia e, por isso, de disputa de poder dentro do campo artístico e que quase sempre tem por objetivo atuar sobre outros campos sociais” (BODART, 2021, p. 25), ou seja, a música é também palco de disputas, é um importante “pulmão” ideológico do ponto de vista do mercado e suas influências.

Em seguida, o autor trata sobre a importância que o uso de canções tem sobre o ensino de Sociologia, trazendo a reflexão de que essa forma didático-pedagógica seja feita de modo contextualizado com os conteúdos apresentados e discutidos pela Ciência Social (Sociologia)

além de trazer a tona o cotidiano e vivência dos estudantes na comunidade em que estão inseridos, tornando assim a relação Ensino-Aprendizagem significativa e prazerosa.

O autor também chama a atenção em sua obra sobre o uso de canções (músicas) como forma puramente mercadológica e/ou com cunho reflexivo e artístico em suas composições, como fora aludido mais acima. Neste sentido ele busca trazer a discussão a respeito da interpretação e formação do senso crítico do estudante no estranhamento e na desnaturalização das ideologias propagadas pelo meio musical, se tornando assim, essa análise, um dos grandes objetos de estudo da Sociologia. Para tanto, este debate de cunho científico sobre o “gosto” musical dos alunos envolvidos com a disciplina têm que estar atrelado a outros fatores externos que fazem parte da formação dos indivíduos e os levam a fazer suas escolhas ou preferências por determinados gêneros e/ou estilos musicais. A influência familiar, da comunidade, das relações ou não com as crenças religiosas, das amizades e coleguismos no ambiente escolar, a classe social, identidade, são situações que mexem diretamente com as preferências que estes estudantes dão ao que escutam como canções, músicas, no dia-a-dia.

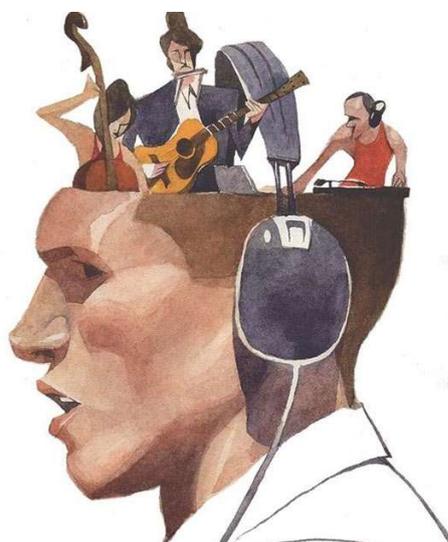
Ao ministrar aulas de Sociologia com o uso de canções se torna viável que o educador busque trabalhar conceitos e teorias das ciências sociais que sejam possíveis de análises sobre a construção destas letras e ritmos confrontando gêneros e estilos já conhecidos e apreciados por eles, mas também tendo como proposta a análise sociológica para além de outros gêneros e estilos musicais trazidos pelo educador como proposta dialógica e enfrentamento dessas produções no intuito de levantar debates que busquem a revisão de como essas obras musicais são construídas, para quê são construídas e quais suas finalidades enquanto expressões artísticas e culturais das quais têm acesso e convivem em seus cotidianos. É a partir desta perspectiva que Bodart (2021) afirma que:

Há canções que, de forma velada, refletem satisfação com a ordem das coisas, com as estruturas sociais e as ideologias estabelecidas, colaborando para suas manutenções e reproduções. Outras se colocam como contraponto, induzindo mudanças; são as chamadas “canções críticas”. Assim, estudar estilos musicais ou letras de canções é um caminho didático-pedagógico promissor para o ensino de Sociologia (BODART, 2021, p. 47).

Portanto, é a partir desta premissa que proponho neste trabalho aguçar nos estudantes, através da disciplina eletiva, o que Bodart (2021) chamou de “canções críticas”, ou seja, a partir das propostas deles enquanto gêneros e estilos musicais que ouvem, interpretam,

vivenciam e trarão para sala de aula, realizar o trabalho proposto pela Sociologia que é buscar um entendimento analítico, o estranhamento e a desnaturalização destas canções.

Figura 01.



<https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2015/08/27/noticias-musica.171060/pesquisa-propoe-nova-forma-de-categorizar-os-estilos-musicais-por-humores.shtml> acesso em: 12/08/2023.

Portanto, procurar provocar a percepção de que há um processo de ideologia mercadológica que perpassa por estas produções, mas também de que há construções musicais que fazem o papel de denúncia das injustiças e desigualdades sociais, que representam as formações culturais de determinados povos e que servem como ferramentas, instrumentos de lutas políticas, sociais e que também imprimem as identidades destes povos, nos quais eles/as estão inseridos e contribuem diretamente para esses fenômenos sociais, torna-se um dos principais objetivos desta disciplina eletiva.

3. O ENSINO DE SOCIOLOGIA ATRAVÉS DA MÚSICA

3.1 A ORIGEM DA DISCIPLINA ELETIVA DE MÚSICA

A disciplina eletiva “O Ensino de Sociologia através da Música”, surgiu a parti de um projeto o qual já vinha sendo vivenciado na unidade escolar a qual estou lotado desde 2012, intitulado como Ensino de Teoria e Prática de Instrumentos Musicais. Essa disciplina transversal foi pensada devido à formação que tenho (técnica (Conservatório de Música) e superior (Universidade Federal de Pernambuco –UFPE - não concluída) na área da Música, ou seja, formação essa que exerço também como profissão até os dias de hoje).Assim sendo, o entretenimento foi apresentado não só como “opção” didática, mas como uma forma de reiterar a formação continuada desses estudantes através da Música.

O início deste projeto também só foi possível de realização devido à resolução N° 02 de 30 de Janeiro de 2012, publicada pelo Ministério da Educação (MEC) a qual definiu, naquele momento, as DCNEM (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio). A disciplina surge como projeto transversal e/ou extracurricular dentro das modalidades de ensino, cujo propósito centra-se na buscado acesso de estudantes a conhecimentos adquiridos no cotidiano de suas vidas, nas comunidades em que estão inseridos, com uma assertiva, isto é, de trazer para o ambiente escolar seus conhecimentos empíricos ao mesmo tempo em que se apresentam alternativas de formação profissional e intelectual, além das já trabalhadas dentro do currículo do Ensino Regular, e Médio.

Entre as várias mudanças visíveis na resolução, pois, pode-se citar duas medidas primordiais encontradas no Capítulo I, Organização Curricular, Artigo 9º, donde diz:

A legislação nacional determina componentes obrigatórios que devem ser tratados em uma ou mais das áreas de conhecimento para compor o currículo: I - são definidos pela LDB: a) o ensino da Arte, especialmente em suas expressões regionais, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos estudantes, com a Música como seu conteúdo obrigatório, mas não exclusivo (DCNEM, 2012. p. 03)

Ainda mais, no segundo tópico, Art. 11, temos:

[...] outros componentes curriculares, a critério dos sistemas de ensino e das unidades escolares e definidos em seus projetos político-pedagógicos, podem ser incluídos no currículo, sendo tratados ou como disciplina ou com outro formato, preferencialmente, de forma transversal e integradora (DCNEM, 2012. p. 04).

Essas duas resoluções ajudaram no processo de reflexão acerca da didática enquanto fomento ao ensino de música na escola uma vez que havia a possibilidade de aumento de carga horária nos currículos do Ensino Médio tão quanto à ampliação da formação pedagógica das escolas em regime integral de um ponto de vista transdisciplinar.

Avançando para o Capítulo II, donde as disciplinas estão organizadas, encontramos no artigo 14, Parágrafo III, uma importante reflexão a qual diz que “[...] o Ensino Médio regular diurno, quando adequado aos seus estudantes, pode se organizar em regime de tempo integral com, no mínimo, 7 (sete) horas diárias” (DCNEM, 2012. p. 5). Além disso, no parágrafo XI, há um destaque para a importância da diversidade e contextualidades do currículo na promoção de disciplinas transversais que procurem em seu conteúdo o trabalho com grande parte da vivência desses jovens em ambientes fora da escola. Assim, mais uma vez citando este parágrafo:

[...] a organização curricular do Ensino Médio deve oferecer tempos e espaços próprios para estudos e atividades que permitam itinerários formativos opcionais diversificados, a fim de melhor responder à heterogeneidade e pluralidade de condições, múltiplos interesses e aspirações dos estudantes, com suas especificidades éticas, sociais e culturais, bem como sua fase de desenvolvimento (DNCEM, 2012 p. 06)

Estes projetos com disciplinas transversais que passaram a ser criados por docentes de várias Escolas Públicas dos Estados Brasileiros ganharam mais proporção e foram possíveis de acontecer devido aos incentivos financeiros recebidos por parte de outro programa atrelado ao cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Se tratado ProEMI (Programa Ensino Médio Inovador) sobre a Resolução / CD / FNDE Nº 63 de 16 de Novembro de 2011, do Ministério da Educação instituído pelo Programa Dinheiro Direto na Escola PDDE. Em seu primeiro artigo podemos sintetizar a que se destinou esse investimento e quais escolas puderam receber esses recursos por parte do Governo Federal. Assim diz:

Autorizar a destinação de recursos financeiros, em 2012, nos moldes e sob a égide do normativo do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) que estiver em vigor no referido exercício, às escolas públicas estaduais e distritais de ensino médio, selecionadas pelas respectivas secretarias de educação que aderirem ao Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI), com vistas a apoiar e fortalecer o desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nesse nível de ensino.(FNDE, 2011. p. 01)

Sendo assim, a unidade escolar em que leciono, Erem Carlos Frederico do Rêgo Maciel, no ano de 2012 aderiu ao ProEMI e passou a receber investimentos que deram suporte a implantação de vários projetos interdisciplinares onde surgiu a disciplina eletiva de

minha autoria, “Ensino de Teorias e Práticas Musicais”. Desde 2008 o Estado de Pernambuco já estava investindo na ampliação das ditas Eremis (Escolas de Referência em Ensino Médio), que consistiam em unidades escolares com ampliação de carga horária, apresentando os seguintes modelos: Escolas Integrais de 45 horas e Escolas Semi-Integrais de 35 horas semanais.

O programa, até os dias atuais, tem como objetivo aumentar o tempo de permanência dos estudantes nas escolas com o intuito de que estes jovens busquem ocupar o tempo com trabalhos didático-pedagógicos nas escolas, fazendo com que momentos considerados “ociosos” em suas residências ou nas comunidades em que vivem não os levem a envolvimento com o uso de drogas, violências domésticas e urbanas, entre outras práticas consideradas perigosas à sua formação cidadã. Também é verdade que o programa em seu percurso, passa a atender em 2018 a uma demanda do próprio aumento de carga horária instituído pelo Novo Ensino Médio, lei 13.415/2017.

Devido a existência desses modelos escolares de ensino integral no estado, as Diretrizes Nacionais Curriculares para o Ensino Médio (DNCEM) e o Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI), praticamente não tivemos grandes problemas em sua implantação. O ProEMI em seu documento original, elaborou um processo de reestruturação curricular pautado em previsões de despesas que estariam ligados e atribuídos a alguns “macrocampos” para os quais se destinariam os investimentos. Esses “macrocampos” foram os seguintes:

- I - Acompanhamento Pedagógico;
- II - Iniciação Científica e Pesquisa;
- III - Cultura Corporal;
- IV - Cultura e Artes;
- V – Comunicação e Uso de Mídias;
- VI – Cultura Digital;
- VII – Leitura e Letramento; e
- VIII – Participação Estudantil.

De acordo com esta resolução a qual institui o ProEMI, os projetos a serem desenvolvidos na unidade escolar teriam que obrigatoriamente se comprometer com ações indicadas nos incisos I e II ao passo que os demais incisos ficariam a cargo das necessidades da comunidade escolar e dos projetos propostos pelos docentes. Foi justamente a partir daí que pensei em desenvolver o projeto do ensino de teoria e prática de instrumentos musicais e formação de banda musical na unidade escolar, me pautando sobre os incisos I, II e IV onde estaríamos cumprindo a obrigatoriedade que pede o documento e contemplando o tópico em

que analisamos como o mais propício para desenvolver a transversalidade sobre a cultura e as artes.

Portanto, a partir de 05 de Julho de 2012, o ProEMI através do PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) passou a disponibilizar o valor de 56.000,00 (cinquenta e seis mil reais) sobre responsabilidade da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, via UEX (Unidade Executora) para a unidade escolar Erem Carlos Frederico do Rêgo Maciel, cujo montante girou em torno de 39.200,00 (trinta e nove mil e duzentos reais) para gasto com material denominado como custeio e 16.800,00 (dezesesseis mil e oitocentos reais) para gasto com material de capital. Esse valor ficou assim determinado devido ao quantitativo de estudantes que temos matriculado na unidade escolar e conseqüentemente por resolução do próprio programa federal. Desse montante, em 25 de Julho de 2012 foram disponibilizados 10.500,00 (dez mil e quinhentos reais) para adquirirmos um som de palco para escola além dos primeiros instrumentos musicais como violões, guitarras, contrabaixos, bateria, teclados e microfones. Foi assim que nasceu a eletiva do ensino de Música e conseqüentemente a banda musical da escola.

O valor disponibilizado fez referência a Resolução/cd/fnde nº 63 de 16 de novembro de 2011 que apresenta uma tabela que tem como referência o número de alunos beneficiários do Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI) e a carga horária escolar correspondentes, como vemos abaixo no Artigo 2º, inciso II, tabela 2 do referido documento:

II – Tabela 2 – Escolas com Jornada Escolar em Tempo Integral de, no Mínimo, 7 (sete) Horas Diárias.

Tabela 01 – Distribuição de verba do ProEMI de acordo com o número de estudantes por unidade escolar.

Intervalo de Classe de Número de Valores de Repasse (R\$) Alunos Beneficiários do ProEMI.	Custeio 70%	Capital 30%	Total
Até 100 alunos	19.600,00	8.400,00	28.000,00
101 a 300	29.400,00	12.600,00	42.000,00
301 a 500	39.200,00	16.800,00	56.000,00

501 a 700	49.000,00	21.000,00	70.000,00
701 a 900	58.800,00	25.200,00	84.000,00
901 a 1100	68.600,00	29.400,00	98.000,00
1101 a 1300	78.400,00	33.600,00	112.000,00
1301 a 1400	88.200,00	37.800,00	126.000,00
Mais de 1400	98.000,00	42.000,00	140.000,00

Fonte: Resolução/cd/fnde nº 63 de 16 de novembro de 2011.

Reafirmando e de acordo com o demonstrado acima, o valor recebido pela EREM Carlos Frederico correspondeu à quantidade de matrículas na escola que permeiam os 470 a 490 estudantes.

Para compreendermos melhor a destinação destes valores sobre forma de capital e custeio, consultamos o Guia de Orientações para aquisição de materiais, bens e contratação de serviço com recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e com base na Portaria 448, de 13 de setembro de 2002, da Secretaria do Tesouro Nacional do Ministério da Fazenda, que define o que seja material de consumo ou custeio e material permanente ou capital. Material de consumo, ou seja, custeio diz respeito a:

Material de apoio Pedagógico

Material educativo e esportivo

Material de expediente

Material de processamento de dados

Material de acondicionamento e embalagem

Material de cama, mesa e banho

Material de copa e cozinha

Material de limpeza e produção de higienização

Material para manutenção de bens imóveis

Material para manutenção de bens móveis

Material elétrico e eletrônico

Material de proteção e segurança

Material de sinalização

Material para áudio, vídeo e foto

Material bibliográfico não imobilizável

Sementes, mudas de plantas e insumos
Material laboratorial
Ferramentas
Serviço de manutenção e conservação de equipamentos
Serviços de áudio, vídeo e foto
Serviços gráficos e comunicação
Contratação de serviço para formação dos profissionais da escola
Contratação de serviços para confecção

Já material permanente ou também chamado de capital refere-se a itens de grande durabilidade e, portanto, devem ser tombados quando adquiridos como patrimônios do Estado. Podemos citar:

Aparelhos e equipamentos de comunicação, orientação, medição
Aparelhos e utensílios domésticos
Coleções e materiais bibliográficos
Discotecas e filmotecas
Equipamento de proteção, segurança e socorro
Instrumentos musicais e artísticos
Máquinas e equipamentos gráficos
Equipamentos para áudio, vídeo e foto
Máquinas, utensílios e equipamentos diversos
Equipamentos de processamento de dados
Máquinas, instalações e itens de escritórios
Mobiliário em geral
Peças não incorporáveis a imóveis
Utensílio de escritório e mobiliário
Equipamentos para horta
Máquina e equipamento
Material e equipamento de apoio pedagógico

Baseando-se em alguns dos itens elencados nesta normativa, foi possível construir o projeto de ensino de música e adquirir os materiais necessários. A partir dos materiais de consumo e/ou custeio, no tópico o qual reza sobre material de expediente, adquirimos

cadernos de pautas necessários a escrita musical, caneta, lápis, borracha e resmas de papel para confeccionarmos as apostilas de teoria musical.

Já o material permanente e/ou capital, foi adquirido com base nos tópicos: instrumentos musicais e artísticos, equipamentos para áudio, vídeo e fotos e material e equipamento de apoio pedagógico. Neste último, compramos um livro paradidático para servir de base teórica para as aulas de teoria musical – Princípios Básicos da Música para a Juventude, da professora da Escola de Música da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Maria Luisa de Mattos Priolli (2013).

Assim, a partir do segundo semestre do ano letivo de 2012 pudemos colocar em prática a eletiva de música. Para tanto, precisei planejar e organizar a metodologia da disciplina bem como a sala de aula para o trabalho com teoria musical e os espaços para a prática de instrumentos musicais. Neste período a escola funcionava como uma unidade semi-integral, ou seja, de 35h semanais como carga horária para os estudantes. Desta forma, as aulas referentes ao currículo do Ensino Médio aconteciam em horário integral nas terças-feiras e quintas-feiras, das 07h30 as 17h30 e nas segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras, das 07h às 12h. Ou seja, as eletivas ou disciplinas transversais, normalmente aconteciam nas tardes em que os estudantes largavam às 12h.

Então, após divulgação do projeto na escola, obtivemos 40 estudantes interessados em participar da eletiva. Sendo assim, dividi-os em duas turmas com 20 componentes em cada para compor as aulas de teoria musical nas tardes das quartas-feiras, com uma aula de 50 minutos para cada grupo, das 13h as 13h50 e das 14h as 14h50, respectivamente.

Tabela 02 – Horário das aulas da eletiva de teoria musical.

Aulas de Teoria Musical		
Turma	Dia	Hora
01	Quarta-Feira	13h as 13h50
02	Quarta-Feira	14h as 14h50

Fonte: Próprio autor, 2012.

Para as aulas de prática de instrumentos musicais, fiz uma seleção interna entre estudantes que já tinham um conhecimento com a execução de instrumentos musicais e trabalhei com eles/as uma monitoria. Então, nas segundas-feiras e sextas-feiras, entre as 13h e 15h tínhamos as aulas práticas divididas em salas de: instrumentos de cordas, instrumentos de teclas, instrumentos de sopro e canto e instrumentos de percussão e para cada sala dois

monitores. Pelo menos, uma vez por mês fiz reuniões com esses monitores para traçarmos estratégias, planejar e avaliar o desenvolvimento da disciplina.

Tabela03 – Aulas de prática musical.

Aulas de Prática Musical		
Sala	Instrumentos	Hora
01	Cordas	13h as 14h
02	Teclas	13h as 14h
03	Sopro / Canto	14h as 15h
04	Percussão	14h as 15h

Fonte: Próprio autor, 2012.

Ainda no ano de 2012/2 procurei iniciar o projeto e adaptá-lo aos estudantes interessados, bem como a formação da monitoria. Mas foi a partir do ano letivo de 2013 que a disciplina ficou mais madura e conseguimos gozar de alguns frutos desta “plantação de sonhos”. Formamos uma banda musical a qual passou a se apresentar nos intervalos da escola e também foi convidada para eventos da SEDUC/PE (Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco). Alguns estudantes romperam as barreiras da unidade escolar e passaram a trabalhar com a Música como profissionais e obterem renda para sustento próprio e familiar, numa história que perdurou entre os anos de 2012 e 2019.

Cada oficina e/ou aula instrumental, perpassava por momentos de prática dos instrumentos, tão quanto pelo uso das aulas teóricas sobre a execução instrumental. Havia uma conversa sobre a anatomia do instrumento, percepção rítmica, compasso, como é possível observar na Figura 02, em que os estudantes debatem sobre a execução da bateria, num diálogo sobre a anatomia e funcionamento do instrumento.

Figura 02 – Aula de instrumentos de Percussão.



Fonte: próprio autor, 2014.

Com relação aos instrumentos de cordas, em especial, o violão, esse diálogo também era feito na perspectiva de que o estudante compreendesse, mais uma vez, a anatomia do instrumento, a forma de segurar, o processo de construção e então, o dedilhar, o tocar. O diálogo, o processo histórico de origem desses instrumentos, a observação também fazia parte das aulas práticas bem como o manejo, a forma de manipulação do equipamento, como vemos na Figura 03.

Confesso que desde esse momento já me deixava levar pelas influências da Ciência Social, tão presentes na arte musical, mas ainda não tão percebida dentro dos conceitos e teorias sociológicas presentes nesta eletiva de música. Confesso que no início de todo esse processo ainda não possuía conhecimento suficiente para perceber que toda produção musical fazia parte de um processo de formação histórica e social e que estava inserido diretamente na vida destes estudantes. Com o tempo, passei a perceber que até o contexto em que eu inseria estes alunos, perpassava por uma escolha dos gêneros e estilos musicais que não eram tão aleatórias, mas vinham das vivências deles, do que escutavam em seus cotidianos, no dia-a-dia, na comunidade a qual estavam inseridos.

Houve vários momentos em que eles escolhiam as músicas do repertório a serem trabalhadas nas aulas práticas e aí já se tinha uma análise do porque da escolha destes gêneros musicais. Mas ainda não identificava. Acredito que essa não percepção se dava por uma falta de amadurecimento intelectual e pedagógico sobre o Ensino de Sociologia. Geógrafo e Especialista em Gestão Ambiental passei a enxergar melhor algumas coisas, como por exemplo, as questões sobre as formações sociais, de identidade, de cultura, das questões comunitárias, das desigualdades sociais, das influências do que se denomina como “gosto”,

ou seja, como tudo se apresentariam melhor aos meus olhos com o aprofundamento dos estudos em Ciências Sociais.

Figura 03 – Aula de instrumentos de Cordas.



Fonte: próprio autor, 2014.

Cada oficina ou aula de prática de instrumentos musicais revelavam as vivências dos alunos. Nesse período, foram várias e várias as monitorias e experiências que eram trazidas por estes estudantes, seus saberes, frutos das experiências com suas práticas de gêneros e estilos musicais. Em particular, entre os anos de 2014 e 2017 tivemos monitores de canto, flauta e teclado, rapazes e moças os quais já vinham com uma bagagem cultural, musical fruto de suas vivências em espaços religiosos, como as igrejas, e foram muito positivas para a prática destes instrumentos como observamos nas Figuras 04 e 05 respectivamente.

Figura 04–Aula de Instrumentos de Sopro e Vocal.



Fonte: próprio autor, 2014.

Figura 05 – Aula de Instrumentos de Teclas.



Fonte: próprio autor, 2014.

O contato com instituições religiosas foi bastante pertinente na escolha da prática e até monitoria do trabalho com foco no aprendizado musical. Muitos desses estudantes já vivenciavam a música como estudo, nas várias denominações religiosas as quais estavam inseridos, o que me serviu como apoio pedagógico a mediação do projeto musical desenvolvido na escola.

Como já disposto, a parte das aulas teóricas ficavam comigo, Professor-Orientador. Confeccionamos uma apostila que era reproduzida para os estudantes que faziam parte do projeto, com exercícios e conceitos da escrita e linguagem musical.

Dando seguimento, os estudantes que se destacavam tanto nos estudos da teoria quanto na prática de instrumentos musicais passavam a compor a banda musical da escola e como já dita, se apresentavam em eventos na escola bem quanto na Gerência Regional de Educação do Estado (GRE), o que se oportunizou maior visibilidade dos mesmos, do projeto e da escola como um todo.

Figura 06 – Aula de Teoria Musical.



Fonte: próprio autor, 2014.

Esta eletiva de Música, entre outras disciplinas transversais passou a fazer parte da grade curricular para o Ensino Médio no ano de 2018 em Pernambuco, devido às resoluções encontradas nos seguintes documentos: à lei 13.415/2017 da nova BNCC, o Currículo de Pernambuco (Parecer CEE/PE N°114 /2018 Referencial Curricular Estadual) o qual já vinha sendo implantado na rede de ensino dos Anos Iniciais, Fundamental I e Fundamental II e as DCNEM (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio) Resolução N° 3, de 21 de Novembro de 2018 do Ministério da Educação. Além dessas mudanças curriculares ocorridas entre os anos de 2017 e 2020, a unidade escolar em que trabalho, deixou de receber investimentos por parte do ProEMI e os recursos destinados ao processo de adaptação do Ensino Fundamental e Médio tendo em vista as novas cargas horárias “impostas” pelas resoluções já citadas, continuaram a se adaptar através do orçamento provindo diretamente do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), ou seja, os projetos interdisciplinares, as disciplinas eletivas passaram a contar com menos investimentos diretos para suas atuações.

Essas disciplinas eletivas passaram a fazer parte do currículo com o formato de disciplinas do Itinerário Formativo segundo normativas da própria BNCC, como também à unidade curricular de Projeto de Vida, como diz o próprio Currículo de Pernambuco, em 2020:

O Estado tem introduzido na matriz do Ensino Médio unidades curriculares eletivas e a unidade curricular de Projeto de Vida. Para a construção dos componentes eletivos, os estudantes são ouvidos e, conjuntamente com os professores, participam da decisão de temas estudados na escola. As eletivas vêm ampliando o universo

cultural e de conhecimentos dos estudantes, possibilitando maior sintonia com a escola. (CURRÍCULO DE PERNAMBUCO, 2020. p. 47)

Para entendermos melhor essas transformações, esses Itinerários Formativos oriundos da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), são inseridos no Currículo de Pernambuco distribuídos em Unidades Curriculares, como encontramos no próprio documento: “A carga horária destinada aos Itinerários Formativos está distribuída em tipos diferentes de unidades curriculares que são: obrigatórias, optativas, eletivas e projeto de vida” (CURRÍCULO DE PERNAMBUCO, 2020). As eletivas passam a ser distribuídas de forma obrigatória a serem trabalhadas nos três anos do novo Ensino Médio com cargas horárias de 40h nos 1º anos, 80h nos 2º anos e 40h nos 3º anos, a cada semestre do ano letivo escolar.

E sobre as Unidades Curriculares Eletivas, de acordo com o Currículo de Pernambuco, 2020, temos que:

As Unidades Curriculares Eletivas, por sua vez, são aquelas que visam ampliar o universo de conhecimentos dos estudantes, em seus interesses mais diversos. Necessariamente, não precisam estar diretamente relacionadas à área de conhecimento escolhida pelo estudante. Essas eletivas serão propostas pela escola, em articulação com o interesse do educando e a formação dos professores, com acompanhamento da SEE. Dessa forma, podem ser explorados conhecimentos sobre diversos temas, desde que atendam aos critérios acima descritos- interesse do educando e a formação dos professores- e corroborem para a formação dos estudantes. É importante salientar que dá-se ao estudante autonomia, nesse processo, para escolher qual eletiva cursará”. (CURRÍCULO DE PERNAMBUCO, 2020. p. 63)

Constata-se, a partir de então, uma peculiaridade entre o que lemos nos documentos oficiais a partir de 2017 e o cotidiano da escola, isto é, há um desencontro entre o que se diz e o que se faz e o currículo. Quando iniciei o projeto da eletiva ou disciplina transversal do ensino de teoria e prática musical era possível ter acesso e disponibilidade de tempo para trabalharmos tanto o conhecimento da teoria musical quanto a prática de instrumentos musicais. Havia tempo e espaços para ensaios, reuniões com grupos de monitorias, salas para as práticas instrumentais. Como dito, o projeto funcionava nas tardes das segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras e com a mudança curricular e o nascimento de várias outras disciplinas dos Itinerários Formativos (Lei 13.415/2017) e consequentemente o aumento das cargas horárias para os estudantes e professores, passamos a não mais dispor desse tempo para investimento na eletiva de música proporcionalmente.

As escolas em Pernambuco passaram e ainda passam por um aumento gradativo de suas cargas horárias devido à implantação do Novo Ensino Médio. As escolas de 35h ou

semi-integrais, gradativamente, estão mudando suas modalidades para escolas de 45h ou integrais e as que ainda funcionam com 35h como carga horária semanal, estão sendo divididas em dois turnos, fazendo com que o corpo discente e docente tenha apenas a sala de aula em horário curricular para vivenciar essas eletivas.

Outras questões que valem ser salientadas: muitas vezes não temos material pedagógico para trabalhar. Especificamente sobre a eletiva de música, falta equipamento de som, datashow, sinal de internet; as eletivas não são propostas pelos estudantes e nem consultadas. Eles têm a opção de escolher dentre aquelas propostas por nós, educadores, e em outras ocasiões, como existe o limite de 40 a 45 estudantes por eletiva, quando as que são mais procuradas atingem esse número, os que não conseguiram, são enturmados em outras eletivas que não são de suas escolhas. Isso aconteceu na minha eletiva, por exemplo; outra questão é que nem sempre os professores/as estão preparados para escolherem e/ou planejarem suas eletivas.

Outro agravante centra-se nos profissionais da educação os quais chegam para substituir outros profissionais e a disciplina eletiva já está em andamento. Mesmo sem experiência o professor passa a trabalhar aquele tema escolhido, planejado, por outro/a ou outros/as. Esses são desafios correntes os quais enfrentamos e que nos permite ter uma visão mais ampla sobre nosso sistema de ensino e seus percalços tanto do ponto de vista pedagógico quanto “logístico-operacional”, pois alguns alicerces já estão postos sem a devida consulta aos estudantes, professores/as e demais envolvidos no processo de formação continuada.

Em suma, reiterando o que assevera as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) de 2018, quanto à praticidade das eletivas, isto é, essas estão atreladas aos projetos de vida desses estudantes, pois “[...] a critério dos sistemas de ensino, os currículos do ensino médio podem considerar competências eletivas complementares do estudante como forma de ampliação da carga horária do itinerário formativo escolhido, atendendo ao projeto de vida do estudante” (Art. 12, IV, § 7º, DCNEM, 2018, p. 08).

3.2 A ORIGEM DA ELETIVA: O ENSINO DE SOCIOLOGIA ATRAVÉS DA MÚSICA

No início do ano letivo de 2020, mais precisamente em 18 de Março deste mesmo ano, tivemos a interrupção das aulas em toda rede de ensino do Estado de Pernambuco devido à Pandemia da Covid-19 a qual assolou todo mundo e nos obrigou a pararmos as atividades dos vários setores trabalhistas, inclusive e principalmente, o da educação.

Foi nesse período de quarentena (lockdown), certamente no mês de Junho de 2020, que fiquei “confinado” dentro da minha própria residência, donde procurei desenvolver atividades às quais, até então, tinha dificuldades de executar devido às responsabilidades com as atividades profissionais. Como sou docente em duas escolas da Rede Pública de Pernambuco, uma escola de carga horária integral diurna (na época de 35h semanais) e outra de ensino de EJA (Ensino de Jovens e Adultos) no noturno, me sobrava pouco tempo para investimento no meu aperfeiçoamento profissional e intelectual.

Foi justamente neste período, buscando enriquecer meus conhecimentos principalmente no ramo da Sociologia e ocupar o tempo ocioso que, em Abril deste corrente ano, me veio à oportunidade de participar da seleção para egresso no Programa de Mestrado Profissional em Sociologia (PROFSOCIO) o qual fui aprovado e passei a cursar em 2021.1.

Neste capítulo, se torna imprescindível lembrar este momento e comentar um pouco dessa história, porque seria justamente no primeiro semestre do Curso de Mestrado Profissional em Sociologia, mais precisamente pagando a disciplina de Metodologia Científica, que iria surgir a nova disciplina eletiva para ser ministrada de forma optativa na unidade escolar de regime integral, na qual leciono. A princípio, quando elaborei o projeto para concorrer à seleção do Mestrado, tinha o objetivo de trabalhar as influências midiáticas e das redes sociais sobre o processo de formação do pensamento crítico social dos estudantes da escola na qual trabalho.

Naquele momento, a ideia era que através dos conceitos da Sociologia, fosse possível procurar descrever que fenômenos sociais, culturais, políticos e ideológicos difundidos através das telecomunicações levavam os estudantes a muitas vezes se deixarem “dominar” pelo consumismo e valores capitais que estavam inseridos no dia-a-dia deles, nas suas comunidades, nos seus cotidianos. E aí também a observação cada vez mais latente de uma dificuldade em haver um filtro que pudesse contribuir para o estranhamento e desnaturalização dessas relações, a meu ver, nocivas a produção e formação intelectual desses jovens. Não percebia, ainda, que me faltava aprofundar os conceitos sociológicos de identidade e cultura, entre outros, para fazer tais análises, além do amadurecimento da leitura de autores que me dariam subsídios para tal experimento teórico e empírico.

Foi então que em dado momento, através de uma das atividades da disciplina e orientação do tutor, Prof. Dr. Alexandre Zarias, que passei a pensar em unir a eletiva de Música já existente desde 2012 com a disciplina de Sociologia, presente no currículo do

Ensino Médio. Nascem os primeiros passos para a formação da eletiva - O Ensino de Sociologia através da Música.

Naquele momento, foi me apresentado uma das áreas das Ciências Sociais que até então não conhecia, também denominada como Sociologia da Música. A partir daí, passei a buscar o embasamento teórico sobre essa bibliografia a qual já se trabalhava a relação da construção artística musical com o pensar científico sociológico. A busca se deu também entre autores brasileiros contemporâneos que têm trabalhos da relação Música e Sociologia bem como dissertações de Mestrado e Doutorado produzidas sobre a luz da educação, juventudes e Ciências Sociais entre outros (as) citados (as) no referencial teórico deste trabalho.

Outro ponto de fundamental importância para o surgimento desta eletiva tem a ver com as mudanças ocorridas no currículo proposto pela lei 13.415/2017, Novo Ensino Médio, que traz, a partir de sua implantação, a diminuição da carga horária na disciplina de Sociologia, tornando-a não obrigatória em todo o percurso do Ensino Médio. E de acordo com o Currículo de Pernambuco, sendo ofertada neste Estado, só no 2º (segundo) Ano do Ensino Médio.

Então, é a partir desse momento (primeiro semestre de 2021) que nasce à ideia de formar uma disciplina eletiva que comungue com a continuação do trabalho com a Música na escola, o qual já vinha sendo feito e dando frutos, e a oportunidade para que estes estudantes tivessem além do proposto no currículo como carga horária para o Ensino de Sociologia, um semestre a mais com o contato com as Ciências Sociais, suas teorias e seus conceitos.

A eletiva nasce, como uma Intervenção Pedagógica nas aulas de Sociologia para estudantes do 1º (primeiro) Ano do Ensino Médio, justamente pelo fato destes não terem contato com a disciplina nesta série e também pensando que o momento é o mais propício devido a não abordagem destes conteúdos sociológicos durante o Ensino Fundamental II na Rede Estadual.

A proposta é de trabalhar com estes alunos, de forma lúdica, apreciativa, muitas vezes com temas trazidos pelos próprios educandos, do cotidiano deles, de suas próprias vivências na comunidade e sem perder as características do pensamento social.

Para tanto, pensei que a melhor forma metodológica de introduzir o pensamento sociológico sobre a formação musical seria trabalhar a origem de gêneros e estilos musicais, com o intuito de traçar um processo de pesquisa e análise das relações sociais que culminam

nas letras das canções, nos ritmos e harmonias as quais estão atreladas ao cotidiano, vivência nas comunidades, na sociedade em que estes estudantes estão inseridos.

O que procurei fazer então foi construir uma metodologia didático-pedagógica que pudesse trazer oportunidades para que os alunos/as percebessem e analisasse o quão a música em seu processo de gênese perpassa pelos processos da vida em sociedade, com todos os seus fenômenos sociais os quais são estudados no campo da Ciência Social.

A partir do momento em que estes estudantes passam a perceber que muitas vezes, na música, estão contidas as relações de formação das identidades sociais, as expressões culturais, as lutas de classe e conseqüentemente as desigualdades sociais, as interações e construções políticas, questões essas que fazem a base da origem e construção do pensamento sociológico, eles também passam a entender que a Sociologia está no dia-a-dia deles, em constante transformação e reconstrução e são eles como indivíduos da sociedade que contribuem, constroem e participam deste fenômeno.

Ainda no primeiro semestre de 2021, para ser mais exato, 19 de Abril deste corrente ano, segundo protocolo de convivência com a Covid-19, elaborado entre Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEDUC) e Sindicato dos Trabalhadores em Educação (SINTEPE), o ensino nas escolas públicas passou a ser realizado de forma híbrida, ou seja, com estudantes com aulas presenciais munidos de máscaras e com a prática de higienização proposta em protocolo de convivência e online para alunos que apresentaram laudo médico comprovando algum tipo de comorbidade. Os educadores também se dividiram em aulas presenciais e online seguindo os mesmos parâmetros exigidos aos educandos.

Porém, esse momento foi vivido sobre grande turbulência devido à adequação das unidades escolares a esse novo processo de convivência com o ensino híbrido. Isso gerou um entrave principalmente entre os profissionais da educação que não se sentiam seguros para voltar ao ensino presencial devido à vacinação que ainda estava em processo de testes, pesquisas no afã de encontrar a cura ou uma saída eficaz para combater a Covid-19 aqui no Brasil e, em especial, no estado de Pernambuco.

Também entre os pais os quais muitas vezes não se sentiam seguros para levar seus filhos às escolas, além de que as aulas ministradas de forma online não chegavam a todos os estudantes, conseqüência de suas fragilidades econômicas e sócias mais acentuadas pela pandemia, situação que desde o ano de 2020 já apresentava sérios problemas educacionais quanto a maior forma de ministração das aulas daquele ano era de forma remota.

O Sindicato dos Trabalhadores em Educação (SINTEPE) em meio a toda essa situação e provocado pelos profissionais da Educação, passou a exigir do governo do Estado de Pernambuco, alternativas para que professores e estudantes tivessem mais segurança em suas atividades pedagógicas. Este sindicato promoveu fiscalizações em todas as escolas estaduais para averiguar a adequação destas quanto às exigências do protocolo de convivência com a Covid-19, baseado em orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Após intenso trabalho e mobilização junto aos trabalhadores em educação, foi decidido em assembléia desta categoria que a volta ao ensino presencial só aconteceria após a aplicação da vacina nestes profissionais e investimentos a partir da Secretaria de Educação do Estado em medidas para que os estudantes não fossem obrigados a frequentar o ambiente escolar e continuar a ter aulas remotas, de suas residências como forma de preservar a Vida de todos.

Após, praticamente, um ano e meio de afastamento presencial da sala de aula e depois de passar por ensino online e híbrido, e também depois de ter tomado a primeira dose da vacina contra a Covid-19, voltei para a unidade escolar em que sou lotado e resolvi colocar em prática o trabalho que vinha fazendo teoricamente com a formação de uma disciplina eletiva que unisse Música e Sociologia. Mas, no segundo semestre, algumas mudanças que já estavam acontecendo na grade curricular do Ensino Médio, estavam em prática. E uma delas foi à mudança da jornada de ensino integral da escola que tinha saído de 35h para 45h.

Com essa mudança e o processo de adaptação que já ocorria em Pernambuco à luz do “Novo” Ensino Médio, os horários para prática de instrumentos musicais deixaram de existir devido à carga horária de disciplinas dos estudantes que passaram a ir das 07h30 às 16h40, de segunda-feira a sexta-feira. Logo mais, o contato dos alunos que despertavam interesse pela prática de instrumentos musicais passou a acontecer nos intervalos para refeição, na escola.

Foi então que no início do segundo semestre escolar, do ano de 2021, resolvi experimentar o trabalho com a disciplina eletiva “O Ensino de Sociologia através da Música”. Neste primeiro momento procurei construir um planejamento a partir dos próprios estudantes, provocando neles o interesse pelos estudos da formação de Gêneros e Estilos Musicais embasados pelas teorias e conceitos da Sociologia. É importante destacar que essa primeira turma ainda fazia parte do currículo escolar que traz a disciplina de Sociologia como obrigatória nos 3 (três) anos do Ensino Médio. Ou seja, além da eletiva, eles tinham mais uma aula semanal da Ciência Social.

Porém, é importante salientar que se tratou de um semestre bastante conturbado devido ao convívio com a pandemia a qual, ainda, estava muito presente. Houve um processo de evasão escolar por parte dos estudantes e muitas destas aulas eletivas acabaram não acontecendo neste período, prejudicando a efetivação do planejamento da disciplina.

Em 2022, as mudanças continuaram. O Governo do Estado de Pernambuco, junto a Secretaria de Educação rompeu com a prática do ensino híbrido ou online e determinou que a rede voltasse com ensino totalmente presencial. Outra mudança foi o início, oficial da implantação do “Novo” Ensino Médio com a redução da carga horária das aulas de Sociologia para 80h/a apenas no Segundo Ano (2º) do Ensino Médio e a chegada de novas disciplinas a partir dos Itinerários Formativos.

Foi então que ofereci a disciplina eletiva para estudantes dos primeiros anos do Ensino Médio de forma optativa com 40 vagas para um curso semestral de 40h/a. Destas vagas houve uma procura de 23 alunos da unidade escolar e em fevereiro começamos nossos encontros semanais, duas aulas por semana, nas segundas-feiras. Mas a experiência seria bastante embrionária justamente por ainda estar cursando as cadeiras de algumas disciplinas do Mestrado Profissional em Sociologia (ProfSocio). Só a partir do segundo semestre de 2022 foi que passei a aplicar a eletiva com o intuito de analisá-la e descrevê-la como experiência didático-pedagógica. Foi então que dessa vez tive a inscrição optativa de 26 estudantes.

Com a proposta dando certo, procurei elaborar um questionário através do Google Forms para que os estudantes que optassem pela eletiva pudessem responder a luz do conhecimento empírico o que eles/as já possuíam sobre a Música, a Sociologia e a formação de Gêneros e Estilos Musicais. Para tal questionário, tive um debate introdutório antes de aplicá-lo a cerca dos temas a serem abordados e os objetivos propostos pela disciplina.

Estas perguntas da pesquisa inicial seguiram o roteiro descrito abaixo entre perguntas e respostas. Das perguntas e análise das respostas:

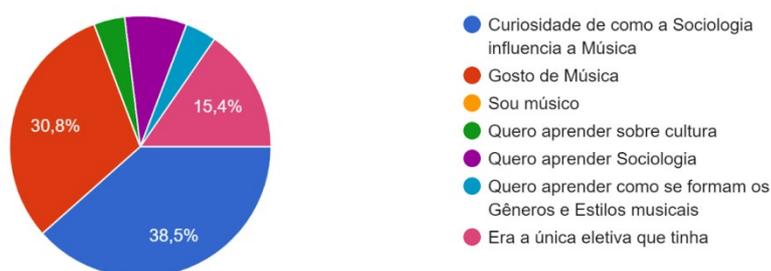
1 - POR QUE ESCOLHEU A ELETIVA?

Vejamos: 38,5% dos estudantes admitiram que a eletiva é de fundamental importância tanto quanto o estudo da Sociologia enquanto ciência e sua relação com a música. Ademais, 30,8% admitiram que gostam da Música. Ainda mais, 3,8%, o equivalente a um aluno dessa turma pesquisada, entende que aprender sobre a eletiva, sobre a Sociologia e sua relação com

a Música amplia horizontes e outro estudante acredita, também, que o estudo da Sociologia, enquanto Ciência é um estudo sobre a formação de culturas; outros 7,7% dos alunos/as responderam que gostariam de aprender Sociologia já que, agora, a mesma passa a ser ofertada tão somente a partir do 2º ano do Ensino Médio. Avançando um pouco mais, percebe-se que 15,4% enfatizaram que não foi bem uma escolha, mas tratava-se da única disciplina “palpável”, com vagas em oferta em relação às outras que tinha. Por fim, considerando apenas um aluno, o equivalente, também, a 3,8%, o mesmo afirma que gostaria de aprender mais sobre a formação de estilos e gêneros musicais, considerando a Sociologia como “mediadora”.

Gráfico 01: Escolha da eletiva.

1º - Por que escolheu a eletiva?
26 respostas



Fonte: Próprio autor, 2023.

Nesta primeira pergunta os alunos foram atraídos pela ideia de se conectarem com a música a partir de uma proposta transversal, isto é, tendo a Sociologia como fomento a uma auto identificação de si e de pertencimento de mundo, tendo na música essa maior conexão. Nesse ínterim, teve-se que ancorar a teoria e a prática como tripés fulcrais a manutenção da proposta e das relações de ensino-aprendizagem.

2 - QUAIS GÊNEROS E ESTILOS MUSICAIS VOCÊ CONHECE?

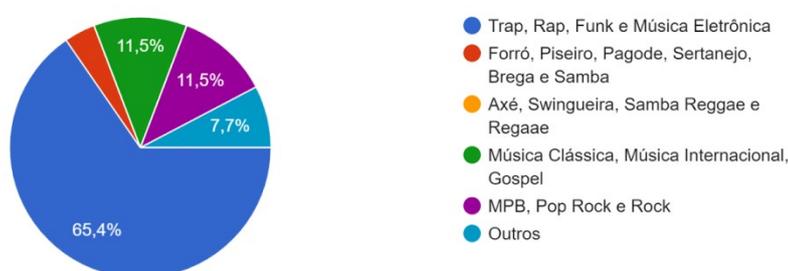
Tanto esta pergunta quanto todas as outras que se sucederam, partiram de um debate prévio sobre a disciplina, a que se propõe e sobre alguns conceitos básicos a serem trabalhados no percurso. A princípio, debatemos com certa antecedência acerca da aplicação do questionário sobre questões como conceitos de Música e Sociologia e o que são Gêneros e

Estilos Musicais. A partir daí, obteve-se as seguintes respostas: O Trap, Rap, Funk e Música Eletrônica foram citadas por 65,4% dos alunos, já o Forró, o Piseiro, o Pagode, o Sertanejo e o Brega mais o Samba foram citados por um aluno, ou seja, 3,8% dos estudantes; Axé, Swinguera, Samba Reggae e Reggae, não foi escolha deles/as ao passo que Música Clássica, Música Internacional e Música Gospel ficaram em 11,5% seguido pela MPB (dentro do que eles e elas entendem por MPB), Pop Rock e Rock também foram citados por 11,5% dos alunos/as. Os 7,7% restantes marcaram a opção “Outros” para se referirem a gêneros e estilos musicais que não constavam nesta pesquisa.

Outro ponto interessante é o ecletismo juvenil, quer dizer, dizem conhecer desde uma música mais voltada para as questões religiosas e ao mesmo tempo o conhecimento de obras com características do Rap, do Trap e até mesmo do Piseiro. A comunidade e as relações afetivas se fazem muito presentes em tudo desde um conhecimento variável quanto à percepção e identificação com estilos e gêneros musicais que os rodeiam.

Gráfico 02: Gêneros e Estilos musicais.

2º - Quais Gêneros e Estilos musicais você conhece?
26 respostas



Fonte: Próprio autor, 2023.

Antes de chegarmos à questão de número três é importante fazer uma observação didática quanto à organização das alternativas expostas considerando os gêneros musicais trabalhados. No primeiro encontro pedagógico sobre a elaboração da eletiva ficou acertado que a escolha musical, considerando os gêneros, estaria agrupada conforme a visível semelhança entre os gêneros em si e a relação deles com a identidade dos alunos musicalmente falando, isto é, cada um deles fomenta reflexões sobre as várias identidades simbólicas entre os alunos e as alunas, ou seja, a/o produção/capital cultural presente nos mais variados espaços, com destaque para as comunidades as quais com características marcantes

seja no que tange o gênero, o ritmo, o estilo musical, etc. Os alunos e as alunas se vêem representados nesse universo linguístico e simbólico o qual presente nas letras desses agrupamentos musicais. Por fim, cada categoria refere-se a uma posição de identidade dos estudantes e seus espaços os quais ocupam.

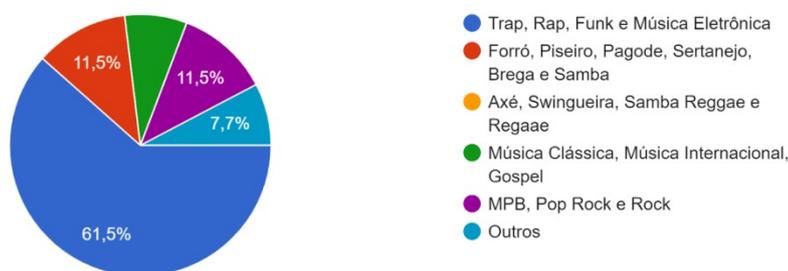
3 - QUAIS GÊNEROS E ESTILOS MUSICAIS VOCÊ COSTUMA OUVIR NO SEU DIA-A-DIA?

Neste ponto procurei aprofundar questões de “gosto” musical, suas influências em ouvir ou apreciar tais músicas. As respostas foram respectivamente às seguintes: No item “O que costumam ouvir?” citaram Rap, Trap, Funk e Música Eletrônica 61,5%. Quanto ao Forró, Piseiro, Pagode, Brega, Sertanejo e Samba o “gosto” chegou até 11,5%; na mesma percentualidade, 11,5%, ficaram os gêneros musicais MPB, Pop e Pop Rock; Gospel, Música Clássica e Internacional somaram 7,7% destes, conquanto 7,7% assinalaram “Outros” como resposta. A opção Axé, Swingueira, Reggae e Samba Reggae não foi marcada por nenhum dos estudantes, portanto 0%.

No que cerne tanto os gêneros quanto os estilos, no gráfico abaixo, tem-se uma ideia dessa ambientação ou dessa articulação. Vejamos:

Gráfico 03: Gêneros e Estilos musicais que costumam ouvir no dia-a-dia.

3º - Quais são os Gêneros e Estilos musicais que você costuma ouvir no dia-a-dia?
26 respostas

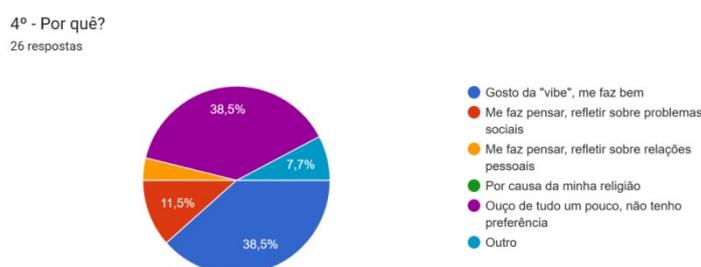


Fonte: Próprio autor, 2023.

4 – POR QUÊ?

Sobre o porquê de escutar esses gêneros e estilos musicais disseram da seguinte forma: Gosto da “vibe” foram 38,5% dos/as alunos/as. Perguntado a eles (as) qual seria o significado do termo “vibe”, responderam que se trata de algo que passa uma boa sensação, uma boa energia, “me faz sentir bem”. Outros 11,5% afirmaram que aquelas músicas faziam pensar, refletir sobre a vida, sobre os problemas sociais. Um deles, que representa 3,8% da turma, relatou que as músicas que houve o faz pensar sobre relações pessoais. Outros que equivalem a 38,5% colocaram que se sentem ecléticos, ou seja, “ouço de tudo um pouco”. Nenhum deles optou que se sentisse estimulados/as pelas questões religiosas e 7,7% marcaram a opção “Outros”.

Gráfico 04: Por quê?



Fonte: Próprio autor, 2023.

À medida que se analisava as questões respondidas foi possível perceber a relação dos mesmos com a música e o meio em que vivem, isto é, suas relações afetivas com a comunidade e demais influências fruto da legitimidade e pertencimento dos sujeitos, pois à medida que aprendem também se identificam. A ideia de “vibe” nos dá uma pista sobre essa atmosfera acerca dessas relações, isto é, trata-se do sentir, o que faz bem, o que os identifica enquanto ser individual e ao mesmo tempo social.

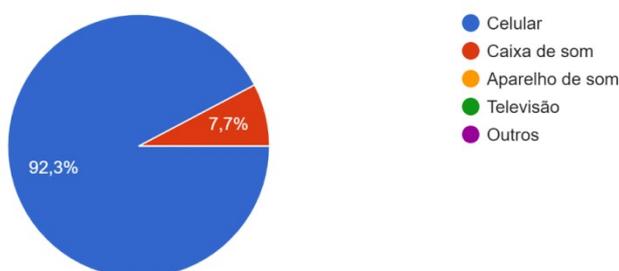
5 – QUAL APARELHO ELETRÔNICO VOCÊ MAIS UTILIZA PARA ESCUTAR MÚSICA?

Para procurar saber um pouco mais sobre o poder econômico destes alunos, acreditando que isso influencia a procura por determinados gêneros e estilos musicais, resolvi

perguntar como eles escutam as músicas que ouvem, ou seja, por meio de quais aparelhos eletrônicos têm acesso às músicas. Desta forma, 92,3% deles responderam que o principal meio de acesso era através do celular, outros 7,7% disseram que possuem caixa de som em casa e preferem essa forma para escutar música. Aparelho de som ou o uso de televisão não foi opção de nenhum dos alunos/as.

Gráfico 05: Como ouve música.

5º - Qual aparelho eletrônico você mais utiliza para escutar música?
26 respostas



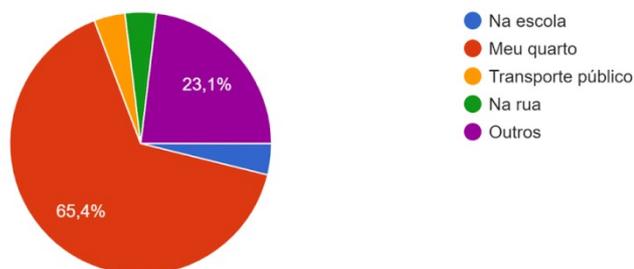
Fonte: Próprio autor, 2023.

6 – EM QUE LUGAR VOCÊ ESCUTA MÚSICA COM MAIS FREQUÊNCIA?

Sobre o local onde mais costuma ouvir música, outra surpresa: 65,4% dos alunos/as disseram ser em casa, principalmente no quarto o principal local. Na escola foi à opção de apenas um dos alunos, o que corresponde a 3,8% deste resultado. Mais um respondeu que o transporte público seria o local onde mais ouve música e outro admitiu que a rua fosse seu local preferido. Outros seis estudantes que correspondem a 23,1% dos pesquisados marcaram que preferiam ouvir música em outros locais os quais não estão citados nesta questão.

Gráfico 06: Onde ouve música.

6º - Em que lugar você escuta música com mais frequência?
26 respostas



Fonte: Próprio autor, 2023.

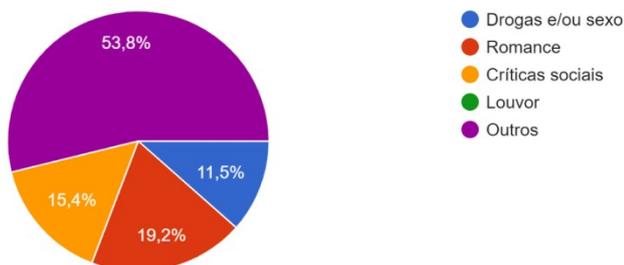
Foi possível observar neste quesito em particular que o celular e o ambiente residencial, mais precisamente o quarto, se destacam como principal aparelho e local para ouvirem música. Percebi também que muitos destes estudantes, na atualidade, passam a produzir sua própria arte musical já que muitos destes celulares, os quais possuem, já dispõem de aplicativos que possibilitam a criação musical, baseada muitas vezes em suas vivências, no contato com os colegas, amigos ou no próprio ambiente de descanso quando estão sós, atividade essa que reflete sobre o dia-a-dia, a comunidade, o local em que vivem...

7 – QUAIS SÃO OS TEMAS MAIS PROCURADOS NAS MÚSICAS QUE OUVEM?

Nos quesitos 7 e 8 procurei saber e ao mesmo tempo provocar neles/as a ideia de interpretação sobre aquilo que escutam. Através das respostas, além de perceber o que os atraem como “gosto” musical, o propósito era de traçar um perfil sobre a estrutura social em que estes estudantes estão inseridos, ou seja, aprofundar o conhecimento sobre suas comunidades, suas realidades mais distintas ou semelhantes em que vivem, em seus cotidianos. Desta forma, obtive os seguintes resultados: Drogas e/ou sexo foi respondido por 11,5% dos alunos/as; Romance foram 19,2%; Críticas Sociais foram 15,4%; louvor não foi citado e responderam “Outros”, a grande maioria, ou seja, 53,8%.

Gráfico 07: Temas das músicas.

7º - Quais são os temas mais procurados nas músicas que você ouve?
26 respostas



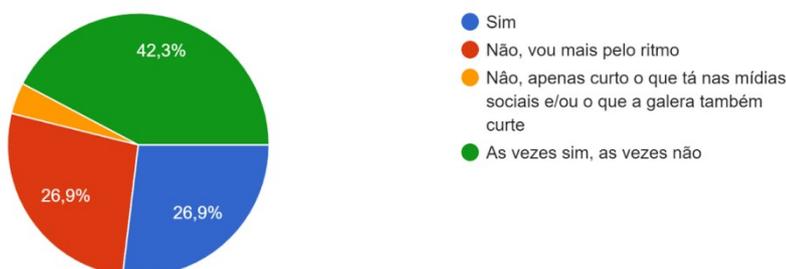
Fonte: Próprio autor, 2023.

8 – VOCÊ INTERPRETA A LETRA DAS MÚSICAS QUE OUVES?

Neste quesito, procuro aprofundar mais o olhar sobre suas vivências na comunidade em que estão inseridos e faço a provocação sobre a interpretação das músicas que ouvem. Desta forma, 26,9% destes estudantes afirmaram que interpretam as músicas que ouvem e outros 26,9% disseram não buscarem uma interpretação, mas vão mais pelo ritmo, swing da música. A grande maioria, 42,3% informou que às vezes procuram interpretar e às vezes não. E apenas um estudante que representa 3,8% dos participantes disse que Não, apenas curte o que “ta nas mídias sociais e/ou o que a galera também curte”.

Gráfico 08: Interpretação da letra das músicas.

8º - Você costuma interpretar a letra das músicas que ouve?
26 respostas



Fonte: Próprio autor, 2023.

9– DO QUE AS MÚSICAS QUE VOCÊ OUVI NORMALMENTE FALAM?

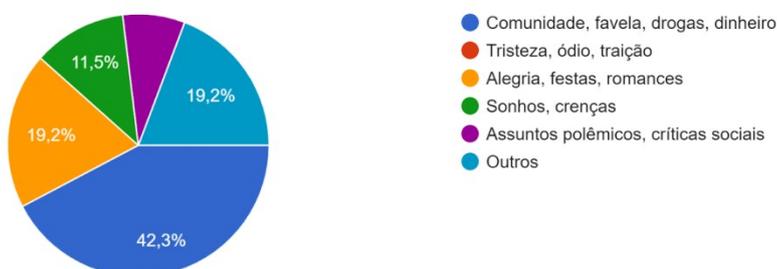
Quando perguntei sobre o que essas músicas falam, a grande maioria, 42,3% dos estudantes responderam que as músicas que ouvem falam sobre comunidade, favela, drogas, tristeza, ódio, traição e dinheiro, ao passo que 11,5% responderam sobre sonhos e crença, mais 7,7% sobre assuntos polêmicos e, também, 19,2% sobre alegrias, romances e festas. Nenhum deles optou pelo item tristeza, ódio ou traição. E 19,2% marcaram “Outros”.

A proposta é utilizar também o conhecimento empírico dos alunos/as, trazidos por suas experiências praticadas no meio em que se socializam para, a partir daí, confrontar essa vivência ou preferência por determinados gêneros e estilos musicais com os objetos de estudo da Sociologia, trabalhando teorias e conceitos sociológicos junto as suas “escolhas” musicais, provocando assim o olhar sociológico, a análise crítica no intuito de desnaturalizar os fenômenos sociais os quais estão inseridos e perceberem que muito destas produções musicais dizem respeito às formas que os indivíduos das comunidades encontram para denunciar problemas que geram desigualdades sociais e reafirmar suas identidades enquanto pessoas, cidadãos.

Não só a questão das letras das músicas as quais muitas vezes revelam os fenômenos sociais mais explícitos, mas também inserindo neste estudo as questões rítmicas, harmônicas e instrumentais ao passo que toda a construção musical perpassa pela construção social, cultural de um povo.

Gráfico 09: O que falam as letras das músicas?

9º - Do que as músicas que você ouve normalmente falam?
26 respostas



Fonte: Próprio autor, 2023.

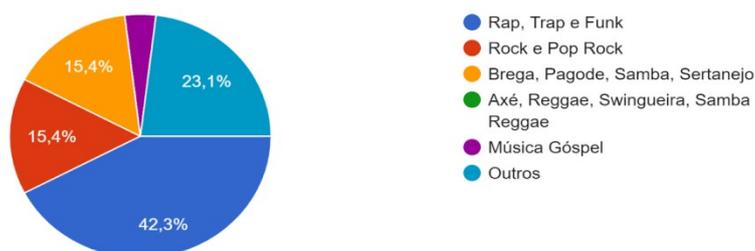
10– QUAIS SÃO OS GÊNEROS E ESTILOS MUSICAIS QUE VOCÊ GOSTARIA DE TRABALHAR NA ELETIVA E QUE TEM A VER COM SUA VIVÊNCIA SOCIAL?

Outro ponto marcante da eletiva foi procurar construir o currículo didático-pedagógico e a metodologia com os próprios estudantes. Para tanto, busquei saber deles e delas quais seriam os gêneros e estilos musicais que mais lhes chamavam a atenção e criava curiosidade em entender sua formação enquanto produção social, cultural. Foi então que neste quesito obtive as seguintes respostas: A maioria, ou seja, 42,3% dos/as alunos/as disseram que queriam saber mais sobre Rap, Trap e Funk, outros 15,4% Rock e Pop, outros 15,4% dos estudantes queriam Brega, Pagode, Samba ou Sertanejo; um estudante optou pelo Gospel. Nenhum deles fez opção por Axé, Reggae, Swingueira ou Samba Reggae. Por fim, 23,1% marcaram outros.

Após a análise destas respostas, elenquei os gêneros e estilos musicais mais citados nesta atividade e fiz outra seleção com eles/as em aula posterior, a ser comentada mais adiante no intuito de selecionar os gêneros e estilos musicais que trabalhamos na eletiva.

Gráfico 10: Gêneros e Estilos musicais para serem trabalhados na eletiva.

10º - Quais são os Gêneros e Estilos musicais que você gostaria de trabalhar na eletiva e que têm a ver com sua vivência social?
26 respostas



Fonte: Próprio autor, 2023.

11– QUAL É O SEU CONHECIMENTO COM RELAÇÃO À DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA?

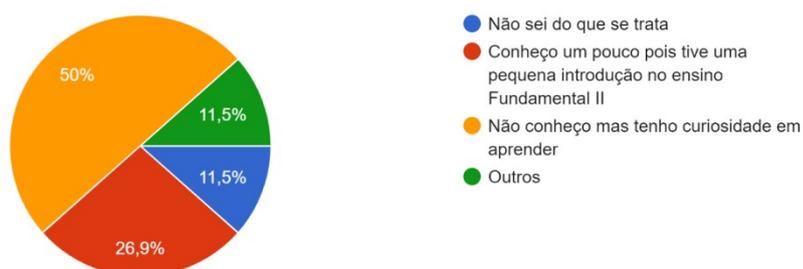
Por fim, precisava saber qual o conhecimento prévio que aqueles/as que optaram pela disciplina tinham sobre a Sociologia. Então, sobre esta pergunta, obtive o seguinte resultado: Não sei do que se trata foram 11,5% dos estudantes; não conheço, mas tenho curiosidade em

aprender foram 50%;sim, estuda as questões sociais, problemas sociais foram 26,9% e outros foi assinalado por 11,5% dos estudantes.

Gráfico 11: Conhecimento da sociologia.

11º - Qual é o seu conhecimento com relação a disciplina de Sociologia?

26 respostas



Fonte: Próprio autor, 2023.

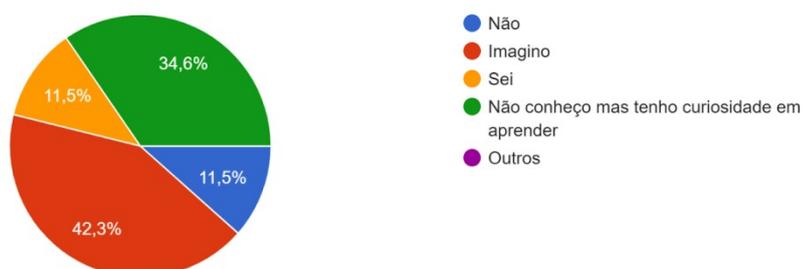
12- VOCÊ SABE QUAIS SÃO OS OBJETOS DE ESTUDO DA SOCIOLOGIA?

Como todos/as os/as estudantes são do 1º (primeiro) Ano do Ensino Médio, já era de se esperar que a grande maioria não tivesse tido ainda contato com a Ciência Social e, portanto, não sabiam bem do que se trata e quais seus objetos de estudo. Isso foi à resposta de 11,5% destes estudantes. Porém, 42,3% destes alunos/as por terem feito o Ensino Fundamental II na Rede Particular de Ensino, já tinham tido alguma experiência com a disciplina. E 34,6% disseram ter interesse em conhecer. Enquanto que 11,5% daqueles/as que não tinham tido ainda o contato com a Sociologia, demonstraram interesse em conhecê-la.

Gráfico 12: Objetos de Estudo da Sociologia.

12º - Você sabe quais são os objetos de estudo da Sociologia?

26 respostas



Fonte: Próprio autor, 2023.

Na verdade, foi muito bom perceber, por parte de alguns, que eles/as já tinham o conhecimento sobre a perda de carga horária da disciplina, devido à implantação do Novo Ensino Médio, fazendo com que a escolha pela eletiva fosse uma forma de poder ter mais contato com a disciplina sociológica, já que houve uma diminuição da oferta durante o percurso do Ensino Médio, onde a disciplina de Sociologia, de acordo com o Currículo de Pernambuco, passou a ser ofertada apenas no 2º (segundo) Ano do Ensino Médio.

A eletiva nasce como uma oportunidade a mais nos estudos da Ciência Social para estes estudantes.

3.3 O PASSO A PASSO DA ELETIVA: DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS FORMATIVOS

Ainda na primeira aula e conseqüentemente primeiro contato, como já foi dito, fiz um debate introdutório sobre a proposta da eletiva antes de aplicar o questionário comentado anteriormente. Além desta atividade de sondagem, propus a eles/as também uma pesquisa a ser realizada durante aquela semana sobre alguns conceitos da Música e da Sociologia. Os conceitos foram sobre: música, melodia, harmonia, som, ritmo, estilo musical, gênero musical, sociologia, desigualdades sociais, política, identidade juvenil, identidade de gênero, raça, etnia e cultura.

O intuito desta pesquisa preliminar foi de fazer com que os estudantes se apropriassem de conceitos das duas áreas científicas e assim pudessem discernir e analisar com mais propriedade de conhecimento, a formação dos gêneros e estilos musicais, tanto observando o lado musical enquanto produção artística, quanto à influência dos fenômenos sociais, sobre a origem destas artes, a música. Entender que existe um processo de construção que perpassa entre os dois campos e que estão diretamente atrelados, ou seja, a batida (o ritmo), por exemplo, não é algo aleatório construído de qualquer maneira, mas perpassa por uma formação social que é justamente estudada pela Ciência Social.

Como observei na atividade inicial, foram muitos os estudantes que optaram pela eletiva com interesse na música como a arte de executar um instrumento e/ou cantar. Logo, a atividade de pesquisa vem como provocação para que eles/as percebam o quanto da Sociologia está inserida nas mais variadas produções musicais.

No nosso segundo encontro, perguntei pela pesquisa e abri um debate a respeito do que eles/as encontraram. As surpresas nas falas diziam mais respeito aos conceitos sociológicos do que sobre a música. Houve comentários a respeito, principalmente, das

questões de desigualdades sociais, identidades, cultura e política, com muita identificação pessoal e já fazendo um “link” com suas vivências comunitárias.

Foi então que aproveitei o momento para seguir para a próxima etapa de formação do currículo da eletiva. Ainda em debate, coloquei que teríamos um curso de um semestre e não teríamos tempo para estudar a formação dos vários gêneros e estilos musicais comentados e abordados em sala de aula e no questionário aplicado via Google Forms. Dessa forma, propus que precisaríamos, por meio de votação, escolher4 (quatro) gêneros e estilos musicais para serem estudados enquanto origem, significados e processos sociológicos no percurso da eletiva, ao passo que eu faria a proposta de um quinto gênero musical a ser estudado e no processo final da eletiva, eles/as iriam escolher mais dois gêneros musicais a serem apresentados como forma de seminários, cuja autonomia era o imperativo didático da aprendizagem participativa.

Dessa forma, no processo de votação, escolheram: O Rap e o Trap, campeões na preferência; o Reggae e o Samba ficaram em terceiro e quarto lugar respectivamente. A proposta que fiz aos alunos/as foi de um gênero e estilo musical que até então não tinha sido citado por eles/as, nem mesmo eu havia trabalhado. Foi então que abordei com eles/as o gênero musical Mangubeat, por se tratar de um gênero originalmente Pernambucano e por entender que o mesmo pode contribuir bastante com as análises sociológicas, a principal característica da eletiva.

Com relação aos temas dos seminários, pedi que no decorrer da disciplina os estudantes fossem pensando e analisando para que em momento mais adiante pudessem me informar e assim fazer o acompanhamento do processo de coleta de dados e preparação da apresentação.

Então, no nosso terceiro encontro, começamos a colocar em prática os estudos sobre gêneros e estilos musicais a partir dos conceitos e teorias da Sociologia. E como escolhido pelos estudantes através de votação, começamos a abordar o Rap. Com relação a esse gênero e estilo musical, baseado na história do hip-hop norte americano preferimos utilizar como ponto de partida a atuação no Brasil a luz do estudo de uma grande obra literária, musical: o álbum lançado em 1997 pelos MC's Racionais – Sobrevivendo no Inferno. Para tanto, fizemos uma abordagem deste álbum enfatizando sua origem sobre o aspecto de três acontecimentos históricos que foram o massacre do Carandiru, São Paulo, 1992, a chacina da Candelária, 1993 e a chacina do Vidigal, 1993.

A partir do momento em que passamos a analisar os três acontecimentos, foi possível abordar, de forma sociológica, as questões de desigualdades sociais, raciais (etnia) e ações por

parte do Estado (política), já que foram tragédias provocadas justamente por quem deveria protegê-los. Durante a aula também procuramos fazer um debate buscando um paralelo entre esses acontecimentos e a vida deles nas comunidades em que vivem. Os depoimentos dos estudantes sobre a abordagem policial em suas comunidades tomou conta das críticas feitas à corporação. A falta de emprego, o uso de drogas também foi abordado na ocasião descrevendo as fragilidades sociais as quais eles/as estão inseridos/as.

No nosso quarto encontro, continuamos nossas abordagens sobre a obra “Sobrevivendo no Inferno”, dos Racionais MC’s, e utilizamos o recurso de televisão, através do aplicativo de YouTube para assistirmos as reportagens sobre as três chacinas, aqui citadas. Foi possível também vermos uma entrevista do cantor e compositor Mano Brown a respeito da produção do álbum em questão.

Seguindo a metodologia do uso de vídeos realizada na aula anterior e através de sugestão de alguns estudantes, realizamos a análise do filme Rip-Rop (Netflix) o qual aborda a vida de um estudante norte americano que produz canções voltadas para o hip-hop, mas é atingido por uma grande tragédia ao perder sua irmã assassinada justamente no bairro em que mora. Este jovem ao passar por este trauma passa a viver problemas com relação a crises de ansiedade que vão fazer com que ele não tenha coragem de enfrentar os problemas sociais os quais está inserido na comunidade em que mora.

Analisando o filme já no nosso sexto encontro, após perceberem que aquele personagem conseguiu sair da situação de trauma e de violência social através da produção musical do Rap, alguns destes alunos/as passaram a revelar que também são produtores, autores de suas próprias composições e que utilizam aplicativos de celular para fazê-las. Foi interessante descobrir que entre eles mesmos haviam produções de cunho próprio, revelando outra grande característica dos estudos da Sociologia que é o conceito de identidades e de juventudes.

Mais uma vez em debate, pós-filme, levantei duas propostas para eles/as como atividades. A primeira foi a de produzir um relatório sobre o filme que assistimos relatando, procurando fazer um paralelo entre a vida do personagem principal mostrada durante o filme e sua vida particular. A outra proposta foi direcionada as produções a partir de aplicativo de celular; para que pudessem produzir algo, na linha do Rap, que enfatizasse sua vivência na disciplina eletiva. A proposta para esta segunda atividade foi de mostrar e apresentar essa produção para os/as colegas das escolas. A proposta foi aceita e apresentada.

Em nosso sétimo encontro, propus a eles/as a análise de duas obras do álbum “Sobrevivendo no Inferno” (1997), do grupo musical Racionais. Mais ainda, “Diário de um

detento” e “Periferia é Periferia”. A escolha destas duas obras se deu devido ao conhecimento das obras por parte dos próprios estudantes e também por causa do tipo de abordagem a ser trabalhada no intuito de analisar o sistema carcerário no Brasil e a vida nas grandes periferias do país.

Foi então que levei nesta aula a letra da música “Diário de um Detento” (1997), de forma impressa e utilizei também uma caixa de som para tocá-la. À medida que a reproduzíamos íamos acompanhando a letra através das cópias e a cada estrofe buscávamos fazer uma analogia da situação descrita no texto, trazendo a discussão sobre as relações sociais a partir do olhar sociológico a respeito do sistema prisional brasileiro. Na ocasião houve alguns relatos de estudantes que tinham e estavam passando por situação de familiares presos.

O interessante foi observar as colocações dos alunos em relação as suas impressões quanto às temáticas entrelaçadas entre uma letra e outra e as associações com a realidade com a qual convivem, isto é, não se trata de uma realidade utópica, paralela, mas uma “metáfora” de suas emoções e memórias as quais cruzadas por entre vielas, becos e afins nas periferias. As periferias são a síntese da vontade política, o poder de quem manda e suas finalidades, isto é, se vêem condicionados a um sistema o qual sempre os empurra para as mazelas, para os porões da ignorância como meio de exercer o controle sobre eles e suas vontades, muitas vezes mascarados, disfarçados de “política pública”. Logo, narrativas como: “Tenho um irmão preso”, “Já me envolvi com drogas”, “Os fardinhas vive no baculejo”... Essas e outras constatações reforçam a semelhança entre o que diz a letra da música e o que vivem na realidade. Logo, se identificam. Por quê? Só sabe o que é ser favelado quem mora na favela. Só sabe o que é perigo quando se convive com ele 24h. Esse cenário é a constante metamorfose política dos tempos atuais, a vontade do mercado e do seu sistema.

Na aula seguinte, ou seja, no nosso oitavo encontro, foi à vez de trabalharmos a obra *Periferia é Periferia* (1997). Foi utilizada a mesma metodologia e didática da aula anterior. Levei a música impressa e através de aparelho de som fizemos a escuta pausada e discutida. Nesta ocasião o debate ganhou campo entre as experiências vividas por eles mesmos nas comunidades em que vivem. Os destaques foram para as críticas às abordagens policiais praticadas nos ambientes em que eles vivem. A questão do racismo, do preconceito de classe, gênero, foram outras discussões que puderam ser feitas naquele momento. Após a abordagem dessa obra foram expostas várias narrativas, dentre elas a forma como a polícia aborda os moradores das periferias em detrimento das classes dominantes, isto é, como um discurso se sobrepõe ao outro e como uma ordem revela o mandatário do sistema. A farda como política

de segurança não está diretamente para a segurança da sociedade, mas para parte dela, para um determinado grupo social.

Como eu tinha observado na pesquisa que apliquei no início da eletiva, muitos estudantes relataram que curtiam um gênero musical chamado Trap e que eles tinham curiosidade em conhecer sua origem. Em nosso nono encontro, resolvi abordar com eles/as este gênero e estilo musical, após pesquisa feita por mim durante planejamento escolar. Descobrimos que o Trap se trata de um subgênero criado a partir do próprio Rap, só que com raízes mais atuais, do início do século XXI.

Seu surgimento tem grande caráter sociológico e parte das periferias dos EUA, tomando grande formato na cidade de Atlanta durante reordenamentos urbanos feitos naquela ocasião para receberem os Jogos Olímpicos em 1996. Trata-se de um gênero que tem como base o uso de uma droga chamada Lean, a prática de tatuar todo o corpo, inclusive o rosto, a grande apologia ao sexo e a ostentação (demonstração de poder econômico). A palavra Trap, que significa “armadilha” tem conotação revolucionária e trás consigo a ideia de visibilidade das comunidades mais periféricas daquela região. Na década de 2000, esse gênero musical chega ao Brasil e ganha vários adeptos das comunidades mais desfavorecidas das grandes metrópoles urbanas brasileiras. Na atualidade, se tornou um dos estilos musicais mais consumidos pelos jovens.

Sobre o Trap, além da abordagem feita com os estudantes enquanto origem e principais características, citadas acima, foi possível trabalharmos um vídeo sobre sua construção e sua atualidade. O que chamou atenção para a discussão sobre o Trap foi o teor do uso da sexualidade e de drogas os quais muitos dos alunos/as, de certa forma, ainda não tinham observado. Muitas vezes a “curtição” estava voltada mais para batida, a rítmica. Questão essa também citada no questionário diagnóstico aplicado no início da disciplina eletiva. Muitos deles passaram a perceber o uso da mulher como elemento mercadológico e a questão da ostentação financeira como produto do sistema capital e também como forma usada como meio de identificação, de ser visto, de dizer, estamos aqui, ou provarmos que também podemos ocupar os espaços delimitados pelas classes mais altas.

A partir dessa leitura sobre o gênero Trap foi possível também observar algumas colocações, sobretudo, no que tange a quebra de limites estéticos entre o Estado e o Povo, entre quem domina e quem enfrenta o sistema. Assim sendo, o poder de consumo, o estilo, a vestimenta, a linguagem, as tatuagens, os modelos de sociabilidade, etc. se tornam cada vez mais imperativos. Por exemplo: a Tatuagem é um símbolo importante de poder e força, trata-se de uma linguagem estética e libertadora a qual tem no corpo o discurso da liberdade e da

ascensão em relação ao sistema e seus complexos. No mais, homens e mulheres ganham outras características quando da tatuagem fazem seus discursos, ou seja, não é preciso verbalizar contra o sistema basta entender a crítica tatuada sobre o corpo e sua vontade. Tatuagem é liberdade!

Ainda nessa aula, já no finalzinho, foi possível fazermos uma breve introdução ao próximo gênero e estilo musical que iríamos trabalhar: o Reggae. Foi um momento de provocação lançado a eles/as na perspectiva de aguçar a curiosidade para o próximo tema a ser trabalhado e de como esse poderia ser analisado através dos conceitos e teorias da Sociologia.

A proposta neste décimo encontro foi procurar trabalhar a origem do gênero e estilo musical, Reggae, a partir do movimento rastafári e da biografia de seu principal representante Bob Marley (1945 – 1981). Para tanto, preferi escrever alguns tópicos no quadro branco para que eles/as pudessem anotar e a partir daí fazer uma introdução e iniciar um debate. Interessante é que alguns/as dos/as estudantes já tinha certo conhecimento sobre o gênero e até já curtiam suas músicas.

Após as anotações e debates, utilizei mais uma vez a televisão e o canal de YouTube para assistirmos a um vídeo sobre o movimento rastafári, sua origem, características e influências sobre a cultura do povo jamaicano e outro vídeo a respeito da biografia e obras musicais de Bob Marley (1945 – 1981). Ainda nesta aula foi possível fazermos uma relação sociológica entre o Reggae e os movimentos antirracistas, tanto provindos da própria Jamaica (África), quanto como este estilo musical influenciou o movimento negro em outros países, inclusive o Brasil.

Na aula seguinte resolvemos abordar o Reggae e sua influência no Brasil e alguns de seus principais representantes, como: Edson Gomes, O Rappa, Cidade Negra, entre outros. Como uma das principais premissas metodológicas usada nos encontros da eletiva, buscamos selecionar duas músicas, uma internacional e uma nacional para podermos escutar e fazermos as análises através dos conceitos sociológicos sobre a letra das músicas e todo seu cunho cultural, político e de identidade racial. Para tanto escolhemos a música War (Guerra) do Bob Marley (1976) e a música Minha Alma de autoria do grupo musical O Rappa (1999) para fazermos essas análises. Aqui uma coisa interessante: o racismo foi à lexia mais abordada durante as aulas, os encontros isso porque a cor da pele também sinaliza a manipulação do sistema como forma de autocontrole sobre as massas e seus liderados. Fato é que a maior população brasileira é negra, cuja formação dos guetos e favelas está no “DNA” do estigmatismo racial e social. Essa premissa também abordada noutro gênero musical, como o

samba, isto é, outro gênero o qual sinaliza a construção histórica, social do povo brasileiro para além das concepções raciais buscando, também, nos oportunizar uma leitura para elementos simbólicos como a diversidade religiosa. O samba para além de uma linguagem corporal é, também, uma construção de identidade rítmica, social e cultural estando em todos os espaços da sociedade brasileira. Nesse sentido, abaixo, descreve-se um pouco sobre a histórica do samba e algumas outras peculiaridades.

Começamos por introduzir a história do Samba. Mais uma vez procurei apresentar algumas questões da história da origem do gênero através de tópicos escritos em quadro branco e levantei as discussões. Observou-se a relação entre a origem do gênero Reggae e a origem do gênero Samba no que diz respeito à questão da luta do povo negro em ambas as situações. Porém, com um grande detalhe o qual se centra no fato de o gênero Samba ser genuinamente brasileiro, de origem brasileira, hoje denominada como Patrimônio Cultural Imaterial do país.

Ao debatermos a influência histórica do processo de escravidão no Brasil bem como sua “abolição”, em 1888, sobre a origem do Samba, foi possível também fazermos uma análise da construção dos guetos, das favelas no nosso país observando que essas periferias, a princípio, se originaram da ocupação desse povo que foi feito como escravo e liberto sem estrutura social e econômica para produzirem o mínimo para suas existências. O Samba, que nasce entre o final do século XIX e início do século XX, trazem em suas grandes características raízes baseadas nas vivências religiosas, culturais deste povo. É no Rio de Janeiro, uma das antigas capitais do país, que esse gênero e estilo musical finca raízes e se desenvolve para além das expressões culturais e religiosas, tornando-se um instrumento de luta e de identificação do povo negro o qual submetido a escravidão no país.

No nosso décimo terceiro encontro, volto a usar a metodologia da interpretação de músicas que referenciam o gênero e estilo musical trabalhado. Porém, dessa vez procurei fazer uma abordagem de forma reflexiva. A partir da música Canto das Três Raças, de Clara Nunes (1976), desempenhei a seguinte dinâmica: Levei uma caixa de som para sala de aula, pedi que os estudantes procurassem fechar os olhos e se concentrassem em suas bancas e apaguei as luzes. Foi quando dei play na música e pedi que eles fizessem uma interpretação da letra, mas também procurassem imaginar e sentir o que era cantado, e de como os instrumentos eram executados.

Após a experiência, pedi que eles/as expressassem o que tinham sentido e que análise faziam sobre o que tinham vivenciado e como isso se fazia presente em suas vidas, nos seus cotidianos. E mais, se conseguiam perceber o quanto da formação desse gênero estava contido

na formação deles/as e do povo brasileiro. Os comentários foram os mais diversos possíveis, enquanto reconhecimento de suas histórias e de suas identidades culturais e étnico-raciais. Para tanto ainda citei grandes autores do Samba brasileiro para conhecimento deles/as e possível apreciação de suas obras. Entre eles: Dorival Caymmi, Noel Rosa, Ataulfo Alves, Cartola, Carmem Miranda, Clara Nunes, Bezerra da Silva, Beth Carvalho, Zeca Pagodinho, Martinho da Vila e Jorge Aragão.

Já no final da aula seguinte, ainda tomados pelo estudo do gênero Samba, procurei fazer uma introdução do que iríamos trabalhar no próximo encontro. Na ocasião lembrei-os que a partir dali, a abordagem do novo gênero e estilo musical seria através de minha escolha, quer dizer, uma escolha a qual seria apresentada para eles/as. Agora seria a vez do Mangubeat. Pedi que os estudantes fizessem uma pesquisa sobre a biografia de Chico Science (1966 – 1997) durante a semana que antecedia nosso próximo encontro.

Em nossa décima quinta e décima sexta aulas, buscamos assistir e fazer uma análise proposta por mim de um documentário sobre a vida e obras musicais de Chico Science (1966 – 1997). À medida que assistíamos, íamos parando o vídeo para tecer comentários a respeito da biografia dele e sobre a criação e formação do gênero e estilo musical Mangubeat. Mesmo sendo um gênero autenticamente Pernambucano, Recifense e com pouco tempo de sua criação, muitos dos estudantes não o conheciam ao ponto de alguns dizerem que não tinham nem ouvido falar. Mas, apesar disso, à medida que iam conhecendo também se surpreendiam com o processo de sua formação.

A conexão criada, ou mistura de elementos da cultura tradicional pernambucana com a cultura Pop foi inusitada para eles/as porque até então não tínhamos abordado a origem de um gênero musical a partir da união de dois ou três gêneros musicais que é o caso aqui quando os precursores deste gênero uniram Maracatu, Coco, Hip-Hop e Rock em um único gênero e estilo musical.

Outras questões, motivo de grande debate, foram às análises feitas de algumas das letras como “A Cidade” (1994), “Da Lama ao Caos” (1994) e “Manguetown” (1996) que testemunhavam questões que elencavam grandes problemas sociais vivenciados pelo povo recifense na década de 1990. Tanto o trabalho de denúncias sociais realizado pelos expoentes do Mangubeat quanto às questões rítmicas, harmônicas e instrumentais, chamaram bastante atenção dos estudantes. Houve um interesse muito grande pelo contato e aprendizagem do toque das alfaias, dos caixas e levadas da batida do Maracatu e do Coco junto à levada do Pop e do Rock por parte da guitarra e do baixo.

Entre as letras citadas acima, trabalhadas em sala, dei ênfase à música “A Cidade” como forma de explorar sua análise através dos conceitos e teorias sociológicas, fazendo essa cobrança como atividade em sala de aula a partir da confecção de uma redação e leitura daqueles/as que assim quisessem compartilhar, em sala de aula. Após as discussões a cerca do gênero Manguebeat e sobre as experiências até então aqui vivenciadas com o estudo dos gêneros e estilos musicais abordados, propus a eles/as irmos para a próxima etapa do nosso planejamento que seriam as apresentações de seminários sobre o Brega e Brega Funk, gêneros sugeridos por eles/as mesmos/as. As equipes me fizeram um esboço do que tinham pesquisado até o momento e marcamos as apresentações para as duas aulas seguintes.

Na décima sétima e décima oitava aulas tivemos as apresentações dos seminários propostos sobre a origem e características do estilo e gênero musical “Brega” e do “Brega Funk”. A equipe que se propôs a apresentar a origem do Brega, fez uma explanação de seu processo histórico de origem, características e formação através de slides confeccionados em Power Point e projetado com a utilização de Datashow. Após essa explanação, um dos estudantes com posse do violão e outros e outras, na voz, concluíram o trabalho cantando a música “Recife, Minha Cidade”, de Reginaldo Rossi (1994).

O grupo que trabalhou o gênero e estilo musical Brega Funk seguiu praticamente os mesmos passos do grupo anterior, explanando o processo histórico e principais características do gênero através do uso de slides via datashow e ao final, com a utilização de aparelho de caixa de som nos apresentou a música “Envolvimento”, de autoria da MC Loma e as Gêmeas Lacração (2018). O interessante é que as escolhas deles/as partiram de autorias de produções locais, do lugar onde vivem e reconhecem como seus e se identificam. Fizemos mais uma vez um debate sobre os gêneros apresentados provocando neles a análise a partir dos conceitos e teorias da Sociologia principalmente no que tange a questão da apologia ao sexo e ao corpo da mulher como objeto de desejo imaginário e mercadológico.

Aqui, uma “curiosidade”: a sexualidade como extensão das vontades e identidade coletiva. A premissa centra-se no imaginário da sensualidade e da usabilidade do corpo como discurso social e político como um ato revolucionário e, claro, sociológico, isto é, constroem-se de acordo com os limites e os contra limites de um gênero musical o qual faz parte deles como instrumento de diálogo sobre suas realidades e vivências sociais, coletivas, individuais e afetivas. Os guetos são constructos de um imaginário coletivo à medida que a sexualidade a “certidão digital” de um novo ciclo social de diálogos e interação. Assim, o brega funk apresenta-se não como um gênero ou estilo musical em si, mas como um meio difusor de realidades e de leitura de imagens de um “Eu” em plena metamorphose periférica.

A discussão foi bem interessante ao passo de que houve a fala de algumas estudantes sobre a questão do machismo institucionalizado e vivenciado até de forma cultural sobre o corpo da mulher. As afirmações foram de que muitas vezes elas gostam da batida, do ritmo, de se sentir pertencente ao grupo, se identificam e nem sempre percebem a sensualização dos passos, da dança que a música provoca. É um espaço de “liberdade”, afirmou uma das estudantes.

Na semana seguinte, nas duas aulas finais do segundo semestre de 2022, procurei fazer uma análise com os estudantes sobre a disciplina. Como eles/as associaram o estudo da origem de estilos e gêneros musicais aos conceitos e teorias da Sociologia. A princípio, procurei introduzir no debate que a proposta da eletiva era trazer um primeiro contato com a Sociologia através da arte musical no intuito de apresentar para eles/as os princípios básicos da ciência sociológica em consonância com suas vivências no ambiente em que realizam suas interações sociais, a música aí servindo como base para as análises destes fenômenos. Enfatizei também que um maior aprofundamento será feito a partir do segundo ano do Ensino Médio quando eles/as terão a Sociologia no currículo anual, com carga horária de 80h/a e um maior aprofundamento sobre os teóricos (teorias) e conceitos da Sociologia.

Nesta ocasião, fizemos a correção das atividades propostas durante o percurso da disciplina, não na perspectiva de atribuir notas como valor de aprovação ou reprovação, mas de avaliar a participação, interesse, desempenho dos estudantes, como está demonstrado em anexo ao trabalho, no item Planejamento das Aulas, elaborado e publicado na caderneta oficial da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEDUC/PE). Em grupo, começamos a organização da culminância da eletiva. A proposta levantada foi para montarmos uma apresentação teatral durante a semana para ser realizada no pátio da escola, a partir da escolha de uma das músicas trabalhada durante a eletiva. Escolhemos então a música do grupo de Rap Racionais MC's “Periferia é Periferia” (1997) devido ao seu teor no que se concerne as relações de marginalização, desigualdades sociais de ordem econômica, étnico-racial, de gênero e identidade (principalmente nas relações juvenis).

Os estudantes elaboraram as cenas a serem ensaiadas, tendo sempre a música escolhida como “pano de fundo”, além de, durante a semana, marcar encontros no intuito de aprimorarem a apresentação. Fiz o acompanhamento na unidade escolar, nos intervalos disponíveis com relação à produção e conseqüente culminância da eletiva com docentes, discentes e equipe gestora, da escola como é possível observar nas figuras abaixo.

Figura 07: Culminância da eletiva – narrando a Música



Fonte: próprio autor.

Figura 08: Desenvoltura da apresentação teatral.



Fonte: próprio autor.

Figura 09: Discentes da unidade escolar assistindo a culminância da Eletiva



Fonte: próprio autor.

Vale salientar que a culminância em questão aconteceu no dia 22/12/2022, fora do intervalo proposto semestralmente para ministração da eletiva, devido ao próprio calendário escolar da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEDUC/PE) o qual tem a data citada como conclusão do ano letivo em questão. É importante salientar também que a data se deve a um planejamento entre gestão e corpo docente da unidade escolar para culminância das eletivas em vigência na escola.

4. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi apresentado até aqui, entendo que o principal resultado esperado e, creio que alcançado, por esta proposta de intervenção pedagógica, foi o de construir para com um Modelo Didático-Pedagógico, com metodologias criadas, planejadas e também recriadas no percurso e readaptadas a luz dos próprios autores, os estudantes da escola EREM Carlos Frederico do Rego Maciel. Envolvido na disciplina eletiva, enquanto Professor, procurei oportunizar os estudantes dessa modalidade de ensino o contato com a música e as teorias e conceitos sociológicos levando-os a produzirem análises destes conteúdos presentes nesses gêneros e estilos musicais.

Como é sabida, a indústria cultural visa o consumo e a cultura de massa como alicerce a um controle coletivo, isto é, buscar padronizar ideias, conceitos, linguagens, estilos, etc. no afã de galgar o lucro em detrimento das identidades às quais presentes nas grandes esferas da sociedade, sobretudo, nos centros urbano-periféricos. Isso significa que ao apresentar esta proposta enquanto mecanismo de diálogo junto aos alunos/as do Ensino Médio, do 1º Ano, está-se, também, rompendo padrões estéticos da indústria do conhecimento, ou seja, buscando desnaturalizar conceitos ou posturas errôneas as quais se alinham a manutenção do controle social e isso é um suporte imprescindível na luta contra as desigualdades.

Com esse trabalho muitos alunos/as puderam entrar em contato com uma Sociologia operante, atuante e atemporal, pois fala desses mesmos sujeitos os quais vivencia ideias, fomentam outras e se “alimentam” daquilo que se pode chamar de oportunidades, muito escassas em alguns pontos desse arcabouço cultural, midiático. Essa perspectiva reitera o papel social da própria Sociologia a qual se apresenta como uma alternativa ao processo de reconhecimento dos sujeitos em si mesmos e nas relações estabelecidas pelo sistema social e suas variantes; o poder, a norma, o padrão, etc. Mais ainda, uma oportunidade de compreender a necessidade de “remar contra” as arbitrariedades do estigma como elemento fulcral a manutenção do controle social. Viver é um fenômeno social! Logo a Sociologia é o apadrinhamento dos homens, a porta de entrada das sapiências.

Assim sendo, provocar neles/as um olhar sociológico crítico e analítico sobre as influências mercadológicas impostas pela classe social burguesa dominante foram um dos principais objetivos deste trabalho à medida que se buscou, também, semear ideias sociológicas as quais serão aprofundadas durante o segundo ano do Ensino Médio, a partir do contato mais aproximado com a Sociologia. É interessante ressaltar que para aqueles/as que

passaram pela experiência desta eletiva terão a possibilidade de um percurso, cujo olhar sociológico tornar-se-á mais aguçado sobre os fenômenos sociais vigentes.

Esta Intervenção Pedagógica se torna um instrumento muito importante de uso pedagógico voltado para o trabalho didático no que tange um olhar mais apurado sobre a Sociologia, justamente porque através desta experiência foi possível construir mais uma ferramenta acadêmica a qual procura resolver problemas, ao menos tentar, enfrentados pela disciplina, desde sua aplicação e obrigatoriedade no Ensino Médio.

Todo o percurso histórico de formação da eletiva “O Ensino de Sociologia através da Música” descrito aqui como Intervenção Pedagógica teve um ponto muito significativo para a educação de forma geral. O trabalho com o conhecimento empírico destes estudantes, a partir do que eles/as já vivenciam no dia-a-dia e trazem naturalmente para a escola, faz com que os/as mesmos/as encontrem sentido, gosto, prazer em estar nestes ambientes, corroborando, pois, para uma “revisão” do que temos colocado como dicotomia, isto é, a relação entre Teoria e Prática.

A partir destas palavras, descrevo aqui o que percebi e vivenciei com estes/as estudantes, no decorrer dos nossos encontros. Eles/as, sobre o meu ponto de vista, percebiam o quanto a Sociologia é importante na vida de todos e deles/as mesmos/as, ou seja, através de um pensamento crítico, vislumbrado durante todo o percurso, passam a se perceberem parte desse processo de criticidade e legitimidade; eles são os verdadeiros autores das narrativas com as quais a Sociologia trabalha e teoriza. A arte, pois, é uma dessas camadas sociais com a qual a Sociologia dialoga e eles/as, os/as estudantes, são partes fundamentais dessa narrativa artística, cuja narratária é a Vida e seus afetos.

Por fim, o trabalho procurou ancorar-se na legislação vigente no que cerne os vários cadernos institucionais bem quanto às diretrizes com as quais trabalha. Tanto os cadernos institucionais quanto as diretrizes dizem muito dos caminhos a serem tomados e vivenciados enquanto parte de um processo, ainda, em construção, visto que a escrita aqui apresentada é apenas um recorte de tantas outras possibilidades com as quais podemos trabalhar em sala de aula de acordo com a nossa formação e experiência acadêmica.

Imperativamente a Música e a Sociologia são partes de um “DNA” social, cuja demanda está nas suas estruturas fundantes tão quanto nos “porquês”, isto é, quanto mais indagações, dúvidas mais diálogos são possíveis de extrair, complementar, partilhar visto que tudo está em torno do Homo Sapiens e sua forma de organização no mundo.

Afinal de contas, ninguém nasce sozinho, ninguém morre sozinho, pois tudo depende de uma interdependência e do modo como enxergamos a Vida, o “Outro” e o que está para linha do

horizonte. O “Nós” é o pronome social que dita às regras do jogo, pois é ele quem define o que somos no coletivo, a ciência social que caminha, o saber que se partilha; o “Caminho das Pedras...”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Márcia Ângela da Silva. **A Implementação da (Contra) Reforma do Ensino Médio em questão: a reação da comunidade acadêmica.** Coletiva, Recife, n. 31 Coletiva. set.out.nov.dez. 2022. Disponível em <<https://www.coletiva.org/dossie-reforma-do-ensino-medio-n31-artigo-implementacao-da-contrareforma-do-ensino-medio-marci>>. ISSN 2179-1287. COLETIVA

ALLUCCI, R. R., MOLINA, S. e TERAHATA, A. M. (Org.). **A música na escola.** Allucci e Associados Comunicações, São Paulo, 2012.

ARROYO, Margarete. **Escola, juventude e música: tensões, possibilidades e paradoxos.** *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 18, n. 30, 2007.

BATISTA, Leticia. Mangubeat. **Vanguarda ou manguê? O alcance da canção. Estudos sobre música popular.** In: FISCHER, Luís Augusto; Carlos Augusto Bonifácio Leite (org.). Porto Alegre: Arquipélago Editoria, 2016, p. 354-367.

BERNARDIM, Márcio Luiz; DA SILVA, Monica Ribeiro. **Juventude (s) e Ensino Médio: da inclusão escolar excludente aos jovens considerados nem-nem.** *Revista Contrapontos*, v. 17, n. 4, p. 688-704, 2017.

BODART, Cristiano das Neves. **Usos de canções no ensino de Sociologia.** Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021.

BOSCO, Francisco. **Da cultura à política. In: A vítima tem sempre razão?** São Paulo: Todavia, 2017, p. 33-54.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico;** Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão. Seguido de: A influência do Jornalismo e Os Jogos Olímpicos;** Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOZON, Michael. **Práticas musicais e classes sociais: estrutura de um campo local.** *Em Pauta*. V.11. n.16/17. Abril/Novembro, 2000.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012. Dispõe sobre as **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.** *Diário Oficial da União* 2012; 31 jan.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 3, de 8 de novembro de 2018. **Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.** *Diário Oficial da União* 2018; 22 nov.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular - Ensino Médio.** Brasília: MEC, p. 7-22 e 561-579, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf

DAYRELL, Juarez. **A Escola “faz” as Juventudes? Reflexões em torno da Socialização Juvenil.** *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez. **O Rap e o Funk na Socialização da Juventude.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes.** Tradução: Magda Lopes; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2013.

FORACCHI, **A juventude na sociedade moderna.** São Paulo: Edusp, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio; MOTTA, Vânia. **Por que a urgência da reforma do ensino médio? Medida Provisória no. 746/2016 (lei no 13.415/2017).** *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 38, no. 139, p.355-372, abr-jun, 2017.

GOMES, A. M.; CHAVES, L. P. **A estética relacional e a experiência estética do hip-hop: o eu e o outro no fazer artístico.** Palíndromo, Florianópolis, v. 12, n. 27, p. 310-328, 2020. DOI: 10.5965/2175234612272020310. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/12499>. Acesso em: 13 jun. 2022.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUERRIERO, Iara Coelho Zito. **Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016 que trata das especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e de outras que utilizam metodologias próprias dessas áreas.** *Opinião.* DOI: 10.1590/1413-81232015218.17212016 <https://www.scielo.br/pdf/csc/v21n8/1413-8123-csc-21-08-2619.pdf>. Acesso em 20 jun 2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade** / Bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_2_12.pdf

<https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pdde/media-pdde/GUIAFNDEFINALVERSOFINAL17112021.pdf>

KATER, Carlos. **Por que Música na Escola? Algumas Reflexões.** JORDÃO, G; ALLUCCI, R. R.; MOLINA, S, p. 42-43, 2012.

KATZ, Leonel. **Brasil, Rito e Ritmo.** Rio de Janeiro: Aprazível Edições, 2003/2004.

KUENZER, A. **Trabalho e escola: a flexibilização do ensino médio no contexto do regime de acumulação flexível.** Educação e Sociedade, Campinas, v. 38, n. 139, p. 331-354, jun.2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v38n139/1678-4626-es-38-139-00331.pdf>

NASCIMENTO, Anderson Messias Roriso. **O hip hop como experiência estética: apropriações e ressignificações por jovens do ensino médio privado.** 2011.

PERNAMBUCO. **Currículo de Pernambuco.** Recife: SEDUC-PE, 2021.

PIMENTA, Melissa de Mattos. **Ser jovem e ser adulto: identidades e trajetórias.** Jundiaí: Paco Editoria, 2017.

PRIOLLI, Maria Luísa de Mattos. **Princípios Básicos da Música para a Juventude.** 1º Volume. revista e atualizada. Casa Oliveira de Músicas, RJ, 2012.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no Inferno.** 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RAMOS, Marise Nogueira; FRIGOTTO, Gaudêncio. **“Resistir é preciso, fazer não é preciso”: as contrarreformas do ensino médio no Brasil.** Cadernos de Pesquisa em Educação, n. 46, p. 26-47, 2017.

RÊGO, Tânia Maria Silva. **Jovens, interações e articulações com a aprendizagem musical no contexto do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão (Campus Monte Castelo).** 2013. 156 f., il. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

RESOLUÇÃO ProEMI _ PUBLICAÇÃO 28-10-11- PROC 035501-86_ VS 28-10-11.doc

SILVA, Afrânio e outros. **Sociologia em Movimento.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

Silva, Isabel Cristina Oliveira da. **Juventudes e expressividades musicais no espaço escolar do Alto Sertão de Alagoas.** 2018. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

VIANA, Hermano. **O mundo funk carioca.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

6. APÊNDICE

6.1 CRONOGRAMA DA DISCIPLINA ELETIVA – O ENSINO DE SOCIOLOGIA ATRAVÉS DA MÚSICA, APRESENTADO A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO.

SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E PROFISSIONAL

GRE METROPOLITANA SUL

Coordenação Geral de Educação Integral - CGIP

Eletiva 2022.2

1. ESCOLA: PROFESSOR CARLOS FREDERICO DO RÊGO MACIEL

2. PROFESSOR: Thiago Costa Martins da Silva

2. DISCIPLINA/ELETIVA: O Ensino de Sociologia através da Música

4.TURMA: 1

5. ANO: 2022.2

JUSTIFICATIVA

O Ensino da eletiva - O Ensino de Sociologia através da Música é relevante para a formação integral do jovem uma vez que possibilita a análise e compreensão da sociedade, sua gênese e transformação, e os múltiplos fatores que nela intervêm como produtos da ação humana e os processos sociais como orientadores da dinâmica dos diferentes grupos de indivíduos, de modo a obter subsídios para reflexões em relação aos paradigmas que a permeiam, bem como a construção de estilos e gêneros musicais.

METODOLOGIA

Aula expositiva;

Aula discursiva dialogada;

Pesquisa individual ou em grupo;

Leitura de textos, seminários;

Debates;

Exibição de filmes;

Uso de músicas para audição e análises de suas construções;

OBJETIVOS

Compreender a importância da Sociologia para a formação da consciência crítica do jovem e da ampliação da sua visão de mundo, na busca do verdadeiro exercício da cidadania e da participação ativa na construção da História da Humanidade.

Compreender os processos sociais pelos quais passa a sociedade atual, superando a visão conferida pelo senso comum estabelecendo relações entre o conhecimento teórico, conceitos e temas abordados.

Analisar a construção de estilos e gêneros musicais como um processo social de identidade e de denúncia das desigualdades sociais impostas por grupos hegemônicos.

CONTEÚDOS RELACIONADOS

A vida em sociedade x problemas sociais.

Ciência x senso comum.

As Ciências Sociais

A Sociologia na sociedade contemporânea

Objetividade e conhecimento científico.

Formação e construção de estilos e gêneros musicais

Conceitos a cerca da música como: harmonia, melodia e ritmo;

Sociabilidade e socialização.

Contatos sociais.

O isolamento social.

A importância da comunicação.

Interação social.

Processos sociais.

Identidades sociais

Desigualdades sociais

DATAS	CRONOGRAMA	PRÁTICA	RECURSOS
01/08/2022	Exposição do conteúdo;	Conceitos sobre: música, melodia, harmonia, som, ritmo, estilo musical, gênero musical, sociologia, desigualdades sociais, identidade juvenil, identidade de gênero, raça e etnia.	Ficha de exercícios.
08/08/2022	Estudodirigido;	Continuação - Conceitos sobre: música, melodia, harmonia, som, ritmo, estilo musical, gênero musical, sociologia, desigualdades sociais, identidade juvenil, identidade de gênero, raça e etnia.	Ficha de exercícios.
15/08/2022	Debate;	A história das origens dos estilos e gêneros musicais como um processo sociológico. Um estudo de caso sobre a formação, influência e atuação no Brasil do Rap	Computador, datashow, filme (documentário).
22/08/2022	Debate;	Continuação - A história das origens dos estilos e gêneros musicais como um processo sociológico. Um estudo de caso sobre a formação, influência e atuação no Brasil do Rap e do Trap.	Computador, datashow, filme (documentário).

29/08/2022	Debate;	Análise do filme - Rip-Rop (netflix)	Aparelho de TV e caixa de som.
05/09/2022	Debate;	Continuação - análise do filme Rip-Rop (Netflix)	Aparelho de TV e caixa de som.
12/09/2022	Estudodirigido;	Análise da obra Sobrevivendo no Inferno (1997) do grupo musical Racionais. Um estudo de caso da origem das letras das canções. Diário de um Detento.	Ficha de exercícios, livro paradidático, caixa de som.
19/09/2022	Estudodirigido;	Análise da obra Sobrevivendo no Inferno (1997) do grupo musical Racionais. Um estudo de caso da origem das letras das canções. Periferia é Periferia.	Ficha de exercícios, livro paradidático, caixa de som.
26/09/2022	Exposição do conteúdo;	As origens do gênero e estilo musical Reggae. O movimento rastafari e a biografia de Bob Marley.	Ficha de exercícios, texto escrito.
03/10/2022	Estudodirigido;	Continuação - As origens do gênero e estilo musical Reggae. O movimento rastafari e a biografia de Bob Marley. A relação das obras musicais deste estilo e gênero musical com o movimento negro, os movimentos antiracistas.	Computador, datashow, caixa de som.
10/10/2022	Debate;	A relação das obras musicais deste estilo e	Computador, datashow, caixa de

		gênero musical com o movimento negro, os movimentos antirracistas no Brasil e os representantes musicais nacionais: Edson Gomes, O Rappa, Cidade Negra, entre outros.	som.
--	--	---	------

DATAS	CRONOGRAMA	PRÁTICA	RECURSOS
24/10/2022	Exposição do conteúdo;	As desigualdades sociais vividas nas periferias do Brasil e os processos de identidade através do Samba. A origem e características históricas e sociais deste estilo e gênero musical.	Computador, datashow, slides em PowerPoint, caixa de som.
31/10/2022	Debate;	Continuação - As desigualdades sociais vividas nas periferias do Brasil e os processos de identidade através do Samba. A origem e características históricas e sociais deste estilo e gênero musical. Apresentação de artistas como Bezerra da Silva, Martinho da Vila. Análise da construção e	Computador, datashow, slides em PowerPoint, caixa de som.

		identidades das letras das canções.	
07/11/2022	Exposição do conteúdo;	A origem do movimento Manguebit. Biografia de Chico science.	Computador, datashow, slides em PowerPoint, caixa de som.
21/11/2022	Debate;	Análise do documentário sobre a vida e obras musicais de Chico Science. Análise de músicas como A Cidade, Da Lama ao Caos e Manguetown.	Aparelho de TV e caixa de som.
28/11/2022	Debate;	Continuação - Análise do documentário sobre a vida e obras musicais de Chico Science. Análise de músicas como A Cidade, Da Lama ao Caos e Manguetown.	Aparelho de TV e caixa de som. Instrumentos musicais como: Alfaias, caixa, triângulo, agogô, merengue, violão e baixo.
05/12/2022	Debate;	Apresentação de seminário sobre a origem e características do estilo e gênero musical Brega. Livrescolha dos alunos. Análise musical e sociológica.	Computador, datashow, slides em PowerPoint, caixa de som.
12/12/2022	Debate;	Apresentação de seminário sobre a origem e características do estilo e gênero musical Brega Funk (formação deste gênero). Livrescolha dos alunos. Análise musical e	Computador, datashow, slides em PowerPoint, caixa de som.

		sociológica.	
19/12/2022	Debate;	Análise com os estudantes da disciplina. Como eles associaram o estudo da origem de estilos e gêneros musicais com a ciência social. Correção das atividades e organização da culminância da eletiva.	Ficha de exercícios, Computador, datashow, slides em PowerPoint, caixa de som.
22/12/2022	Realização de projeto pedagógico interdisciplinar.	Culminância da eletiva com docentes, discentes e equipe gestora, na unidade escolar.	Computador, datashow, caixa de som. Instrumentos musicais como: Alfaias, caixa, triângulo, agogô, merengue, violão teclado e baixo.

PROPOSTA PARA CULMINÂNCIA

Apresentação de forma cênica (peça teatral) envolvendo os conteúdos trabalhados em sala de aula para os estudantes, docentes e equipe gestora da unidade escolar.

AVALIAÇÃO (CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO)

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO (0 A 10)
Diagnóstica: Contínua e processual valorizando os aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais.	4,0
Formativa: Atividades individuais e em grupos, seminários, exercícios, testes.	4,0

Somativa: Assiduidade, pontualidade, trabalho e comportamento, produções escritas.	2,0
---	-----

LISTA DE MATERIAIS

Nº	QUANT	PRODUTOS
1	1	Caixa de som
2	1	Televisão
3	1	Resma de papel
4	1	Data Show
5	1	Notebook
6	4	Violões
7	4	Teclados
8	1	Bateria
9	4	Baixos
10	4	Alfaias
11	4	Triângulos
12	4	Merengues
13	4	Agôgos
14	40	Livros paradidáticos

6.2 QUESTIONÁRIO SOBRE A ELETIVA (GOOGLE FORMS) - O ENSINO DE SOCIOLOGIA ATRAVÉS DA MÚSICA

Prezados estudantes que optaram por esta eletiva, este questionário tem o intuito de traçar um perfil inicial sobre o conhecimento que vocês trazem a cerca da formação e produção de gêneros e estilos musicais com olhar científico para as Ciências Sociais (Sociologia). Trata-se de uma metodologia criada como intervenção pedagógica nas aulas de Sociologia para testagem e reprodução de dissertação a ser defendida no curso de Mestrado Profissional em Sociologia promovido pela Universidade Federal do Ceará em parceria com a FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco). Gostaria de contar com a colaboração de vocês e informar que as respostas serão utilizadas para fins pedagógicos, não havendo necessidade de identificação dos que participarem. Obrigado!

E-mail

1º - Por que escolheu a eletiva?

- Curiosidade de como a Sociologia influencia a Música
- Gosto de Música
- Sou músico
- Quero aprender sobre cultura
- Quero aprender Sociologia
- Quero aprender como se formam os Gêneros e Estilos musicais
- Era a única eletiva que tinha

2º - Quais Gêneros e Estilos musicais você conhece?

- Trap, Rap, Funk e Música Eletrônica
- Forró, Piseiro, Pagode, Sertanejo, Brega e Samba
- Axé, Swingueira, Samba Reggae e Reggae
- Música Clássica, Música Internacional, Gospel
- MPB, Pop Rock e Rock
- Outros

3º - Quais são os Gêneros e Estilos musicais que você costuma ouvir no dia-a-dia?

- Trap, Rap, Funk e Música Eletrônica
- Forró, Piseiro, Pagode, Sertanejo, Brega e Samba
- Axé, Swingueira, Samba Reggae e Reggae
- Música Clássica, Música Internacional, Gospel
- MPB, Pop Rock e Rock
- Outros

4º - Por quê?

- Gosto da "vibe", me faz bem
- Me faz pensar, refletir sobre problemas sociais
- Me faz pensar, refletir sobre relações pessoais
- Por causa da minha religião
- Ouço de tudo um pouco, não tenho preferência
- Outro

5º - Qual aparelho eletrônico você mais utiliza para escutar música?

- Celular
- Caixa de som
- Aparelho de som
- Televisão
- Outros

6º - Em que lugar você escuta música com mais frequência?

- Na escola
- Meu quarto
- Transporte público
- Na rua
- Outros

7º - Quais são os temas mais procurados nas músicas que você ouve?

- Drogas e/ou sexo
- Romance
- Críticas sociais
- Louvor
- Outros

8º - Você costuma interpretar a letra das músicas que ouve?

- Sim
- Não, vou mais pelo ritmo.
- Não, apenas curto o que tá nas mídias sociais e/ou o que a galera também curte
- Às vezes sim, às vezes não

9º - Do que as músicas que você ouve normalmente falam?

- Comunidade, favela, drogas, dinheiro
- Tristeza, ódio, traição
- Alegria, festas, romances
- Sonhos, crenças
- Assuntos polêmicos, críticas sociais
- Outros

10º - Quais são os Gêneros e Estilos musicais que você gostaria de trabalhar na atividade e que têm a ver com sua vivência social?

- Rap, Trap e Funk
- Rock e Pop Rock
- Brega, Pagode, Samba, Sertanejo
- Axé, Reggae, Swingueira, Samba Reggae
- Música Gospel
- Outros

11° - Qual é o seu conhecimento com relação à disciplina de Sociologia?

- Não sei do que se trata
- Conheço um pouco, pois tive uma pequena introdução no ensino Fundamental II
- Não conheço, mas tenho curiosidade em aprender
- Outros

12° - Você sabe quais são os objetos de estudo da Sociologia?

- Não
- Imagino
- Sei
- Não conheço, mas tenho curiosidade em aprender
- Outros

7. ANEXOS: DOCUMENTOS OFICIAIS

7.1 LETRAS DAS MÚSICAS TRABALHADAS EM SALA DE AULA

Diário de um Detento

Canção de Racionais MC's

São Paulo, dia primeiro de outubro de 1992, oito horas da manhã
 Aqui estou, mais um dia
 Sob o olhar sanguinário do vigia
 Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK
 Metralhadora Alemã ou de Israel
 Estraçalha ladrão que nem papel
 Na muralha, em pé, mais um cidadão José
 Servindo o Estado, um PM bom
 Passa fome, metido a Charles Bronson
 Ele sabe o que eu desejo
 Sabe o que eu penso
 O dia 'tá chuvoso o clima 'tá tenso
 Vários tentaram fugir, eu também quero
 Mas de um a cem, a minha chance é zero
 Será que Deus ouviu minha oração?
 Será que o juiz aceitou a apelação?
 Mando um recado lá pro meu irmão
 Se tiver usando droga, 'tá ruim na minha mão!
 Ele ainda 'tá com aquela mina
 Pode crer, moleque é gente fina
 Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá
 Tanto faz, os dias são iguais
 Acendo um cigarro, e vejo o dia passar
 Mato o tempo pra ele não me matar
 Homem é homem, mulher é mulher
 Estuprador é diferente, né?
 Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés
 E sangra até morrer na rua 10
 Cada detento uma mãe, uma crença
 Cada crime uma sentença
 Cada sentença um motivo, uma história de lágrima
 Sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio
 Sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo
 Misture bem essa química
 Pronto, eis um novo detento
 Lamentos no corredor, na cela, no pátio
 Ao redor do campo, em todos os cantos
 Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã
 Aqui não tem santo
 Rá'tá'tá'tá preciso evitar
 Que um safado faça minha mãe chorar

Minha palavra de honra me protege
Pra viver no país das calças bege
Tic, tac, ainda é 9:40
O relógio da cadeia anda em câmera lenta
Ratata'tá, mais um metrô vai passar
Com gente de bem, apressada, católica
Lendo o jornal, satisfeita, hipócrita
Com raiva por dentro, a caminho do Centro
Olhando pra cá, curiosos, é lógico
Não, não é não, não é o zoológico
Minha vida não tem tanto valor
Quanto seu celular, seu computador
Hoje, 'tá difícil, não saiu o sol
Hoje não tem visita, não tem futebol
Alguns companheiros têm a mente mais fraca
Não suportam o tédio, arruma quiaca
Graças a Deus e à Virgem Maria
Faltam só um ano, três meses e uns dias
Tem uma cela lá em cima fechada
Desde terça-feira ninguém abre pra nada
Só o cheiro de morte e Pinho Sol
Um preso se enforcou com o lençol
Qual que foi? Quem sabe? Não conta
Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta
Nada deixa um homem mais doente
Que o abandono dos parentes
Aí moleque, me diz então, cêquê o quê?
A vaga 'tá lá esperando você
Pega todos seus artigos importados
Seu currículo no crime e limpa o rabo
A vida bandida é sem futuro
Sua cara fica branca desse lado do muro
Já ouviu falar de Lúcifer?
Que veio do inferno com moral
Um dia no Carandiru, não ele é só mais um
Comendo rango azedo com pneumonia
Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril, Parelheiros
Mogi, Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Angela
Heliópolis, Itapevi, Paraisópolis
Ladrão sangue bom tem moral na quebrada
Mas pro Estado é só um número, mais nada
Nove pavilhões, sete mil homens
Que custam trezentos reais por mês, cada
Na última visita, o neguinho veio aí
Trouxe umas frutas, Marlboro, Free
Ligou que um pilantra lá da área voltou
Com Kadett vermelho, placa de Salvador
Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa
Com uma nove milímetros embaixo da blusa

Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que 'tá?
Lembra desse cururu que tentou me matar?
Aquele puta ganso, pilantra corno manso
Ficava muito doido e deixava a mina só
A mina era virgem e ainda era menor
Agora faz chupeta em troca de pó!
Esses papos me incomoda
Se eu 'tô na rua é foda
É, o mundo roda, ele pode vir pra cá
Não, já, já, meu processo 'tá aí
Eu quero mudar, eu quero sair
Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum
E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um
Amanheceu com sol, dois de outubro
Tudo funcionando, limpeza, jumbo
De madrugada eu senti um calafrio
Não era do vento, não era do frio
Acertos de conta tem quase todo dia
Tem outra logo mais, eu sabia
Lealdade é o que todo preso tenta
Conseguir a paz, de forma violenta
Se um salafrário sacanear alguém
Leva ponto na cara igual Frankenstein
Fumaça na janela, tem fogo na cela
Fudeu, foi além, se pã, tem refém
Na maioria, se deixou envolver
Por uns cinco ou seis que não têm nada a perder
Dois ladrões considerados passaram a discutir
Mas não imaginavam o que estaria por vir
Traficantes, homicidas, estelionatários
Uma maioria de moleque primário
Era a brecha que o sistema queria
Avisar o IML, chegou o grande dia
Depende do sim ou não de um só homem
Que prefere ser neutro pelo telefone
Ratatátá, caviar e champanhe
Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe!
Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo
Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!
O ser humano é descartável no Brasil
Como modess usado ou Bombril
Cadeia? Claro que o sistema não quis
Esconde o que a novela não diz
Ratatátá! Sangue jorra como água
Do ouvido, da boca e nariz
O Senhor é meu pastor
Perdoe o que seu filho fez
Morreu de bruços no salmo 23
Sem padre, sem repórter
Sem arma, sem socorro

Vai pegar HIV na boca do cachorro
Cadáveres no poço, no pátio interno
Adolf Hitler sorri no inferno!
O Robocop do governo é frio, não sente pena
Só ódio e ri como a hiena
Ratatata, Fleury e sua gangue
Vão nadar numa piscina de sangue
Mas quem vai acreditar no meu depoimento?
Dia 3 de Outubro, diário de um detento.

Fonte: LyricFind

Compositores: Josemir Jones Fernandes Prato / Pedro Paulo Soares Pereira

Periferia é Periferia
Canção de Racionais MC's

Este lugar é um pesadelo periférico
 Fica no pico numérico de população
 De dia a pivetada a caminho da escola
 À noite vão dormir enquanto os manos "decola"
 Na farinha... hã! Na pedra... hã!
 Usando droga de monte, que merda! há!
 Eu sinto pena da família desses cara!
 Eu sinto pena, ele quer mas ele não pára!
 Um exemplo muito ruim pros moleque.
 Pra começar é rapidinho e não tem breque.
 Herdeiro de mais alguma Dona Maria
 Cuidado, senhora, tome as rédeas da sua cria!
 Fudeu, o chefe da casa, trabalha e nunca está
 Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar
 O trabalho ocupa todo o seu tempo
 Hora extra é necessário pro alimento
 Uns reais a mais no salário, esmola do patrão
 Cuzão milionário!
 Ser escravo do dinheiro é isso, fulano!
 360 dias por ano sem plano
 Se a escravidão acabar pra você
 Vai viver de quem? vai viver de que?
 O sistema manipula sem ninguém saber
 A lavagem cerebral te fez esquecer
 Que andar com as próprias pernas não é difícil
 Mais fácil se entrega, se omitir
 Nas ruas áridas da selva
 Eu já vi lágrimas, suficiente pra um filme de guerra
 Aqui a visão já não é tão bela
 Não existe outro lugar.
 Periferia é periferia. (é gente pobre)
 Um mano me disse que quando chegou aqui
 Tudo era mato e só se lembra de tiro, aí
 Maluco disse que ainda é embaçado
 Quem não morreu, tá preso sossegado.
 Quem se casou, quer criar o seu pivete ou não.
 Cachimbar e ficar doido igual moleque, então.
 A covardia dobra a esquina e mora ali.
 Lei do Cão, Lei da Selva, hã...
 Hora de subir!
 "Mano, que treta, mano! Mó treta, você viu?
 Roubaram o dinheiro daquele tio!"
 Que se esforça sol a sol, sem descansar!
 Nossa Senhora o ilumine, nada vai faltar.
 É uma pena. Um mês inteiro de trabalho.
 Jogado tudo dentro de um cachimbo, caralho!
 O ódio toma conta de um trabalhador,

Escravo urbano.
Um simples nordestino.
Comprou uma arma pra se auto-defender.
Quer encontrar
O vagabundo, desta vez não vai ter... "foi"
"Qual que foi?"
Não vai ter "foi"
"Qual que foi?"
A revolta deixa o homem de paz imprevisível.
Com sangue no olho, impiedoso e muito mais.
Com sede de vingança e prevenido.
Com ferro na cinta, acorda na...
Madrugada de quinta.
Um pilantra andando no quintal.
Tentando, roubando as roupas do varal.
Olha só como é o destino, inevitável!
O fim de vagabundo, é lamentável!
Aquele puto que roubou ele outro dia
Amanheceu cheio de tiro, ele pedia!
Dezenove anos jogados fora!
É foda!
Essa noite chove muito.
Por que Deus chora.
Muita pobreza, estoura violência!
Nossa raça está morrendo.
Não me diga que está tudo bem!
Muita pobreza, estoura violência!
Nossa raça está morrendo.
Não me diga que está tudo bem!
Vi só de alguns anos pra cá, pode acreditar.
Já foi bastante pra me preocupar.
Com dois filhos, periferia é tudo igual.
Todo mundo sente medo de sair de madrugada e tal.
Ultimamente, andam os doidos pela rua.
Loucos na fissura, te estranham na loucura.
Pedir dinheiro é mais fácil que roubar, mano!
Roubar é mais fácil que tramar, mano!
É complicado.
O vício tem dois lados.
Depende disso ou daquilo. Ou não, tá tudo errado.
Eu não vou ficar do lado de ninguém, por quê?
Quem vende droga pra quem? Hã!
Vem pra cá de avião ou pelo porto ou cais.
Não conheço pobre dono de aeroporto e mais.
Fico triste por saber e ver
Que quem morre no dia a dia é igual a eu e a você.
Periferia é periferia.
Periferia é periferia.(que horas são? Não precisa responder...)
"Milhares de casas amontoadas"
Periferia é periferia.

"Vacilou, ficou pequeno. Pode acreditar"
Periferia é periferia.
"Em qualquer lugar. Gente pobre"
Periferia é periferia.
"Vários botecos abertos. Várias escolas vazias."
Periferia é periferia.
"E a maioria por aqui se parece comigo"
Periferia é periferia.
"Mães chorando. Irmãos se matando. Até quando?"
Periferia é periferia.
"Em qualquer lugar. É gente pobre."
Periferia é periferia.
"Aqui, meu irmão, é cada um por si"
Periferia é periferia.
"Molecada sem futuro eu já consigo ver"
Periferia é periferia.
"Aliados, drogados, então..."
Periferia é periferia.
"Deixe o crack de lado, escute o meu recado."

Fonte: Musixmatch

Compositores: Josemir Jones Fernandes Prato / Pedro Paulo Soares Pereira

Tradução War (Guerra)
Bob Marley

Até que a filosofia
Que mantém uma raça superior
E outra inferior
Seja finalmente e permanentemente
Desacreditada e abandonada
Em todo lugar haverá guerra
Eu digo que haverá guerra

Até que não existam
Cidadãos de primeira e segunda classe em qualquer nação
Até que a cor da pele de um homem
Não seja mais significante do que a cor dos seus olhos
Eu digo que haverá guerra

Até que os direitos humanos básicos
Sejam igualmente garantidos a todos, sem discriminação de raça
Isso é guerra

Até esse dia
O sonho de paz duradoura
Cidadania mundial
Regras de moralidade internacional
Permanecerão como ilusões fugazes a serem perseguidas
Mas nunca alcançadas
Agora em todo lugar haverá guerra
Guerra

Até que o regime ignóbil e infeliz
Que aprisiona nossos irmãos na Angola
Em Moçambique
África do Sul
Em condições subumanas
Seja derrubado
Inteiramente destruído
Bem, em todo lugar haverá guerra
Eu digo que haverá guerra

Guerra no leste
Guerra no oeste
Guerra no norte
Guerra no sul
Guerra, guerra
Rumores de guerra

Até esse dia
O continente africano
Não conhecerá a paz

Nós africanos lutaremos
Achamos isso necessário
E sabemos que vamos vencer

Porque estamos confiantes
Na vitória
Do bem sobre o mal
Do bem sobre o mal, sim
Do bem sobre o mal
Do bem sobre o mal, sim

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/artes/mangue-beat.htm>

**Minha Alma
(O Rappa)**

A minha alma 'tá armada
E apontada para a cara do sossego
Pois paz sem voz paz sem voz
Não é paz é medo

As vezes eu falo com a vida
As vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero
Conservar para tentar ser feliz

As vezes eu falo com a vida
As vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero
Conservar para tentar ser feliz

A minha alma 'tá armada
E apontada para a cara do sossego
Pois paz sem voz paz sem voz
Não é paz é medo

As vezes eu falo com a vida
As vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero
Conservar para tentar ser feliz

As vezes eu falo com a vida
As vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero
Conservar para tentar ser feliz

As grades do condomínio são para trazer proteção
Mas também trazem a dúvida se é você que 'tá nessa prisão
Me abrace e me dê um beijo
Faça um filho comigo
Mas não me deixe sentar na poltrona no dia de domingo, domingo
Procurando novas drogas de aluguel
Nesse vídeo coagido
É pela paz que eu não quero seguir admitindo

As vezes eu falo com a vida
As vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero
Conservar para tentar ser feliz

As vezes eu falo com a vida
As vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero
Conservar para tentar ser feliz

As grades do condomínio são para trazer proteção
Mas também trazem a dúvida se é você que 'tá nessa prisão
Me abrace e me dê um beijo
Faça um filho comigo
Mas não me deixe sentar na poltrona no dia de domingo, domingo
Procurando novas drogas de aluguel
Nesse vídeo coagido
É pela paz que eu não quero seguir admitindo

Procurando novas drogas de aluguel
Nesse vídeo coagido
É pela paz, pela paz que eu não quero seguir admitindo

Me abrace e me dê um beijo
Faça um filho comigo
Mas não me deixe sentar na poltrona no dia de domingo, domingo
Procurando novas drogas de aluguel
Nesse vídeo coagido
É pela paz que eu não quero seguir admitindo

Procurando novas drogas de aluguel
Nesse vídeo coagido
É pela paz que eu não quero seguir admitindo

É pela paz que eu não quero seguir
É pela paz que eu não quero seguir
É pela paz que eu não quero seguir admitindo

É pela paz que eu não quero seguir
É pela paz que eu não quero seguir
É pela paz que eu não quero seguir admitindo

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/artes/mangue-beat.htm>

Canto das Três Raças

Clara Nunes

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativo
E de lá cantou
Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou
E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor
E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/artes/mangue-beat.htm>

A Cidade

Chico Science

O sol nasce e ilumina
As pedras evoluídas
Que cresceram com a força
De pedreiros suicidas
Cavaleiros circulam
Vigiando as pessoas
Não importa se são ruins
Nem importa se são boas

E a cidade se apresenta
Centro das ambições
Para mendigos ou ricos
E outras armações
Coletivos, automóveis,
Motos e metrô
Trabalhadores, patrões,
Policiais, camelôs

A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade se encontra
Prostituída
Por aqueles que a usaram
Em busca de uma saída
Ilusora de pessoas
De outros lugares,
A cidade e sua fama
Vai além dos mares

E no meio da esperteza
Internacional
A cidade até que não está tão mal
E a situação sempre mais ou menos
Sempre uns com mais e outros com menos

A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade não pára

A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce

Eu vou fazer uma embolada,
Um samba, um maracatu
Tudo bem envenenado
Bom pra mim e bom pra tu
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus

Num dia de sol, Recife acordou
Com a mesma fedentina do dia anterior.

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/artes/mangue-beat.htm>

7.2 DOCUMENTOS QUE COMPROVAM A AQUISIÇÃO DO MATERIAL PARA A ELETIVA DE MÚSICA EM 2012 NA UNIDADE ESCOLAR EREM CARLOS FREDERICO DO RÊGO MACIEL.

FNDE

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA FINANCEIRA
COORDENAÇÃO-GERAL DE CONTABILIDADE E ACOMPANHAMENTO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS

PRESTAÇÃO DE CONTAS

RELAÇÃO DE BENS ADQUIRIDOS OU PRODUZIDO

BLOCO 1 – IDENTIFICAÇÃO		02 – Exercício 2012
01 – Programa/Ação	FNDE/PDDE-PROGRAMA ENSINO MÉDIO INOVADOR	
03 – Nome da Razão Social	COSLHO ESCOLAR CARLOS MACIEL	04 – N.º do CNPJ 03.342.153/0001-05
05 – Endereço	RUA: OSCAR ANDRÉ DE ALBUQUERQUE -118-TIMBI	06 – Município CAMARAGIBE
		07 – UF PE

BLOCO 2 – IDENTIFICAÇÃO DOS BENS ADQUIRIDOS OU PRODUZIDOS					
08 – Documento			10 – Quantidade	11 – Valor (R\$)	
Tipo	Número	Data		Unitário	Total
NF	00325	25.07.2012	16	Planilha anexa 01	10.500,00
NF	00551	15.08.2012	47	planilha anexa 03	2.055,00
NF	00548	31.07.2012	02	planilha anexa 07	160,00
NF	5797	15.08.2012	01	planilha anexa -9	943,00
NF	000752	14.09.12	02	Planilha anexa 10	1.858,00
NF	00547	15.08.2012	11	planilha anexa 15	1.199,00
NF	1441	02.08.2012	02	planilha anexa 16	85,00
12 - TOTAL					16.800,00

BLOCO 3 – AUTENTICAÇÃO		VALMIRA MARIA DE A COELHO CRUZ	
CAMARAGIBE 30 / 10/2012	Local e Data	Nome do(a) Dirigente ou do Representante Legal da UEx ou EM	Assinatura do(a) Dirigente ou do Representante Legal da UEx ou EM

TERMO DE DOAÇÃO

Pelo presente instrumento a Unidade Exe **COS.ESCOLAR CARLOS MACIEL** da Escola **EREM PROF. CARLOS FREDERICO DO RÊGO MACIEL** faz, em conformidade com a aplicável ao Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e demais normas pertinentes à matéria, a doação do (s) bem (ns), conforme discriminado (s) abaixo, adquirido (s) ou produzido (s) com recursos do referido Programa, ao (à) Município de CAMARAGIBE, para que seja (m) tombado (s) e incorporado (s) ao seu patrimônio público e destinado (s) à escola acima identificada, à qual cabe a responsabilidade pela guarda e conservação do (s) mesmo (s).

Nº. Ordem	Descrição do Bem	Qtde.	Nota Fiscal		Valor (R\$)	
			Nº.	Data	Unitário	Total
1	AMPLIFICADOR DE SOM	1	325	25.07.2012	1.450,00	1.450,00
2	EQUALIZADOR DE SOM	1	325	25.07.2012	750,00	750,00
3	MESA DE SOM COM 16 CANAIS	1	325	25.07.2012	1.450,00	1.450,00
4	VIA DE CAIXA DE SOM	2	325	25.07.2012	500,00	1.000,00
5	MICROFONE	4	325	25.07.2012	175,00	700,00
6	CONTRA BAIXO	2	325	25.07.2012	750,00	1.500,00
7	VIOLÃO	2	325	25.07.2012	200,00	400,00
8	TECLADO	2	325	25.07.2012	650,00	1.300,00
9	BATERIA	1	325	25.07.2012	1.950,00	1.950,00
Total (R\$)						10.500,00
CAMARAGIBE, 30 de outubro de 2012		VALMIRA MARIA DE AMARIZ COELHO CRUZ				
Local e Data		Nome do (a) Dirigente ou do Representante Legal da Uex ou EM		Assinatura do (a) Dirigente ou do Representante Legal da UEx		

- Sobre
- Consulta por Escola
- Consulta por Escola Inep

Consulta por Escola

Código da Escola

Dados da Escola

Cod. Escola:	26107945				
Nome Escola:	ESCOLA DE REFERENCIA EM ENSINO MEDIO PROFESSOR CARLOS FREDER				
UF:	PE	Município:	CAMARAGIBE	Rede Ensino:	ESTADUAL
Nível Ensino	Qtde Alunos				
ENSINO MEDIO					443
TOTAL					443

Unidade Executora (UEX)

Executora	CONSELHO ESCOLAR CARLOS MACIEL	CNPJ	03342153000105	UF	PE	Município	CAMARAGIBE
-----------	--------------------------------	------	----------------	----	----	-----------	------------

Dados Bancários

Programa/Ação	Banco	Agência	Conta
PDDE	001	3504	0000072141

Situação da Unidade Executora (UEX)

Dados Cadastrais	A Unidade Executora (UEX) atualizou os seus dados cadastrais no corrente exercício. Data de atualização: 27/03/2012
Prestação Contas	Não consta, na base de dados do FNDE, pendência de prestação de contas de recursos do PDDE, ou de suas ações agregadas.

Situação da Entidade Executora (EEX)

Adesão ao PDDE	A Entidade Executora (EEX) aderiu ao PDDE neste exercício. Data de adesão: 06/06/2012
Prestação Contas	Não consta, na base de dados do FNDE, pendência de prestação de contas de recursos do PDDE, ou de suas ações agregadas.

1 Para mais informações sobre adesão ao PDDE contate a Coordenação de Execução de Programas (COENP), pelos telefones: (61) 2022.5555/5559/5581, ou pelo endereço eletrônico: pdde@fnde.gov.br

2 Para mais informações sobre situação de prestação de contas dos recursos do PDDE, entre em contato com o Atendimento Institucional do FNDE pelos telefones (61) 2022.4142 / 4155 / 4165 / 4253 / 4783 / 4818 / 4377 / 4379 / 4933 ou pelo endereço eletrônico sac@fnde.gov.br

Destinação	Custeio	Capital	Total	Data	Ordem	Valor
					Pgto	Pago
PDDE / PDDE ENSINO MÈDIO INOVADOR	39.200,00	16.800,00	56.000,00	05/07/2012	529724	56.000,00
PDDE / PDDE ENS MÈDIO	3.294,48	1.411,92	4.706,40	03/07/2012	528879	4.706,40
Subtotal	42.494,48	18.211,92	60.706,40			60.706,40
Total Geral	42.494,48	18.211,92	60.706,40			60.706,40

param inf banco|2012|02|23034011707201200|000000276852|000000545268
 2012 02 PFF46M9001N 000000276852
 2012 02 PFF46M9001N 000000276852

LIBERAÇÕES - CONSULTAS GERAIS

Página 1 de 1



Fundo Nacional de
Desenvolvimento da Educação

Ministério
da Educação

:: LIBERAÇÕES - CONSULTAS GERAIS ::

Entidade.: 03.342.153/0001-05 - CONSELHO ESCOLAR CARLOS MACIEL	Município.: CAMARAGIBE - PE
--	-----------------------------

PDDE - PROGRAMA DINHEIRO DIRETO NA ESCOLA						
Data Pgto	OB	Valor	Programa	Banco	Agência	C/C
03/JUL/2012	528879	4.706,40	MANUTENÇÃO ESCOLAR - PDDE - Médio	BANCO DO BRASIL	3504	0000072141
05/JUL/2012	529724	56.000,00	PDDE Apoio Escolar-Ensino Médio Inovador	BANCO DO BRASIL	3504	0000072141
Total:		60.706,40				

Dados referentes ao fechamento do dia: **08/07/2012**

[Volta a consulta de liberações](#)

Anexo II



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
 DIRETORIA DE AÇÕES EDUCACIONAIS
 COORDENAÇÃO GERAL DE APOIO À MANUTENÇÃO ESCOLAR
 COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO DE PROGRAMAS
 COORDENAÇÃO DE EXECUÇÃO DO PDDE
 PROGRAMA DINHEIRO DIREITO NA ESCOLA



DECLARAÇÃO

Declaramos para fins de direito que concordamos com a prestação de contas referente aos recursos do MEC/FNDE do Projeto PDDE/2012 ENSINO MÉDIO INOVADOR, UTILIZADOS PELA UEX ,CONSELHO ESCOLAR CARLOS MACIEL da EREM PROF. CARLOS FREDERICO DO RÊGO MACIEL.

Camaragibe, 25 de outubro de 2012
 Local e data

CONSELHO FISCAL – Conselheiros:

1. Maria Fei Augusto Silva
2. Marina Ferreira da Silva
3. Maria da Conceição Albuquerque
4. Arnaldo Rodrigues da Silva Filho
5. Carla